



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - I
COLEGIADO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Ramille Silva Bastos

**Participação: um Estudo de Caso da Associação de Mulheres
Baixagrاندense - Bahia (AMBG)**

Salvador

2022

RAMILLE SILVA BASTOS

**Participação: um Estudo de Caso da Associação de
Mulheres Baixagrاندense - Bahia (AMBG)**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Departamento de Educação, da Universidade do estado da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharelado em Ciências Sociais, sob a orientação da Prof^a. Dra. Cleide Magáli dos Santos.

Salvador

2022

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

B327p

Bastos, Ramille Silva

Participação: um estudo de caso da Associação de Mulheres
Baixagrândense -Bahia (AMBG) / Ramille Silva Bastos. - Salvador, 2022.
114 fls : il.

Orientador(a): Profª Drª Cleide Magali dos Santos.

Inclui Referências

TCC (Graduação - Ciências Sociais) - Universidade do Estado da
Bahia. Departamento de Educação. Campus I. 2022.

1.Associativismo. 2.Participação feminina - associações.
3.Associativismo rural feminino. 4.Associação de Mulheres
Baixagrândense - Bahia.

CDD: 301

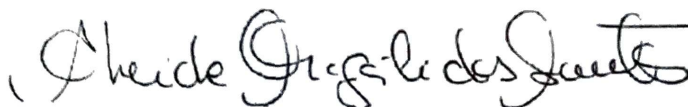
RAMILLE SILVA BASTOS

**Participação: um Estudo de Caso da Associação de Mulheres
Baixagrandense- Bahia (AMBG)**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Departamento de Educação, da Universidade do estado da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharelado em Ciências Sociais, sob a orientação da Prof^a Dra. Cleide Magáli dos Santos.

Aprovada em: 14/12/2022

Banca Examinadora:



Prof.^a Dra. Cleide Magáli dos Santos. - Orientadora



Prof.^a Dra. Iêda Rodrigues da Silva Balogh. - UNEB



Prof. Mestre Sandro Roberto Santa Bárbara do Espírito Santo. - UNEB

Dedico este trabalho às mulheres da Associação de Mulheres Baixagrândense - Bahia, a todos(as) envolvidos(as) na construção da pesquisa e a ida a campo, à minha mãe, mulher da zona rural, e as demais mulheres rurais baixagrândenses, que são mães, donas de casas, agricultoras rurais, lideranças, associadas, entre outros ofícios, que lutam e resistem no campo.

AGRADECIMENTOS

Às associadas da Associação de Mulheres Baixagrandense – Bahia que contribuíram com minha formação enquanto pesquisadora, proporcionando o aprendizado em campo. Agradeço a ótima hospitalidade e a confiança com que disponibilizaram a organização e compreensão em todo processo de pesquisa.

À minha Mãe Marileide da Silva Santos, minha vida, uma das maiores colaboradoras para a pesquisa, apoiando emocionalmente e materialmente, cuidando da minha filha Morgana para que eu pudesse desenvolver este trabalho.

À minha filha Morgana Silva Bastos, minha menina negra, por ser minha luz e minha força, pois ela foi uma das maiores motivações para prosseguir com a pesquisa.

À minha orientadora Dra. Professora Cleide Magáli dos Santos que acreditou no tema e meu potencial, orientou o trabalho com competência e desenvolveu uma relação profissional e de amizade no decorrer da pesquisa, apoiando em momentos difíceis da produção científica.

Aos meus amigos\as Diana Barros e Gabriel Carvalho por acompanhar este trabalho desde o início, pela motivação e o carinho, apoiaram-me nas horas mais difíceis da monografia, acreditaram no meu potencial e possibilitaram diálogos acadêmicos a respeito da pesquisa.

Aos meus ancestrais negros\as e indígenas que lutaram historicamente para que eu pudesse estar aqui hoje.

À Residência Estudantil de Salvador e Associação dos Estudantes Baixagrandenses que possibilitou materialmente minha estadia em Salvador para os estudos. Aos colegas dessa residência, pois graças a eles é possível ter uma moradia para que possamos ingressar no ensino superior.

À minha família, especialmente meu pai, Romildo Queiroz Bastos, tia Jeovani Queiroz Bastos e tia Conceição Queiroz Bastos, importantes para minha trajetória de vida para além da acadêmica.

À professora Núbia Ramos, pois colaborou para o trabalho inicial ao indicar as primeiras teorias do associativismo.

À Fernanda Santiago, minha colega de curso que teve um papel importante inicialmente na construção do projeto de pesquisa.

À minha namorada Deise Gabriela Carmo por ter sido meu porto seguro, uma grande companheira, motivadora e contribuiu para o processo de finalização do trabalho de conclusão do curso.

À Universidade do Estado da Bahia e toda comunidade, à política de cotas que me possibilitou a ser a primeira mulher negra da família a ingressar em uma Universidade Pública.

À equipe de profissionais da Universidade especialmente os técnicos, seguranças e profissionais de limpeza, que colaboram para o funcionamento da Universidade do Estado da Bahia.

A todas\os amigos\as, conhecidos, entre outros que contribuíram de forma indireta ou diretamente com este trabalho.

Agradeço a todo corpo acadêmico do Departamento de Educação e ao Colegiado do curso Ciências Sociais, professores por proporcionarem a realização do meu sonho: minha monografia como retorno da minha formação acadêmica para minha cidade de Baixa Grande-BA, que contribuiu para eu ser Bacharelanda em Ciências Sociais.



Sim, acho que na Associação, é assim, viu? Quando a gente tá só, a gente sente mais enfraquecido, né? pra gente conseguir as coisas também é um pouco menos, e quando a gente tá junto com as mulheres, além da gente sentir fortalecida de falar também sobre, é porque sempre quando a gente tá a gente fala dos problemas de cada uma, né? Então a gente sente mais fortalecida e aí a gente sente capaz de produzir mais e mais, porque tá uma dando força pra outra, i ai influencia sim na sociedade a onde a gente vive porque isso a gente vai, além de contribuir pra nossa felicidade, a gente vai produzir mais e mais, ainda vai ter feira de cultura como você viu, né? Porque juntas somos mais. (Associada AMBG)

RESUMO

A investigação aborda a Associação de Mulheres de Baixa Grande-Bahia (AMBG), mais nomeadamente: analisa como se dá sua atuação social e política no município de Baixa Grande-Bahia no período de 2010 a 2019. Para tanto, tem como objetivos específicos: identificar a estrutura e organização da AMBG; identificar as ações de articulação da associação com outros atores sociais e compreender a atuação da associação dentro da perspectiva de gênero. Como aportes teóricos, pauta-se em autores tais como: Putnam (1970, 2006) e Luchman (2000) sobre associativismo; Ganança (2006), Avritzer (1997), Martins (2019) sobre a ação coletiva institucionalizada associativa (o associativismo) no Brasil; Sales (2007), Serrano (2014), Heredia e Cintrão (2006), Bruno (2011) e Mélo, Moraes e Costa (2014) sobre associativismo e participação feminina rural no Brasil dentre outros/as; Sardenberg (2009). sobre empoderamento. Metodologicamente caracteriza-se por uma abordagem qualitativa (André, 1995), tendo o Estudo de Caso (Yin, 2001) como modo de investigação privilegiado, recorrendo a triangulação de técnicas de coleta de dados, tais como: análise documental (Alves-Mazzotti,1999); análise de conteúdo (Bardin,2004; Rocha e Deusdara, 2005; Moraes,1999); observações de reuniões e ações (Minayo, 2016) e realização de entrevistas semiestruturadas com informantes chaves (Triviños, 1987). Como principais resultados, a investigação verificou que quanto à questão da Participação, nos dez (10) anos da AMBG, se deu de forma concisa, salientando-se que as associadas se dispersam em diversas formas de Participação que não apenas em assembleias/reuniões, caracterizando por participação em feiras, na produção, nas vendas, na organização de eventos, Participação em Formações etc., tudo isso considerando a realidade dessas mulheres - marcada pela maternidade e pela divisão sexual do trabalho. Assim, na maioria dos anos de sua existência, não houve enfrentamento intensivo dos motivos para a baixa participação e apenas nos anos mais recentes a AMBG instituiu estratégias para aumento do número de associadas e conseqüente amadurecimento e fortalecimento da Participação na e pela AMBG. De tal modo, a investigação identificou ainda o caráter pedagógico da participação e das ações desenvolvidas pela AMBG.

Palavras-Chave: Associativismo Rural Feminino; Associação de Mulheres de Baixa Grande-Bahia (AMBG); Participação e Associativismo Rural Feminino.

ABSTRACT

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFIA	Associação Franciscana de Instrução e Assistência
AMBG	Associação de Mulheres Baixagrândense
BAHIATER	Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Social
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
CAR	Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional
CESOL	Centro Público Economia Solidária
CGU	Controladoria-Geral da União
CPT	Comissão Pastoral da Terra
CRAS	Centro de Referência e Assistência Social
CTL	Centro de Treinamento de Líderes
COMAF	Cooperativa Mista da Agricultura Familiar
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
FAB	Federação das Associações de Baixa Grande
FEBAFES	Feira Baiana da Agricultura Familiar e Economia Solidária
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
SDR	Secretaria de Desenvolvimento Rural
SESI	Serviço Social da Indústria
SENAES/MTE	Secretaria Nacional de Economia Solidária

SETAF	Serviço Territorial de Apoio à Agricultura Familiar
SETRE	Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte.
SICOOB	Sistemas das Cooperativas Financeiras do Brasil
STTR	Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo Baiano
UNICEF	Nações Unidas para Infância
UNISOL	Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
PT	Partidos dos Trabalhadores

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - APORTES TEÓRICOS	5
1.1 Associativismo.....	5
1.2 Associativismo e Participação.....	10
1.3 Brasil: surgimento das primeiras Associações e as mudanças no padrão da ação coletiva ao longo da história.....	12
1.4 Associativismo e seus impactos na sociedade brasileira.....	18
1.5 Associativismo e Participação feminina no contexto rural brasileiro.....	23
CAPÍTULO 2 - APORTES METODOLÓGICOS	31
2.1 Decisões Técnicas.....	31
2.1.1 Sobre a abordagem, o modo de investigação e as técnicas: definições.....	31
2.2 Impressões e Expressões: o campo no “Campo” - Baixa Grande.....	36
2.2.1 Das andanças no “campo”.....	36
CAPÍTULO 3 - ASSOCIAÇÃO DE MULHERES BAIXAGRANDENSE (AMBG)	42
3.1 Baixa Grande, um lugar no mundo.....	42
3.2 Um pouco da história da ABMG.....	43
.3.3 Da sua Gente: sobre as Associadas.....	49
CAPÍTULO 4 - PARTICIPAÇÃO NA ASSOCIAÇÃO DE MULHERES BAIXAGRANDENSE (AMBG)	53
4.1 Estrutura, organização social-política e as principais vozes.....	54
4.2 Parcerias e Relações com outros atores sociais: a aprendizagem na/da Participação na AMBG.....	65
4.3 Impactos da atuação da AMBG.....	86
4.4 Das especificidades das questões e gênero na AMBG.....	89

CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS.....	107
APÊNDICES	113
REGISTROS FOTOGRÁFICOS	114

INTRODUÇÃO

Com uma vasta produção técnico-científica, as pesquisas sobre mulheres abordam os mais diversos “tipos” de mulheres, entretanto, mesmo em um país com uma vasta zona rural, ainda se denota uma lacuna no que se refere às mulheres da zona rural, “mulheres rurais”.

Além disso, o interesse pelas temáticas pertinentes às mulheres rurais, se relacionam ainda ao pertencimento dessa pesquisadora à zona rural do estado da Bahia, especificamente à Baixa Grande, cidade na qual, migrante de Ilhéus, desenvolveu sua infância e adolescência.

O município de Baixa Grande (Bahia) segundo a Resolução Provincial nº 2.502 17/07/1885, tem como território de identidade Bacia do Jacuípe Baixa Grande, Capela do Alto Alegre, Capim Grosso, Gavião, Ipirá, Mairi, Nova Fátima, Pé de Serra, Pintadas, Quixabeira, Riachão do Jacuípe, São José do Jacuípe, Serra Preta, Várzea da Roça e Várzea do Poço. Faz divisa com os municípios de Mairi, Pintadas, Ipirá, Macajuba e Mundo Novo. Hoje, com uma área total de 946,6 km², Baixa Grande fica distante 252 Km de Salvador, capital do Estado da Bahia. As rodovias BA-052 e a BR-407, são a principal via de acesso ao município, que não possui aeroporto. A cidade caracteriza-se pelo clima semiárido e subúmido seco, apresenta cerca de 21.403 habitantes de acordo com último censo do IBGE em 2017.

Por ocasião do Trabalho de Conclusão de Curso, adveio o interessar pela realidade das mulheres baixa-grandenses, já que nessa cidade existem muitas mulheres nos espaços de poder, seja como presidentes de associações, coordenadoras e lideranças comunitárias.

As associações cumprem um papel importante na sociedade, pois elas podem auxiliar no processo de empoderamento dos sujeitos envolvidos e, também, podem alcançar transformação social em uma comunidade. Podemos ter vários enfoques analíticos, por exemplo: as associações como o processo de socialização dos indivíduos, promover desenvolvimento local, transformação social, fomentar a identidade de determinados grupos: mulheres, etnia, raça, cultura, recreativo, lazer, entre outros. De tal modo, a contribuição importante que as associações permitiram ampliar os domínios das práticas democráticas

para diversas esferas da vida social, constituindo meios alternativos para dar voz aos desfavorecidos em função das condições desiguais de distribuição de dinheiro e poder.

A contribuição importante é que as associações permitiram ampliar os domínios das práticas democráticas para diversas esferas da vida social, constituindo meios alternativos para dar voz aos desfavorecidos em função das condições desiguais de distribuição de dinheiro e poder.

Existe uma diversidade de associações, pode-se aqui citar: as associações de estudantes; as associações profissionais; as associações de bairro que seus membros podem se articular enquanto moradores para ver os problemas existentes no bairro e buscar soluções ou cobrar dos órgãos públicos. E aquelas que nos move aqui: as associações rurais que abrangem uma responsabilidade com toda comunidade, geralmente com foco a agricultura local indo de encontro ao agronegócio predominantemente hoje no Brasil.

De tal modo, pela literatura se percebe que as associações para além do espaço de um caráter transformador ainda assume um caráter de formação, ou seja, é importante para reforçar os laços de solidariedade, coletividade, a autogestão e, também, a participação política, aprender conviver com as divergências e tentar entrar em consensos pelas pautas.

Entretanto, ao pesquisar sobre associativismo, percebe-se que as produções científicas não são da área das Ciências Sociais, além de serem mais relacionadas às associações ou cooperativas de renda, tirando da associação a sua finalidade social e política.

A partir da leitura de teorias sobre associativismo para delimitar melhor o tema de pesquisa, aqui se recorre a Putnam (1970, 2006) e Luchman (2000), dentre outros autores, as quais puderam me possibilitar uma visão mais ampla de como as associações se organizam; os tipos de associações; os impactos democráticos; os avanços que elas podem possibilitar aos seus associados e a comunidade pertencente, seja na resolução de problemas sociais ou possibilitar uma autonomia aos seus associados.

De tal modo, a pesquisa ora apresentada aborda a Associação de Mulheres Baixagrاندense (AMBG), mais nomeadamente: analisa como se dá sua atuação social e política no município de Baixa Grande-Bahia no período

de 2010 a 2019. Para tanto, tem como objetivos específicos: identificar a estrutura e organização da AMBG; identificar as ações de articulação da associação com outros atores sociais e compreender a atuação da associação dentro da perspectiva de gênero.

Para tanto, essa investigação pautou-se metodologicamente na abordagem qualitativa (André, 1995). Caracteriza-se como um Estudo de Caso (Yin, 2001) que permite a triangulação de técnicas de coleta de dados, que nessa investigação foram: análise documental (Alves-Mazzotti,1999); análise de conteúdo (Bardin,2004) Rocha e Deusdara (2005), Moraes (1999); observações de reuniões e ações (Minayo,2016) e entrevistas semiestruturadas com informantes chaves (TRIVIÑOS, 1987).

Como principais resultados, a investigação verificou que quanto à questão da Participação, nos dez (10) anos da AMBG, se deu de forma concisa, salientando-se que as associadas se dispersam em diversas formas de Participação que não apenas em assembleias/reuniões, caracterizando por participação em feiras, na produção, nas vendas, na organização de eventos, Participação em Formações etc., tudo isso considerando a realidade dessas mulheres - marcada pela maternidade e pela divisão sexual do trabalho. Assim, na maioria dos anos de sua existência, não houve enfrentamento expressivo dos motivos para a baixa participação e apenas nos anos mais recentes a AMBG instituiu estratégias para aumento do número de associadas e conseqüente amadurecimento e fortalecimento da Participação na e pela AMBG. De tal modo, a investigação aponta ainda o caráter pedagógico das ações desenvolvidas pela AMBG (diálogos com inúmeros atores sociais, eventos etc.).

Dos anos estudados, os temas/questões propriamente de gênero, teve uma abordagem ainda pequena ou inexistente de certos temas pelas associadas e tanto em registro em atas, quanto nas entrevistas, as associadas em geral não abordaram com profundidade tais temas.

Contudo, surgiram aqui e ali, falas que mostram que será uma questão de tempo para eclodirem cada vez mais o necessário enfrentamento de algumas questões de gênero – são falas de entrevista, bem como no registro das atas que citam assuntos que vão do papel da maternidade até o empoderamento político das mulheres nos espaços públicos, através de

participação em eventos. Assim, a investigação aponta que para o caráter pedagógico das ações desenvolvidas pela AMBG (diálogos com inúmeros atores sociais, eventos etc.).

Por fim, a organização desse relatório de pesquisa, apresenta-se através de quatro (4) capítulos.

No capítulo I, traz aportes teóricos, pautando-se em autores tais como: Putnam (1970, 2006) e Luchman (2000) sobre associativismo; Ganança (2006), Avritzer (1997), Martins (2019) sobre a ação coletiva institucionalizada associativa (o associativismo) no Brasil; Sales (2007), Serrano (2014), Heredia e Cintrão (2006), Bruno (2011) e Melo, Moraes e Costa (2014) sobre associativismo e participação feminina rural no Brasil dentre outros/as e ainda, Sardenberg (2009) sobre empoderamento feminino.

No Capítulo II, encontram-se os aspectos metodológicos que embasaram o desenvolvimento dessa investigação: as escolhas técnicas e algumas inferências sobre as experiências da pesquisadora no processo investigativo.

No capítulo III, apresenta-se uma caracterização geral da AMBG (a localidade, a história e um perfil das associadas).

No capítulo V, apresenta-se os dados coletados e analisados sobre a Participação das mulheres na AMBG. Para tanto, esse capítulo subdivide-se em quatro subitens, a saber: Estrutura e organização social-política e as principais vozes; Parcerias e Relações com outros atores sociais: a aprendizagem na/da Participação na AMBG; Impactos da atuação da AMBG e Das especificidades das questões de gênero na AMBG a aprendizagem na/da Participação.

Por fim, apresentam-se as considerações finais e as referências bibliográfica utilizadas.

CAPÍTULO 1 - APORTES TEÓRICOS

1.1 Associativismo

Um autor central para essa investigação é Robert Putnam, cientista político. Em especial, sua obra *Comunidade e Democracia: a experiência da Itália moderna* (1970), faz uma viagem exploratória pela Itália, conhecendo várias regiões tais como Seveso e Pietrapertosa, dentre outras. Nesta obra, Putnam pôde acompanhar as evoluções de várias instituições regionais emergentes que representam os diversos meios econômicos, sociais, culturais e políticos da península italiana. As repetidas visitas às várias capitais regionais logo revelaram diferenças marcantes no tocante do desempenho institucional. Assim, nessa obra, o autor coloca como tese a questão central: quais são as condições necessárias para criar instituições fortes, responsáveis e eficazes?

O estudo de Putnam pauta-se em duas teorias da Ciência Política: (i) “Instituição moldam a política” segunda a qual as instituições moldam a identidade, o poder e as estratégias dos atores e (ii) “Instituições são moldadas pela história” na qual a história como elemento importante que condiciona o antes e ao depois.

No desempenho institucional, segundo Putnam, ter êxito significa capacitar os atores a resolver suas divergências da maneira mais eficiente possível, considerando as diferentes preferências, afinal as instituições são criadas para alcançar propósito. De tal modo, Putnam procura descrever uma comunidade cívica através de alguns elementos. A participação numa comunidade cívica pressupõe mais espírito público do que essa atitude, mais voltada para vantagens partilhadas (p. 102); o autor coloca, ainda, elementos tais como solidariedade, confiança e tolerância: “Os cidadãos da comunidade cívica são mais do que meramente atuantes, imbuídos de espírito público e iguais. Os cidadãos virtuosos são prestativos, respeitosos e confiantes uns nos outros mesmo quando divergem entre si. A comunidade cívica não está livre de conflito, pois seus cidadãos têm opiniões diferentes, firmes sobre as questões públicas, mas são tolerantes com seus oponentes. (p.102).

Somado a esses elementos, Putnam, analisa ainda que a cooperação voluntária é mais fácil em uma comunidade que tenha herdado um bom

estoque de Capital Social sob a forma de regras de reciprocidade e sistemas de participação cívica. O capital social diz respeito às características da organização social, como confiança, normas e sistemas que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas. “O capital social é produtivo, possibilitando a realização de certos objetivos que seriam inalcançáveis se ele não existisse.” (PUTNAM, 2006 p.177)

Como exemplo, o autor traz o caso dos agricultores, um grupo cujos membros demonstram confiabilidade e que depositam ampla confiança uns nos outros e que é capaz de realizar muito mais do que outro grupo que careça de confiabilidade e confiança. Em uma comunidade rural onde um agricultor ajuda o outro a enfardar o seu feno e onde os implementos agrícolas são reciprocamente emprestados, o capital social permite a cada agricultor realizar seu trabalho com menos capital físico sob a forma de utensílios e equipamento. Com isso o capital social facilita a cooperação espontânea.

Putnam discute sobre a reciprocidade e traz o conceito “reciprocidade generalizada” desrespeito a uma contínua relação de troca que a qualquer momento apresenta desequilíbrio ou falta de correspondência, mas que supõe expectativas mútuas de que um favor concedido hoje venha a ser retribuído no futuro. A regra da reciprocidade generalizada é um componente altamente produtivo do capital social. As comunidades em que essa regra é obedecida tinham melhores condições de coibir o oportunismo e solucionarem o dilema da segurança enfrentado pelos cidadãos das repúblicas comunais do Norte da Itália medieval, assim como das associações de mútua assistência criadas para enfrentar os riscos econômicos no século XIX. Assim, o conceito de capital social vai me possibilitar uma análise dentro da associação, observando as redes de conexões entre as associadas.

Apesar da interessante abordagem, uma crítica ao autor faz-se necessária:

Quando Putnam (2002) refaz a trajetória da organização de homens e mulheres ao longo da história italiana – a organização por meio de guildas, associações de trabalhadores/as, associações de mútua assistência, sindicatos, associações recreativas – simplesmente retira todo o componente político, todo o conflito das diversas lutas sociais que geraram essas formas de organização da sociedade civil (GANANÇA, 2006, p. 16).

Luchman (2000), autora da área da Ciência Política, igualmente traz as abordagens teóricas sobre o associativismo e seus efeitos democráticos. Ela oferece um panorama geral sobre as teorias associativistas em relação ao capital social, movimentos sociais e sociedade civil.

Portanto, os impactos e as condições podem ser analisados de diversas maneiras e seguindo por vários enfoques analíticos, a fim de avaliar: influências dos grupos e associações no processo de socialização dos indivíduos; as potencialidades em promover a reprodução; interação ou transformação social; suas capacidades de alavancar o desenvolvimento econômico; o fomento de estruturas e de identidade cultural.

O interesse da autora pelo associativismo está também interligado com os impactos dos fenômenos da globalização, da complexidade e da pluralização na reconstituição das identidades e práticas e repertórios da ação coletivamente. O papel e os impactos das associações que se destacam o desenvolvimento individual contribuindo para a formação de cidadãos mais democráticos, especialmente em sua capacidade de produzir julgamentos autônomos, na formação da opinião políticas no fortalecimento das instituições de representação, criação de canais institucionais que produzam, via participação dos cidadãos, decisões políticas legítimas. Por meio da representação política, da pressão, da resistência, da participação ou cooperação.

Desse modo, a associação se apresenta como um avanço e contribuição às associações, que permitiram ampliar os domínios das práticas democráticas para diversas esferas da vida social, constituindo um meio de dar voz aos desfavorecidos em função das condições desiguais de distribuição de renda e poder político. Luchman faz escolha das três abordagens que podemos fazer sobre associativismo: capital social, sociedade civil e movimentos sociais

Segundo Luchman, as práticas associativas são importantes para o exercício democrático pela sua capacidade de defender as demandas dos grupos mais vulneráveis e excluídos socialmente, tem um caráter pedagógico da promoção de virtudes cívicas de confiança, cooperação e espírito público por denunciar as relações de poder ou promover e ocupar os espaços de cogestão de políticas públicas enriquecendo as bases da participação e da representação política. Luchman coloca que as associações, através das redes

associativas, reduzem os comportamentos oportunistas, desenvolvem um senso de pertencimento coletivo e produzem práticas de colaboração.

Luchman traz o conceito de Robert Putnam, inicialmente sobre Capital Social, que é uma abordagem a qual possibilitou para análise do objeto desta pesquisa, pois trata justamente das relações de reciprocidade, solidariedade, cooperação, ou seja, as redes de conexão dentro da associação que transcende o eu individual para o nós, ou aumentando nos participantes o gosto pelos benefícios coletivos.

Segundo Luchman (2012), o associativismo é um elemento importante na medida em que desloca as atribuições dos problemas e condições do plano pessoal para o coletivo ou sistêmico, requisito essencial para o desencadeamento de um movimento social. Entretanto, Luchman faz uma diferenciação entre movimentos sociais e associações. Inicialmente a autora lembra que Movimento Social tem um caráter conflituoso e contencioso, demarcando essa especificidade em tal ação coletiva, já o Associativismo pode até ser resultado de um Movimento Social ou, dependendo da natureza da Associação, pode ser identificada como tal, embora não se confunda com um movimento social, o qual incorpora diferentes sujeitos e relações

Assim, associações podem ser consideradas centrais da ação movimentalista e embora não se confundam, pode ser uma estrutura mobilizadora. Nessa vertente, as principais funções democráticas dos movimentos sociais é a capacidade de alterar a realidade social. Diferente da perspectiva do capital social, a ênfase recai sobre a dimensão conflitiva das ações coletivas, a qual, se por um lado ilumina um conjunto de articulações e associações que usam repertórios questiona a ordem social, por outro impede um olhar para um campo mais amplo de práticas associativas. De outra forma, a ênfase na dimensão contestadora e articulatória dos movimentos sociais pode obscurecer não apenas a importância de determinados grupos e atores que são centrais em sua constituição, mas também as articulações ou sua interdependência com outros atores e setores que transcende, a esfera estatal.

A outra abordagem a qual Luchman se propõe a fazer sobre a sociedade civil, associações e democracia, segundo a autora relação entre sociedade civil e associativismo está ancorada na tese de que as associações civis são as

instituições especializadas e responsáveis por produzir culturas e tradições formar identidades coletivas e práticas ancoradas nos princípios de democracia e da solidariedade. A sociedade civil constitui um conjunto de atores e de instituições que se diferenciam dos partidos e de outras instituições que se diferenciam dos partidos e de outras instituições políticas, uma vez que não estão organizados, conforme o poder tendo em vista a conquista o poder e, também, dos agentes e instituições econômicas, não estão diretamente associados à competição no mercado.

Enfim,

A associação é vista como uma forma de se alcançar objetivos coletivamente, uma vez que, individualmente, consegui-los seria difícil. Nessa perspectiva, o associativismo figura como uma possibilidade de resolução de problemas ou de melhoria das condições de vida. (SANTOS *apud* MARTINS, 2019 p. 35).

Faz-se necessário diferenciar Cooperativas de Associações, que apesar da limitação ao diferenciar, não pude achar autores que pudessem trazer essa discussão teórica, então essa definição pode abarcar um pouco ainda que tenho ressalvas sobre pela literatura encontrada sobre essa discussão de cooperativismo o qual necessariamente ela se limita ao econômico: “está na natureza dos dois processos. Enquanto as associações são organizações que tem por finalidade a promoção de assistência social, educacional, cultural, representação política, defesa de interesses de classe, filantrópicas; as cooperativas têm finalidade essencialmente econômica. Seu principal objetivo é o de viabilizar o negócio produtivo de seus associados junto ao mercado. A compreensão dessa diferença é o que determina a melhor adequação de um ou outro modelo. Enquanto a associação é adequada para levar adiante uma atividade social, a cooperativa é mais adequada para desenvolver uma atividade comercial, em média ou grande escala de forma coletiva, e retirar dela o próprio sustento.” (ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE ASSOCIAÇÃO E INDUSTRIAL BRASILIENSE, 2018)

Enfim, a ação coletiva institucionalizada associativa (o associativismo) contribui para o avanço de uma democracia participativa.

Por fim, vale ressaltar que,

No Brasil, a figura associativa é definida no Código Civil e na Lei de Registros Públicos como uma pessoa jurídica de direito privado,

institucionalizada, devidamente registrada nos cartórios de registro civil de pessoas jurídicas, constituídas livremente pela união de pessoas em torno de uma finalidade não econômica ou não lucrativa. É uma figura jurídica específica, com certos contornos e configurações conferidos pela nossa legislação. (GANANÇA, 2006, p.31).

Segundo Martins (2019), as associações comunitárias podem ser compreendidas enquanto grupo de pessoas que tem como principal objetivo influenciar as decisões políticas em favor dos interesses da coletividade. Entretanto, é necessário o envolvimento de todos os membros, confiança e respeito a regras de convívio em coletivo para que de fato seja atingido o interesse de todos os envolvidos. Ou seja, o autor traz que os principais objetivos dessas organizações são o estabelecimento de relações horizontais de convivência, solidariedade e respeito mútuo para atingir seus interesses pessoais e coletivos diversos, buscando uma maior participação dos seus membros que se caracteriza pela conscientização, confiança interpessoal, cooperação e descentralização do poder.

Ao analisar os representantes dessas associações comunitárias perceberá um grau alto de confiança interpessoal entre os membros, para Martins quanto maior a confiabilidade maior os motivos que geram participação política. As pessoas não seguras e confiáveis em relação algum aspecto da realidade social possuem dificuldades de envolvimento. Sendo assim, a confiança entre os membros das associações comunitárias rurais em certa medida explica também a persistência desses agentes sociais na luta por maior e efetiva representatividade frente ao poder público.

1.2 Associativismo e Participação

Conforme Pizzorno (1975),

(...) a participação política é uma ação que se realiza em solidariedade com outros, no âmbito de um Estado ou de uma classe, com vistas a conservar ou modificar a estrutura (e, portanto, os valores) do sistema de interesses dominantes". O autor continua afirmando que a participação "é expressão do pertencimento a certo grupo social, e quanto mais seguro é esse pertencimento (e poderíamos igualmente dizer, quanto maior a identidade comum entre os indivíduos), tanto maior será a participação política" (p.62).

Por sua vez, Ganança (2006) nos lembra que a “participação política por meio da ação coletiva de inúmeras associações contribui para o avanço da democracia e para a conquista e efetivação de direitos civis, políticos e sociais (p.1), tal temática pode ser interpretada a partir de diversas perspectivas teóricas. O autor ainda destaca que: “a participação é um processo educativo. Expressar desejos e necessidades, construir argumentos, formular propostas, ouvir outros pontos de vista, reagir, debater e chegar ao consenso são atitudes que transformam todos\as aqueles que integram processos participativos.” (p. 19).

Avelar (apud Martins, 2019. p.34) afirma que,

...a participação abrange um universo diferenciado de manifestações empíricas, e que sempre haverá dificuldades na sistematização de todo o seu repertório nas democracias modernas. A autora distingue em três grandes vias os canais de participação: 1) Canal eleitoral, que abrange todo tipo de participação eleitoral e partidária, conforme as regras constitucionais e do sistema eleitoral adotado em cada país; 2) Canais corporativos, que são instâncias intermediárias de organização de categorias e associações de classe para defender seus interesses no âmbito fechado dos governos e do sistema estatal; 3) Canal organizacional, que consiste em formas de organizações coletivas no âmbito da sociedade civil, como os movimentos sociais, as subculturas políticas, as atividades das organizações não governamentais de natureza cívica, experiências de gestão pública em parceria com grupos organizados da sociedade, como o orçamento participativo, os conselhos gestores etc.

Desse modo, Martins resume:

As Ciências Sociais, de modo geral, têm se debruçado sobre a questão da participação política na tentativa de apreender suas formas de concretização, seus valores e suas lógicas. Do ponto de vista da Ciência Política, observa-se novas experiências de participação (conselhos gestores, associações comunitárias, organizações não governamentais, orçamentos participativos) que vão além das tradicionais formas de participação política restritas ao sufrágio universal e representação parlamentar. Esses novos canais de participação política têm possibilitado a criação de mecanismos de intermediação entre o Estado e a sociedade civil, ou seja, aproximando pessoas e diferentes segmentos sociais organizados da elaboração, implantação e fiscalização de políticas públicas. (MARTINS, 2019, pag. 34).

Martins (2019) ainda discute sobre participação política para além das vias tradicionais do Estado, recorrendo a teoria da democracia participativa:

A teoria da democracia participativa tem defendido que as instituições mediadoras da democracia regulamentem mecanismos institucionais para que diferentes segmentos sociais possam participar ativamente da política. defende que a sociedade civil construa novos arranjos de possibilidades que viabilizem um maior controle social.” (MARTINS, 2019 p.33).

O autor salienta que democracia não se limita apenas a escolha de representantes em eleições, mas que a sociedade civil participe para além da escolha de um representante político. Além disso, na perspectiva da democracia participativa, a participação política vai além das atividades voltadas para as eleições periódicas, incluindo o trabalho coletivo para resolver problemas não tratados pelos governos.

Dessa forma, o canal organizacional seria o que mais se adequa na análise do caso da Associação de Mulheres Baixa Grande – Bahia, objeto dessa investigação.

Por fim, como discute Santos (2013), ainda se deve dar destaque a dimensão pedagógica da Participação enquanto processo de aprendizagem. Para a autora, a Participação Política não se dá apenas na dimensão social como discorre Putnam (1996), mas também, na dimensão individual conforme discutiu o autor John Dewey (1997, 2002, 2003,2004).

1.3 Brasil: surgimento das primeiras Associações e as mudanças no padrão da ação coletiva ao longo da história

Segundo Avritzer (1997) no caso do associativismo no Brasil na época da independência, foi um associativismo de natureza religiosa, destacando as Santas Casas de Misericórdia e as Irmandades Religiosas, essas se encarregavam de atividades de solidariedade social, tais como, a alimentação dos necessitados, o cuidado com os doentes, o abrigo dos viajantes.

Contudo, a estrutura organizacional das Santas Casas era totalmente homogeneizadora, pois solicitavam a comprovação da pureza sanguínea, da situação econômica e dos antecedentes religiosos dos seus associados. Dessa forma, a primeira forma do associativismo colonial latino-americano era homogeneizante e não poderia haver se construído na base de um processo de pluralização social.

A segunda forma de associativismo colonial no Brasil foi a proliferação de irmandade leigas. Em Minas Gerais durante o século XVIII, tais irmandades que tiveram o objetivo de contornar a proibição de entrada das ordens religiosas nas reuniões auríferas, caracterizaram-se por congregar pessoas que havia elegido um santo padroeiro comum. Segundo Boschi (*apud* Avritzer, 1997) “elas cumpriram a importante função histórica de serem um veículo... talvez o único de que a população em geral dispunha... para se manifestar com relativa liberdade e autonomia”

De tal modo, Avritzer (1997) aponta que as irmandades representaram um avanço em relação ao Associativismo característico das Santas Casas na medida em que havia irmandades de escravos, superando, portanto, a homogeneização racial. Por outro lado, os diferentes grupos que se associavam nas irmandades tinham como limite para sua autonomia, as limitações de uma sociedade homogênea do ponto de vista religioso.

Além disso, o autor traz outra forma de associativismo latino – americano: a formatada pelas lojas maçônicas na região, que cumpriram três tipos de papéis diferentes nas sociedades europeias, elas constituíram uma forma de associativismo que rompeu com a identidade medieval entre estamento e organização, elas romperam com o pressuposto religioso do associativismo ao transformar a laicidade em critério de adesão, elas constituíram uma reação à tentativa do absolutismo de romper com as formas intermediárias de associação entre indivíduo e o Estado características das sociedades pré-modernas. Assim, as primeiras lojas maçônicas a surgiram no Rio de Janeiro foi em 1815, porém não romperam com os padrões tradicionais de associativismo, pois a maçonaria brasileira não foi capaz de romper com a monarquia e foi capaz de chamar o próprio imperador para ser o presidente da associação, além da ação dos seus participantes não se pauta por um padrão laico e pluralista.

Avritzer (1997) discorre ainda, sobre como a partir da primeira década de sessenta do século passado começaram a ser criados clubes abolicionistas no Rio de Janeiro, em Ouro Preto e em Recife. As características desses clubes apontam na direção das modernas associações civis, e eles realizaram as primeiras manifestações públicas da história do país, foram os primeiros clubes a admitir a participação das mulheres e constituíram o primeiro

momento de utilização da imprensa para a realização de discussões com conteúdo moral na esfera pública.

O autor expõe que as associações voluntárias criadas no Rio de Janeiro no fim do século foram três tipos: (i) um primeiro tipo, ainda forte na década de 70, foi o associativismo religioso. As irmandades continuavam representando a fonte mais importante de associativismo, com todas as consequências em termos de hierarquia e de restrição à livre entrada; (ii) pode-se perceber um segundo tipo de associativismo representado pelas associações de ajuda mútua. Essas associações, constituídas por brasileiros e imigrantes, incluíam entre os seus objetivos a previdência dos seus filiados, entretanto, as associações de uma ajuda mútua se consolidaram em um reduzido número de associações com um largo contingente de filiados. De acordo com o censo de associações trazido pelo autor feito no Rio de Janeiro em 1912, a cidade contava naquele momento com 555.109 habitantes, dentre os quais 280.000 indivíduos eram associações voluntárias. As irmandades religiosas possuem 65.000 membros, representam 25% de todos os associados, algumas poucas associações as quais a Sociedade de Beneficência Portuguesa, com 40.384 membros, concentrava a maior parte dos indivíduos associados. Portanto no fim do século surge um associativismo ainda marcado pelo componente religioso, e começa a se homogeneizar como surgindo um terceiro tipo (iii) o associativismo sindical constituído por poucos atores e associações, antes que pluralizasse.

Sendo assim, Avritzer ressalta que a partir de meados dos anos setenta (70) ocorrem mudanças importantes no padrão homogeneizador de ação coletiva, que prevaleceu em países da América-latina: Brasil, México, Argentina desde meados dos anos trinta (30).

Dessa forma, Avritzer destaca quatro (4) fenômenos importantes para essa mudança no padrão da ação coletiva: primeiramente houve uma renovação na significatividade das práticas do movimento sindical no Brasil, o sindicalismo tem uma influência reduzida nas questões ligadas à cidadania, o que demonstra a sua transformação em uma das formas possíveis de ação coletiva. Já no México o sindicalismo continua sendo mais uma forma de inserção do estado do que uma forma de ação coletiva, o surgimento de movimentos sociais autônomos tem uma distância considerável do movimento

sindical e em Argentina o peso global do movimento sindical foi reduzido e substituído por outros movimentos formadores de opinião, tais como os movimentos de direitos humanos ou movimentos formados por identidades locais. A segunda mudança é em relação à construção de solidariedades locais, os regimes autoritários latino-americanos, ao colocar à margem a questão social e diminuírem os direitos e os serviços sociais da população, contribuíram para a proliferação de um conjunto de práticas de autoajuda, introduzidas tanto por movimentos sociais quanto por associações civis. Assim, trabalharam o conteúdo de ação coletiva, que passou a estar ligada à construção, no nível local, da ideia da comunidade autônoma e solidária. Caracteriza-se assim as novas formas de associativas, vale destacar movimentos de cozinhas coletivas, formas de mutirão para a construção de casas e equipamentos coletivos. O terceiro elemento que contribuiu para a pluralização das formas de ação coletiva, trata-se da classe média em meados dos anos setenta (70), quando se identificam setores dessa classe atuando de forma coletiva na esfera pública, e apresentando as suas próprias reivindicações, levando à constituição de um conjunto de movimentos culturais, movimentos corporativos, e associações comunitárias locais. Logo, há uma mudança no padrão da ação coletiva e a ideia de um espaço público plural, no qual a identidade entre os atores sociais passa a ser formal. Finalmente, a quarta mudança na América Latina, trata-se do surgimento de um conjunto de associações temáticas, surgidas a partir de meados dos anos setenta (70), os chamados grupos de direitos humanos, que a partir dos anos oitenta (80) somam-se os grupos ecológicos e associações constituídas em torno da questão de gênero. Por conseguinte, não havendo só uma pluralização de atores sociais, como também, de temas articuladores da ação coletiva.

Além disso, Avritzer (1997) coloca que no Brasil pós 1970, dois fenômenos marcam o novo associativismo, a saber: a substituição da funcionalidade pela territorialidade e a pluralização das formas de ocupação do espaço público. O primeiro fenômeno está ligado à expansão do associativismo comunitário nas principais cidades do Sudeste do país, tendo como o resultado, o aumento no ritmo de constituição de associações comunitárias. O autor destaca dois exemplos: as associações de profissionais liberais e as associações organizadas. Nesses casos, os dados de Santos que Avritzer

expõe mostra que as associações de profissionais quase todas foram criadas pós 1970, na cidade de São Paulo 92,5% das associações de profissionais de saúde, 88,11% das de advogados, 81,8% das de professores e 79,1% das de artistas. Na cidade do Rio de Janeiro, 83% das associações de profissionais de saúde, 76,2 dos advogados, 66,7 das de médicos. Além disso, ressalta “o número significativo de associações civis articuladas em torno de temas tais como direitos humanos, os direitos da mulher e a ecologia. Desta maneira, “essas associações mostram que o processo de pluralização da ação coletiva envolve apenas a constituição de formas de solidariedade a partir da identificação com certo espaço físico cultural, mas também a construção de uma identidade de uma condição comum (gênero) ou de um valor inegociável (direitos humanos ou ecologia).”

Por fim, Avritzer conclui a partir destes dados que no Brasil ocorreu uma mudança significativa nas formas de ação coletiva e de ocupação do espaço público.

Diante disso,

...ocorre um processo de socialização a partir de baixo, um processo que seu significado principal consiste na ocupação pluralizada do espaço societário por uma diversificação de atores sociais e associações. Além disso, atores coletivos ocupam o espaço público, criando um polo distinto da sociedade política para a satisfação das necessidades e para constituição de novas identidades. Por outro lado, esse espaço plural possui apenas duas formas de relação com a sociedade política: ou uma divisão do trabalho no qual o espaço societário e o espaço político se dissociam, ficando a representação a cargos da sociedade política, ou uma estrutura de campanha que expressa um poder de veto último da sociedade civil sobre a sociedade política. (AVRITZER, 1997, p. 165).

Dos avanços no que tange a pluralização e a ocupação do espaço público, este novo associativismo, não corresponde novas formas de equilíbrio no interior do espaço societário e na relação entre atores sociais e o sistema político. Em ambos os casos prevalece ou uma ocupação do espaço público pela sociedade política ou uma inserção seletiva de associações no Estado, associações essas que adquirem um status semipúblico atribuído pela própria sociedade política.

De tal modo, não há dúvida que no Brasil contemporâneo se estabelece um enorme desafio da Participação e talvez a retomada e incremento do associativismo seja uma saída ao contexto de democracia ameaçada.

A estratégia de exercer pressão sobre o Estado para torná-lo mais flexível à participação de associações e demais organizações da sociedade civil tem como objetivo o compartilhamento do poder, a partir de uma ideia ampliada de democracia (GANANÇA,2006, p.24).

De qualquer sorte,

(....) durante a década de 1990, [o] papel atribuído às organizações da sociedade civil foi ampliado para um leque muito maior de políticas públicas e renovado a partir de um novo discurso, não mais da benemerência, da caridade e da filantropia, mas sim da eficiência, profissionalização, voluntariado, ineficiência do Estado e corresponsabilização da sociedade civil. Uma tentativa de mudança do arcabouço jurídico da relação das associações “prestadoras de serviço” com o Estado também foi elaborada. [a partir de Constituição de 1988]. (GANANÇA, 2006, p.30).

Nesse contexto, foi assim, que tivemos um expressivo crescimento no número de associações no Brasil verificado entre os anos de 1996 e 2002. Crescimento para o qual, alguns fatores podem ter influenciado, tais como:

1. O processo de abertura política, redemocratização e posterior consolidação da nossa democracia é um dos fatores que possibilitam um maior florescimento da sociedade civil organizada, expresso no crescimento de suas associações civis. A consolidação de uma institucionalidade democrática cria um ambiente favorável e aberto à organização autônoma e voluntária de grupos e cidadãos em estruturas associativas.
2. A existência de programas e fundos públicos que são direcionados para associações civis é um dos incentivos promovidos pelo Estado que resultam em um aumento do número de associações civis: tanto de grupos e movimentos sociais não institucionalizados que se formalizam para poderem acessar esses recursos, como de novas associações que são criadas unicamente visando ao acesso a esses recursos, seguindo uma lógica comercial de prestação de serviços.
3. As condicionalidades impostas pelo Estado, de formalização de grupos populares ou de trabalhadores, para o exercício de certos direitos ou acesso a certos benefícios, é um dos fatores que influenciaram o crescimento de associações civis a partir da década de 1990. Podemos citar três casos concretos: a) necessidade de formalização de associações quilombolas, em nome das quais é conferido o domínio coletivo do território, à comunidade; b) necessidade de formalização de associações extrativistas como condição de assinatura com o Estado de contrato de concessão de direito real de uso e o termo de compromisso com populações tradicionais de reservas extrativistas (Lei 9985/00, art. 14, e Decreto 4329/2002, art. 13); c) necessidade de formalização de associações de trabalhadores/as rurais e agricultores/as como condição de recebimento de empréstimos e financiamento público.
4. A existência de uma imensa estrutura institucional participativa, formada por milhares de conselhos de políticas públicas (...) que pelas próprias condicionalidades da presença de organizações institucionalizadas nesses espaços gera um impacto no crescimento do associativismo e nas formas de

estruturação da ação coletiva no país. Cabe ressaltar que o Estado brasileiro, a partir de 1988, passou a estimular um novo papel protagonista das associações civis e demais organizações da sociedade civil, dentro do nosso sistema político, a saber, o papel de exercer democraticamente o controle social das políticas públicas, assim como influenciar a sua elaboração e configuração. 5. Um processo progressivo de institucionalização de lutas e movimentos sociais e uma opção privilegiada que o formato associativo vem adquirindo na expressão dessas lutas. A partir da década de 1990 ganharam maior expressão na sociedade civil brasileira movimentos sociais que têm uma característica organizativa associativa, como o movimento ambientalista, o movimento de defesa dos direitos da criança e do adolescente e o movimento de portadores de DST/Aids. Cabe acrescentar que movimentos mais antigos, como o movimento feminista e o movimento negro, vêm cada vez mais se institucionalizando em Ongs feministas e Ongs do movimento negro, sem perder o seu caráter de ação coletiva autônoma. 6. Podemos falar que o crescimento de um segmento associativo, o associativismo produtivo, pode ter sido causado pela estagnação econômica vivenciada pelo Brasil nas últimas duas décadas, sendo o mesmo considerado como uma alternativa ao desemprego (...) e como uma nova forma de organização do trabalho. (GANANÇA, 2006, p.90-92).

De tal modo, é importante ressaltar que no país, há uma enorme pluralidade e heterogeneidade desse universo associativo: igrejas, escolas, hospitais, universidades, entidades de assistência social, associações patronais e profissionais, associações de produtores/as rurais, entidades de cultura e recreação, meio ambiente, associações de moradores e organizações de defesa de direitos, entre outras.

1.4 Associativismo e seus impactos na sociedade brasileira

Segundo Martins (2019) o associativismo pode ser um forte instrumento político, tanto para consolidar sistemas políticos, quanto para promover transformações reais de melhoria de condições de vida das pessoas. Carlos (*apud* Martins, 2019, p.46) corrobora que a prática do ativismo civil por meio da participação dos indivíduos em movimentos associativos tem demonstrado impactos importantes sobre propostas e políticas públicas elaboradas com a participação política.

Dessa forma, Martins (2019) apresenta que,

...as contradições socioeconômicas impostas pelos sistemas de produção capitalista, diferentes agentes sociais organizados

coletivamente em Organizações da Sociedade Civil buscam garantir uma maior interferência nas diversas questões políticas, a fim de que as demandas sociais possam ser atendidas pelo poder público. (MARTINS, 2019 p. 44).

Luchmann (*apud* MARTINS, 2019. p. 44),

...argumenta que em oposição à ditadura civil militar implantada em 1964 o associativismo no Brasil ganhou maior relevância com o processo de mobilização dos movimentos sociais na década de 1980. Depois de 21 anos de regime ditatorial, sustentada pela repressão, vigilância dos meios de comunicação e quase nenhuma possibilidade de liberdade de expressão, a luta pela redemocratização mobilizou diferentes segmentos e instituições da sociedade civil, entre os quais podemos citar: a União Nacional dos Estudantes (UNE), a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Associação Brasileira de Imprensa (ABI), Igreja Católica, movimentos feministas, entre outros.

Ainda de acordo com Souza:

Os movimentos associativos de base surgiram através de redes de solidariedade entre os moradores que através da ajuda mútua procuram melhorar o terreno compartilhado pelos moradores, o espaço da rua, e constituir uma força que participará da tomada de decisões na cidade. (SOUZA, 2014 p. 13).

Silveira (*apud* MARTINS 2019, p. 45) coloca:

Os movimentos sociais dos anos 70-80 vinham ancorados na crítica aos movimentos da fase anterior ao golpe militar, cuja sujeição à tutela dos partidos e dos sindicatos, bem como à manipulação do poder público instituído, através de seus políticos populistas era tida com razão do fracasso dos trabalhadores e dos setores populares, de modo geral, em 46 resistir à reação ao processo revolucionário que se desenhava e que foi interrompido pelo golpe.

Ganança (2006) aponta que houve inovações institucionais ocorridas no Brasil a partir da Constituição Federal de 1988, resultantes de um longo processo de mobilização e luta social nos anos 70 e 80 estabelecendo um novo papel político às associações e demais organizações da sociedade civil na democracia brasileira, a partir de uma concepção democrática participativa. O processo de abertura política e redemocratização do Estado brasileiro que ocorreu durante a década de 1980 foi influenciado e ao mesmo tempo impulsionou a formação de um amplo campo de forças políticas democráticas: associações de moradores, associações profissionais, associações de defesa

de direitos humanos, sindicatos, movimentos sociais, igrejas etc. Dessa forma estes diversos grupos, movimentos e associações, para além de suas pautas e agendas específicas, defendiam um projeto democrático para o país como um eixo central de suas ações, em oposição a um Estado autoritário e à reprodução de antigas práticas clientelistas e antidemocráticas do nosso sistema político.

Assim, o autor expõe que as associações, movimentos sociais e sindicatos tiveram um grande impacto como a promulgação da Carta Constitucional de 1988. De tal modo, estes movimentos tiveram força e expressão política suficiente para provocar uma verdadeira democratização no nível institucional-legal do no sistema político brasileiro. A carta constitucional de 1988, entre outros avanços democráticos, reconheceu novas atribuições para as associações civis dentro do sistema político brasileiro, destacando o seu papel protagonista no exercício do controle social e na influência das políticas sociais em todos os níveis da Federação. As forças políticas e sociais formularam as bases e princípios de um Estado democrático, social e aberto à participação popular, o que se tornou princípios constitucionais que deveriam pautar as políticas públicas de Estado.

De tal modo, Ganança (2006) apresenta alguns dispositivos positivados referentes a participação da sociedade civil nas políticas públicas, aqui se destaca aquele relacionado ao objeto dessa investigação: as Associações de Mulheres Rurais, o Art. 187 que diz que A política agrícola será planejada e executada na forma de lei, com participação efetiva do setor de produção, envolvendo produtores e trabalhadores rurais, bem como dos setores de comercialização, de armazenamento e de transportes, levando em conta especialmente.

O autor, ainda apresenta que essas diretrizes constitucionais de participação da sociedade nas decisões governamentais, especialmente nas políticas sociais foram efetivadas a partir de 1988 por meio da concepção e implementação de espaços institucionais de participação, que buscavam operacionalizar princípios da democracia participativa (conselhos de políticas públicas, conferências, orçamentos participativos, etc.) consagradas na Constituição Federal.

Diante disso, a estratégia de exercer pressão sobre o Estado para torná-lo mais flexível a participação de associações e demais organizações da sociedade civil tem como objetivo o compartilhamento do poder, a partir de uma ideia ampliada de democracia. Assim os principais espaços institucionais para essa finalidade foram os Conselhos de Políticas Públicas, vinculados às políticas sociais a exemplo de assistência social, saúde, criança e adolescente, política urbana, etc. Aqui já vale apontar que a AMBG, objeto dessa investigação, procurou a participar destes espaços de Conselhos e reconhecendo a importância para a política pública.

Ganança (2016) salienta ainda que várias lutas sociais a partir do final dos anos 80, a exemplo: movimento sanitário, movimento em defesa dos direitos da criança e do adolescente, assistência social, reforma urbana, meio ambiente, etc., buscaram construir e defender políticas públicas universais e garantidoras de direitos por meio da criação de sistemas descentralizados participativos nas políticas públicas, resultando assim na criação de milhares conselhos.

Portanto, Ganança (2016, p.19) conclui que:

O Estado brasileiro não só passou a reconhecer institucionalmente a plena liberdade associativa, mas também estimulou um novo papel protagonista das associações civis e demais organizações da sociedade civil, dentro do nosso sistema político. A saber, o papel de exercer democraticamente o controle social das políticas públicas, assim como influenciar a sua elaboração e configuração. Reconhecidas como atores políticos legítimos dentro do nosso sistema político, as organizações da sociedade civil, em especial as associações, passaram a ocupar outros lugares institucionais na cena democrática nacional.” (GANANÇA, 2016, p. 19).

Ao menos trata-se de uma garantia legal.

Martins (2019) ainda ressalta que no meio rural brasileiro o associativismo comunitário funciona como uma alternativa na viabilização das atividades econômicas, possibilitando aos trabalhadores uma maior participação política e envolvimento nas questões públicas. É nesse contexto que as associações comunitárias e seus diversos agentes sociais tem por meio dos grupos organizados buscado uma maior visibilidade e envolvimento nas políticas direcionadas a população do campo.

Ao analisar a relação entre associativismo e participação política nas associações comunitárias rurais de Feira de Santana- Bahia, o autor considera o associativismo como algo central no desenvolvimento e estímulo à participação política dos agentes sociais, configurando-se como relevante organização para o fortalecimento da democracia no município de Feira de Santana – Bahia.

Além disso, Martins (2019) ilustra com dados do Caritas em 2018 sobre as Organizações da Sociedade Civil no Brasil, que revelou que no país tem 290.692 associações sem fins lucrativos e fundações privadas de interesse público. Onde se constatou: religião 82.853; associações patronais e profissionais 44.939; assistência social 30.414; desenvolvimento e defesa de direitos 42.463; cultura e recreação 36.921; educação e pesquisa 17.664; saúde 6.029; meio ambiente e proteção animal 2.242; habitação 292; outras instituições privadas sem fins lucrativos 26.875, o que mostra um avanço progressivo de associações e com a diversidade em suas temáticas.

Por fim, Martins (2019, p.46) salienta que “as organizações da sociedade civil são formadas por um grande grupo de pessoas que se reúnem em busca de realização de um objetivo comum. Como essas organizações não visam lucro, seus resultados financeiros acabam sendo socializados entre os participantes ou utilizados na compra bens materiais para própria entidade. No Brasil, as Organizações da Sociedade Civil exercem uma diversidade de atividades de interesse coletivo geralmente atuam nas áreas sociais, ambientais e assistenciais.” Para alguns, o incremento de formas cooperativas e associativas do trabalho poderia promover até mesmo um potencial democrático educativo e participativo.

O associativismo voltado para o desenvolvimento ou facilitação de atividades produtivas ganhou destaque no Brasil a partir da década de 90. Contudo, a grande ênfase ainda era e é em associações formadas por trabalhadores rurais homens.

Podemos dizer que o associativismo produtivo é uma forma de organização social para o trabalho diferente das tradicionais estruturas produtivas baseadas na relação capital– trabalho. Esse segmento se aproxima da organização cooperativa do trabalho e da produção, e tem uma grande identidade com ela. Talvez tenha uma identidade muito maior com as cooperativas do que com a

perspectiva e formato da ação associativa, embora haja algumas especificidades. (GANANÇA,2006, p.62).

Também segundo Ganança (2006), o associativismo produtivo brasileiro tem uma característica eminentemente rural e a explicação para o avanço deste tipo de associação entre os anos de 1996 e 2002 supõe que é o fato da sua organização ser muito influenciada pelo Estado, a exemplo do Pronaf e outros programas de incentivos à agricultores, optam por canalizar seus recursos para associações de produtores e agricultores.

Para além da caracterização numérica e geográfica desse fenômeno, o que mais nos levou a destacar esse campo associativo é a progressiva construção de uma matriz discursiva contra hegemônica em torno do conceito de “economia solidária”, que está promovendo, no campo do associativismo produtivo brasileiro, a incorporação de princípios ético-políticos profundamente democráticos e participativos pactuados e coletivamente compartilhados. (GANANÇA, 2006, p.64).

Uma importante característica do segmento associativo nomeado de associações de produtores rurais em pesquisa do IBGE/Ipea é a sua desproporcional presença na região Nordeste, é na região Sudeste que, proporcionalmente, menos iremos encontrar esse tipo de associação

1.5 Associativismo e Participação feminina no contexto rural brasileiro

De acordo com Farah (*apud* Oliveira; Dias; Oliveira, 2019. p. 288) o conceito de gênero, ao destacar as relações sociais entre os sexos, possibilita a identificação das desigualdades que perpassam a relação entre homens e mulheres que circundam como um de seus elementos centrais as desigualdades de poder. Ainda segundo Serrano, as relações de poder que dividi o mundo entre domínio público e privado, entre a esfera produtiva e reprodutiva. Ainda, conforme Serrano (2014) a divisão sexual e social do trabalho se mostra como fator principal para construção histórica das desigualdades sobre as mulheres.

De tal modo, no caso da agricultura familiar, também é possível visualizar a divisão sexual do trabalho, pois de acordo com Melo, Moraes, Costa (*apud* Oliveira; Dias; Oliveira, 2019) ocorre a separação entre os trabalhos femininos

e masculinos, sendo as mulheres responsáveis pelo cuidado da casa, das crianças, dos animais e da roça, contando às vezes com o auxílio dos filhos, no entanto, sua atuação na roça é considerada como um auxílio ou extensão das atividades domésticas.

Sales (2007), corrobora o pensamento supracitado no que tange à mulher rural e ao trabalho realizado. Observa-se que apesar da forte presença feminina nas atividades vinculadas a agricultura, não há uma valorização da sua participação. Mesmo atuando nas atividades rurais desde a infância, essas não têm o seu trabalho reconhecido, sendo esse reduzido apenas à condição de uma ajuda, além de permanecer invisível socialmente.

Assim ao analisar os contrastes vivenciados pelas mulheres rurais, é importante considerar a precariedade das condições de vida e de acesso à informação e políticas públicas nas zonas rurais, o que intensifica ainda mais as discrepâncias sociais (HEREDIA e CINTRÃO, 2006).

Em contrapartida, segundo Oliveira, Dias, Melo (2019) a inserção no grupo\associação vai proporcionar uma mudança de perspectiva acerca do seu papel na sociedade, estas passam a vislumbrar melhores condições para a sua vida, bem como, a ocupação de espaços de decisão, passam a questionar esse lugar que impuseram, e pensar que as mulheres podem ocupar os mais diversos os espaços. Assim, como os grupos de produção e associações se constroem como espaços de promoção e reparação dessa invisibilidade, pois o processo de produção possibilita poder, autonomia, reconhecimento e conseqüentemente o empoderamento dessas mulheres que visam o desenvolvimento da comunidade. O grupo\associação possibilita ao acesso às políticas sociais com vários benefícios a essas mulheres.

Segundo Henn (*apud* Borges Brandão, 2016, p. 27):

A participação de mulheres nos movimentos sociais de organizações coletivas vem ganhando espaço, principalmente nos assuntos relacionados às necessidades de transformações sociais, em ambientes vinculados à agricultura ecológica e de grupos de agricultores familiares, pois nestes grupos as agricultoras se apresentam como protagonistas na construção da sua própria categoria política e social, assumindo acrescidas responsabilidades familiares e coletivas.

Assim, Borges e Brandão (2016) coloca sobre a importância do engajamento das mulheres rurais no sistema socioprodutivo agroecológico,

as mulheres engajadas em organizações sociais que optam pelo sistema socioprodutivo agroecológico como uma lógica empreendedora, inserem no seu modo de produção a diversidade de cultivos, ao tempo que as mulheres desempenham também diversas atividades, agrícolas e não agrícolas, principalmente, ligadas à racionalidade do empreendedorismo verde. Isto decorre do fato de que as agricultoras manejam os recursos naturais existentes em seus agros ecossistemas de maneira eficiente, sob o risco de se inviabilizarem socioeconomicamente ao longo prazo caso não consigam conservar sua biodiversidade.” (BRANDÃO e BORGES. 2016. p.28).

Além disso, Brandão e Borges (2016) colocam que os grupos de mulheres rompem barreiras, facilitando a visibilidade do trabalho das agricultoras através da exposição de seus produtos diretamente aos consumidores, principalmente no espaço das feiras livres, incluindo-se em espaços institucionais, provocando reflexões sobre gênero, assim como as práticas agroecológicas.

Aqui também vale resgatar um conceito que orientará essa investigação: empoderamento feminino.

Segundo Sardenberg (2009, p.1)

Para nós, feministas, o empoderamento de mulheres, é o processo da conquista da autonomia, da autodeterminação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal. Para as feministas latino-americanas, em especial, o objetivo maior do empoderamento das mulheres é questionar, desestabilizar e, por fim, acabar com a ordem patriarcal que sustenta a opressão de gênero. Isso não quer dizer que não queiramos também acabar com a pobreza, com as guerras etc. Mas para nós o objetivo maior do “empoderamento” é destruir a ordem patriarcal vigente nas sociedades contemporâneas, além de assumirmos maior controle sobre “nossos corpos, nossas vidas.

Assim, Sardenberg (2009) busca discutir os vários conceitos de empoderamento feminino.

Para Bartliwala (*apud* Sardenberg, 2009), uma das características do termo empoderamento é o conceito de Poder, que se defini o controle sobre recursos materiais, intelectuais e ideologia. Sendo assim, o poder decisório

emana do controle masculino, sendo necessário questionar essas ideologias e as relações de poder. Entretanto, as mulheres, nunca foram totalmente ‘desempoderadas’, pois sempre tentou expandir o espaço, mesmo quando as ideologias patriarcais conseguiram minar essas tentativas. Bartliwala, exemplifica as ações para o empoderamento (*apud* SARDENBERG; 2009 p.6)

O termo empoderamento se refere a uma gama de atividades, da assertividade individual até à resistência, protesto e mobilização coletivas, que questionam as bases das relações de poder. No caso de indivíduos e grupos cujo acesso aos recursos e poder são determinados por classe, casta, etnicidade e gênero, o empoderamento começa quando eles não apenas reconhecem as forças sistêmicas que os oprimem, como também atuam no sentido de mudar as relações de poder existentes. Portanto, o empoderamento é um processo dirigido para a transformação da natureza e direção das forças sistêmicas que marginalizam as mulheres e outros setores excluídos em determinados contextos.

Assim, Sardenberg enfatiza a partir da colocação de Bartliwa que empoderamento é o processo e o resultado, sendo que as mulheres têm como objetivo neste processo, questionar a ideologia patriarcal, transformar as estruturas e instituições que reforçam e perpetuam a discriminação de gênero as desigualdades sociais, e criar as condições para que as mulheres pobres possam ter acesso, e controle sobre recursos materiais e informacionais.

Sardenberg (2009) ainda destaca outro conceito de empoderamento feminino à luz de Stromquist que traz algumas dimensões, a saber:

O empoderamento consiste de quatro dimensões, cada uma igualmente importante, mas não suficiente por si própria para levar as mulheres para atuarem em seu próprio benefício. São elas a dimensão cognitiva (visão crítica da realidade), psicológica (sentimento de autoestima), política (consciência das desigualdades de poder e a capacidade de se organizar e se mobilizar) e a econômica (capacidade de gerar renda independente). (STROMQUIST *apud* SARDENBERG 2009 p. 6).

Já conforme Kabeer (*apud* Sardenberg, 2009) empoderamento é o processo através do qual aqueles\as a quem era negada a capacidade de fazer escolhas estratégicas para sua vida adquirem tal capacidade. Assim para a autora “poder é a capacidade de fazer escolhas. Escolha, no caso, implica na possibilidade de alternativas (...)”. De tal forma, neste pensamento sobre

empoderamento de Kabeer o processo através do qual se expandem os limites de se fazer escolhas num contexto no qual era antes era “proibido”. Deste modo, a possibilidade de se fazer escolhas de maiores consequências, implica em três dimensões distintas, mas interrelacionadas: Recursos (pré-condições), Agência (processo) e Realizações (os resultados), por recursos não só materiais, mas também os recursos humanos e sociais, que criam condições para se fazer escolhas, quanto ao acesso a esses recursos refletem as normas e regras que governam a distribuição e troca em diferentes arenas institucionais, a exemplo de família, comunidade, etc. Entretanto esse acesso depende da nossa posição no grupo, como chefe de família, ou seja, recursos de autoridade, do poder legitimado. Quanto agenciamento ou agência, seria o “poder para”, ou seja, a capacidade das pessoas de definir suas escolhas estratégicas e ir atrás de seus objetivos, mesmo diante da oposição dos outros.

Portanto, o processo de empoderamento das mulheres rurais começa também com a importância da sua inserção em espaços públicos para o empoderamento delas, pois a Participação nessa esfera se caracteriza como uma ação política e dá um novo significado ao seu papel enquanto sujeito no espaço público e privado. Ao adentrar as esferas públicas, as mulheres passam a questionar a sua invisibilidade política, econômica e social, assim como outras tantas desigualdades (BRUNO et al., 2011).

Lisboa (2008) identifica o empoderamento político como uma importante ferramenta, que se relaciona às representações de igualdade de mulheres em áreas de poder e decisão, sejam elas, formais ou informais, que lhes são de direito.

Mélo, Moraes e Costa (2014) relatam que ocupar espaços políticos-públicos, exprimir suas ideias e realizar a fala publicamente são atitudes fundamentais no processo de autonomia e empoderamento das mulheres. Dessa maneira, o grupo se mostra como uma ferramenta importante para promover o poder de fala dessas mulheres que muitas vezes são silenciadas.

Ao se tratar de empoderamento feminino de mulheres no contexto rural, Scheffler argumenta:

Para os movimentos sociais rurais, indistintamente, a autonomia econômica das mulheres constitui o primeiro passo para o seu empoderamento. A precariedade das condições de reprodução na agricultura familiar está na base da justificação deste argumento e da crescente pressão dos movimentos por serviços e investimentos

públicos. Já os estudos feministas que relacionam gênero e pobreza argumentam que as transformações. no campo brasileiro envolvem tanto mudanças nas situações engendradas pela crescente penetração do capital na agricultura – restrições à terra, às condições de produção, de mercados e de maiores rendimentos para seus produtos –, como outras dimensões na vida das mulheres que se sobrepõem às relações especificamente econômicas e que questionam sua identidade e posição social” (SCHEFLER, 2003. p. 10-11).

Dessa forma, para mudança real no contexto da maior participação das mulheres rurais nestes espaços de Associação faz necessário um processo de empoderamento para assumir o protagonismo da organização para além dos grupos de produção, segundo Schefler discorre na perspectiva feminista:

“Para o feminismo, o empoderamento implica a alteração radical dos processos e das estruturas que reproduzem a posição subalterna das mulheres, garantindo-lhes autonomia no controle do seu corpo, da sua sexualidade, do seu direito de ir e vir bem como um rechaço ao abuso físico e às violações. A abordagem de empoderamento, portanto, não é neutra, é pré-condição para se obter a equidade social, representa um desafio às relações patriarcais e aos privilégios de gênero e, por conseguinte, admite relações de poder, oposições e conflitos e seus desdobramentos os quais podem desencadear processos de mudança reveladores de outras dimensões vividas pelas pessoas e grupos sociais”.

Por outro lado, Schefler (2003) questiona as políticas sociais governamentais de combate à pobreza rural que contemplam mulheres no Estado da Bahia que tem como objetivo o empoderamento de mulheres rurais porém se limitam as condições materiais, a exemplo da geração de renda através da produção, mas não agindo com profundidade na questão simbólica, de uma sociedade patriarcal, ou seja, não intervi no processo de empoderamento do ponto de vista político dessas mulheres para que assumam o protagonismo das suas vidas e que possam gerir a gestão da associação.

A autora a partir da Associação comunitária na comunidade da Onça, na região do Nordeste, organizada coletivamente com as famílias produtoras, capitaneadas pelas mulheres que trabalham com a produção de farinha e comercialização, constatou que a participação na associação favoreceu o desenvolvimento de uma prática tradicional das mulheres locais cujo aprendizado das técnicas de produção é passado de mães para filha, promoveu a valorização da atividade promovendo renda para suas famílias e rompeu com barreiras simbólicas da divisão sexual do trabalho.

Por outro lado, Schefler levanta a questão é que “a realização de medidas supostamente dirigidas à mulher, mas que relegam a dimensão de gênero, resultando na ocultação e manutenção das estruturas de opressão.” Sendo que é considerada uma ação institucionalmente bem-sucedida para as mulheres, em 1995 a Associação foi premiada pelo Banco Mundial classificada em terceiro lugar, sendo selecionada como uma experiência inovadora na sociedade civil liderada por mulheres.

Schefler (2003) denominará de desempoderamento ao perceber que “a associação era liderada e dirigida por mulheres. Entretanto, a necessidade de substituição dos quadros da organização cuja direção já se repetia por sucessivas gestões aponta uma situação de desempoderamento” passando assim ser dirigida por um homem. Assim à medida que cresce a “importância econômica da produção de beijus, os homens tendem a exercer o controle desta atividade, até então protagonizada pelas mulheres, reproduzindo-se o domínio masculino.”

Diante disso, Schefler constata que:

1) a liberação da mulher, não somente econômica, mas também, psicológica, social, cultural e política, se constitui em uma ameaça à identidade masculina e ao poder que lhe é conferido na família e nos espaços públicos comunitários; 2) na organização agrícola familiar, tempo, trabalho e recursos são desigualmente distribuídos entre homens e mulheres e a formação da identidade feminina resulta de experiências e aprendizados com base nesta distribuição; 3) a família, para os sujeitos deste estudo, joga um papel decisivo na reprodução dos valores patriarcais: é neste espaço, que se reproduzem os papéis e as relações hierárquicas de gênero, através de normas, valores, mitos e demais aparatos simbólicos; e 4) as mulheres rurais são moldadas para o mundo privado mediante aprendizados que resultam, predominantemente, da experiência e da educação familiar, cabendo-lhes reproduzir os modelos e valores apreendidos. Já os homens se qualificam para o mundo público, cabendo-lhes as relações externas, que envolvem contatos com agentes financeiros, venda da produção, compra de insumos, participação em reuniões e cursos, contato com técnicos e agentes institucionais, o que lhes confere valor simbólico na família e aprendizado para atuar nos espaços públicos do mercado e da política.” (SCHEFLER, 2013 p. 16).

Sobre o não envolvimento das mulheres rurais nos espaços de poder, Ávila (*apud* Schefler, 2003 p. 15) ressalta, que “na reprodução da vida cotidiana, as desigualdades materiais e a dominação simbólica atuam como meios de produção de alienação e impedem o acesso à participação política.

No caso das mulheres há uma tensão entre o tempo de 'agir' do sujeito político e o das tarefas da dupla jornada, dadas pela divisão sexual do trabalho. A falta de tempo funciona como um bloqueio. A constituição das mulheres como sujeito está diretamente vinculada à abertura de novos espaços políticos e à liberação do tempo como ação transformadora.”

Scheffler reforça suas conclusões:

Segundo Naila Kabeer (2013 apud SCHEFLER 2013, p.17 “aponta os obstáculos operacionais que persistem, nos programas e projetos governamentais, para o empoderamento das mulheres, evidenciando como as desigualdades de gênero estão profundamente institucionalizadas e as relações de poder que estas expressam. Segundo a autora, as estratégias de transversalização da perspectiva de gênero só produzirão um impacto transformador na prática do desenvolvimento – no sentido da equidade social e empoderamento das mulheres – quando o gênero e as preocupações das mulheres adquirirem centralidade nas agendas públicas, tanto em termos ideológicos como institucionais, ao ponto de desencadear um processo de mudanças nas normas, prioridades e uma redistribuição substantiva de recursos. Reduzir o empoderamento da mulher apenas à possibilidade de torná-la produtiva ou com algum recurso financeiro não significa fazer justiça de gênero, não promove a equidade social e não recobre o sentido de empoderamento, conforme preconizado pelo projeto político feminista.”

Além disso a autora aponta a carência e uma proposição a ser feita nestas intervenções:

Faz falta nestas intervenções, a formação política destes sujeitos, através do repasse de informações, conhecimentos e habilidades que ajudem as mulheres a planejar e gerir sua vida pessoal, familiar e associativa. Investimentos na promoção de espaços públicos de interação entre mulheres, grupos e organizações sociais, agentes financeiros e demais instituições permitiriam abrir canais de diálogo nas relações políticas, além de propiciar trocas de experiência e enfrentamentos nos diferentes circuitos de poder. (SCHEFLER, 2013, p. 20).

Portanto, à luz dos conceitos de empoderamento feminino é algo de suma importância para contribuir na análise segundo as perspectivas das associadas sobre o conceito, o que pensam a respeito, considerando que são mulheres que assumem o protagonismo de participação das ações da Associação.

CAPÍTULO 2 - APORTES METODOLÓGICOS

2.1 Decisões Técnicas

2.1.1 Sobre a abordagem, o modo de investigação e as técnicas: definições

Essa pesquisa é de abordagem qualitativa, de caráter explanatório à luz das teorias do associativismo.

Sobre a pesquisa qualitativa, Marli André afirma: "...que esse tipo de pesquisa visa é a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade". (ANDRÉ, 1995, p. 30).

Se caracterizará como um Estudo de Caso. Segundo Yin (2001) "em geral os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo "como" e "por que", quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real."

De tal modo, o Estudo de Caso como o autor afirma, contribui para a compreensão de fenômenos individuais, organizacionais, sociais, políticos. O estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características de todos e significativas dos eventos da vida real outro exemplo como mudanças ocorridas em regiões urbanas, relações internacionais e a maturação de alguns setores.

Assim, para além de saber como é a atuação social e política, a investigação buscará compreender a sua atuação, o porquê tal ação vinculado ao seu contexto social e político.

O Estudo de Caso permite a triangulação de técnicas de coleta de dados e nessa investigação não foi diferente, nela foram utilizadas as técnicas de coleta de dados tais como: análise documental, análise de conteúdo, observações de reuniões ações entrevistas semiestruturadas com informantes chaves.

As observações circunscreveram-se às reuniões e ações tais como feiras e eventos nos quais a AMBG participou.

Para Minayo (2016) a observação tem um sentido prático, pois

na medida em convive com o grupo, o observador pode retirar de seu roteiro questões que percebe serem irrelevantes do ponto de vista dos interlocutores; consegue compreender também aspectos que vão aflorando aos poucos, situação impossível para um pesquisador que trabalha com questionários fechados e antecipadamente padronizados. A observação participante ajuda, portanto, a vincular os fatos a suas representações e a desvendar as contradições entre as normas e regras e as práticas vividas cotidianamente pelo grupo ou instituição observados. (MINAYO, 2016 p. 64).

Na investigação, ainda foi realizada a análise de documental de Atas. Sobre a análise de documentos,

[...] pode ser combinada com outras técnicas de coleta, o que ocorre com mais frequência. Nesses casos, ela pode ser usada, tanto como uma técnica exploratória (indicando aspectos a serem focalizados por outras técnicas), como para 'checagem' ou complementação dos dados obtidos por meio de outras técnicas. (ALVES-MAZZOTTI, 1999, p.169).

Para análise das atas foi elaborado um roteiro de observação do material com palavras chaves e categorização. Foram analisadas sessenta e duas (62) Atas, de um período que compreende de 10 de outubro de 2010 (fundação) até 18 de novembro 2019 praticamente as últimas reuniões da Associação, reuniões sendo suspensas pela Pandemia do Coronavírus.

Assim, essa análise foi dividida em 3 (três) etapas: a 1ª etapa 2010-2011-2012-2013, a 2ª etapa: 2014-2015 -2016 e a 3ª etapa: 2017-2018 -2019. A divisão destas etapas justifica-se pela facilidade para o processo de categorização, como também por proporcionar observar o processo de mudanças da sua atuação nestes anos. Além disso, as eleições ocorrem em cada 3 anos, ou seja, foi possível observar também a atuação da gestão ao longo de cada estes 3 anos.

A *1ª etapa 2010-2013*: As atas destes anos configuram desde a fundação da Associação de Mulheres Baixagrândense seguindo a eleição da primeira gestão findando com a eleição de 23 de novembro de 2013. Constatam-se alguns saltos dos encontros dos meses e anos entre 18 de outubro de 2010 logo um ano depois vem 5 de setembro de 2011, 7 de novembro de 2011 depois 6 de fevereiro de 2012. Sendo assim até final de 2012 chegando até novembro de 2012 há alguns meses que foram pulados talvez por não ter tido reuniões pelo menos é o que consta em ata. O ano de

2013 também há os saltos entre os meses, porém pude ver em comum em todos estes anos que não há reuniões nos meses de janeiro e dezembro o que podemos deduzir por conta das mulheres reserva estes meses como um descanso das atividades da associação durante o ano. As atas não possuem muitos detalhes, sendo assim as dificuldades apresentadas para a análise, muitas frases e palavras soltas, frases sem nexos e não identificação de muitas falas, limitando assim a minha interpretação para analisar, codificar e analisar e responder as questões. Os primeiros quatro (4) anos foram marcados pela estruturação da AMBG, ou seja, as mulheres estavam se fortalecendo como associação, além da mobilização em torno do terreno e da mini fábrica que possibilite a autonomia financeira das associadas. A 2ª etapa 2014-2016: Na análise das atas destes anos configura-se a mudança da gestão, a reforma do prédio para as polpas de frutas, nova criação do grupo de tempero dentro da AMBG para além de polpas de frutas, relações com órgãos públicos e privados, com entidades religiosas, organizações civis e políticos locais. Além disso as questões de gênero vão aparecer e participação em eventos e outros espaços da sociedade civil. Sendo assim, veremos destaque em associadas dos anos anteriores e também outras associadas irão se destacar neste contexto. A 3ª etapa 2017 -2019: nessa etapa, as atas analisadas compreendem os anos de 2017, 2018 e 2019, nelas vemos a continuidade das relações institucionais e estas entidades apresentando as questões de participação da AMBG, assim como a AMBG procurará soluções para o afastamento das associadas por outro lado, novas associadas apareceram, mas ainda assim veremos a estrutura de organização de cargos se repetindo e o destaque na atuação das mesmas associadas dos anos anteriores. Sendo assim a discussão sobre a participação ficará mais evidente nestes últimos anos e haverá a percepção da própria AMBG sobre o problema. Assim haverá uma pauta norteadora de comercialização, articulação com outras entidades para comercializar se envolvendo em projeto de órgãos públicos e diálogo com entidades a mobilização em torno da compra da barraca para a venda dos seus produtos também vai percorrer nestes anos.

Também foi realizada a análise de conteúdo do Estatuto da AMBG:

...a análise de conteúdo ultrapassa a leitura “normal”, na medida em que não busca apenas atravessar significantes para atingir significados, mas sim atingir, por meio de significantes ou de significados (manipulados), outros ‘significados’ de natureza psicológica, sociológica, política ou histórica (BARDIN, 2004, p. 41).

A escolha por análise de conteúdo consoante com Bardin justifica-se por ser um método muito empírico, dependente do tipo de fala a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo. Não existe algo pronto para vestir em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes dificilmente transponíveis. A técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos, tem que ser reinventada a cada momento, exceto para usos simples e generalizados.

Bardin ressalta: “Tratar-se-ia, portanto, de um tratamento da informação contida nas mensagens. É conveniente, no entanto, precisar de imediato que em muitos casos a análise, como já foi referido, não se limita ao conteúdo, embora tome em consideração o continente.” Assim este processo de não se limitar ao texto foi analisado nas atas, pois o fato de ter ausência frequente de colocações das demais associadas e apenas algumas tomando a frente foi um dado muito importante para analisar a participação das mulheres dentro da Associação.

Assim, foi utilizada a técnica de Bardin em seu processo de codificação na análise de conteúdo: dividindo em Personagens, Acontecimentos e Temas para codificar as associadas que colocam as pautas, as que discorrem sobre determinados, opina sobre os assuntos, os acontecimentos as principais pautas em reunião, os temas o que define em geral as pautas da reunião. No processo de codificação proposto pelo autor tinha outros elementos para além de personagem, acontecimento e tema, mas não cabia colocar estes outros elementos nas atas estudadas.

A partir disso depois foi feita o processo de categorização, de acordo com o que se propôs o roteiro, ou seja, gerando categorias que diz respeito as questões da organização social-política, questões de gênero, atuação social e política da Associação de Mulheres de Baixa Grande.

Rocha e Deusdara (2005) a respeito de análise do conteúdo dizem essa “captar um saber que está por trás da superfície textual” ir para além.

Segundo Moraes (1999) a análise de conteúdo é uma interpretação pessoal por parte do pesquisador com relação à percepção que tem dos dados. Não é possível uma leitura neutra. Toda leitura se constitui uma interpretação.” Assim segundo o autor para além disso deve ser levado em conta o contexto ao analisar os dados, também ao fazer análise do conteúdo o pesquisador deve se preocupar com o significado das mensagens para os receptores, considerando o emissor e receptores, assim tendo em consideração tanto o processo de como se diz quanto o produto.

Por fim, foram realizadas entrevistas semipadronizadas com informantes chaves. A realização de entrevistas semiestruturadas têm como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade.” (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Para definição da amostra para as entrevistas, foram utilizados critérios qualitativos, assim dadas situações/condições deveriam estar presente na amostra, a saber: (i)- ser associada desde a fundação da AMBG; (ii) - associada principal voz que caracteriza a mulher mais atuante dentro da AMBG segundo a observação das reuniões; (iii) - associada que compôs a gestão, mas não “aparece”, atuando pouco ou só uma vez foi citada em ata; (iv)- associada que não apareceu em ata em nenhum momento; (v) - associada recente/novata; (vi) - associada religiosa por entender que a religião pode vir interferir na sua vida quanto mulher e associada; (vii) - associada da zona urbana, sendo que majoritariamente as associadas são da zona rural; (viii) - associada que trabalha na minifábrica e reconhecendo que trabalhar neste local é um meio de renda para a mulher (ix)- associada que se afastou da AMBG.

Enfim, na investigação foram realizadas 6 (seis) entrevistas. Vale ressaltar aqui que no decorrer desse relatório, quando transcritas falas, será atribuído anonimato através de pseudônimos.

2.2 Impressões e Expressões: o campo no “Campo” - Baixa Grande

2.2.1 Das andanças no “campo”

Inicialmente, fez-se necessário o retorno à cidade de Baixa Grande, para viabilizar a coleta de dados. Assim, no decorrer da participação nas reuniões e, posteriormente na análise das Atas, foi verificado que aparecem pessoas não pertencentes a associação nas assembleias, mas que não há registro em Atas.

Foi constatado que as Atas são muito sucintas, oferecendo limitações para a análise tais como: não identificação de associadas que expressam seus pontos de vistas, suas opiniões, discussões não explícitas, assim as Atas citam apenas as decisões finais.

Finda coleta e a análise da Atas, já se tinha elementos que juntamente com as observações das reuniões, possibilitaram a construção roteiro de entrevista inicialmente com setenta e uma (71) questões, passando para sessenta e quatro (64) questões e por fim, 56 (cinquenta e seis) questões compuseram o roteiro, sendo subdividido em temas: o surgimento da Associação, as questões de gênero, sobre Participação, relações com entidades, organizações e instituições, diálogo com políticos locais e sua percepção da Associação atualmente, procurando responder questões as quais as atas não responderam e um aprofundamento da trajetória dessa mulher associada.

Aqui vale ressaltar que a construção de roteiro de entrevistas não foi um ato fácil, exigindo séria reflexão e ação, como por exemplo: a formulação das perguntas estava adequada para as informantes? Sofria de induções? apresentava-se em linguagem apropriada? Havia no roteiro questões que poderiam deixar as associadas desconfortáveis?

De tal modo, vale destacar ainda, que o tempo para o amadurecimento de pesquisa é muito importante e que neste caso a ocorrência da Pandemia do Corona Vírus acabou gerando circunstâncias que facilitaram a investigação, mais do que atrapalharam, especialmente no que se refere ao tempo disponível para realização dessa investigação.

Para as entrevistas, foi realizado contato com a Presidenta da AMBG, que cedeu um contato de outra associada da gestão, que passou os contatos das associadas ativas e afastadas e seus respectivos contatos. Inicialmente foi construída uma lista das associadas presentes desde a fundação e as associadas que se associaram ao longo dos dez anos da Associação, contendo seus nomes completos e povoados de residência. De acordo com a lista passada pela gestão, constatou-se que seis (6) associadas haviam desistido. Portanto, entrei em contato para me informar das associadas e atualizar a lista das sócias.

De modo geral, as entrevistas o total das 6 (seis) entrevistas, foram agendadas para um período de uma semana, entretanto, fizeram-se necessárias algumas remarcações, protelando a entrevista, os motivos foram diversos tais como: associada precisou atender alguma demanda da associação, dificuldade de comunicação, trabalho, filhos e outros imprevistos.

Ao aproximar-se o trabalho de entrevista, preocupações surgiram, sobre o tempo de entrevista, pelo roteiro ter 64 (sessenta e quatro) questões, com a possibilidade de atrasos das pessoas envolvidas e a disponibilidade dessa associada; o local com privacidade; a ocupação do tempo das informantes etc.

Com tais preocupações foi realizada a primeira experiência de uma entrevista em campo com um rigor técnico e enfrentamento das dificuldades principalmente por exigir muita responsabilidade.

Um fato marcante inicial vale ser ressaltado, houve uma questão delicada, que por exemplo, a informante fez alguns “rodeios” para responder, na verdade, tocou em algo de sua vida, que talvez não gostasse de compartilhar. Eis aqui um problema: uma questão considerada mais objetiva, não iria causar desconforto, quando em verdade ali tocava em uma página triste da vida da entrevistada.

No que tange a identificação racial das associadas houve diferentes interpretações sobre essa questão do roteiro, pois algumas associadas expuseram suas concepções sobre relações raciais na atualidade. Além disso, uma das entrevistadas expôs que foi vítima de racismo em sua trajetória.

Diante disso, coube a pesquisadora a reflexão sobre como questões raciais circulam entre elas. Dessa forma, uma questão que transparecia

objetividade, transportou para questões mais subjetivas, encaminhando para intrínsecas explicações conexas as suas relações familiares.

Os lugares da realização das entrevistas, foram bem variados de acordo com as sugestões das próprias informantes, assim foi na sede Federação das Associações (FAB), local de trabalho da informante, na igreja da comunidade, nas próprias casas da informante ou mesmo na casa de uma amiga da informante. Na maioria das casas, a pesquisadora vivenciou momento de acolhimento, quando sempre foram oferecidos café, doce, lanches, biscoitos, frutas, ressaltando que não é uma questão de as associadas quererem algo em troca, mas é um costume muito comum em Baixa Grande, principalmente na zona rural, as pessoas recepcionaram com comida. Neste caso, antes de ir à campo, a pesquisadora estava receosa sobre estas situações e os limites da ética, porém foi um diálogo importante com a orientadora (uma pesquisadora mais experiente), sobre estes contextos não representarem realmente um problema, uma vez que sendo a pesquisadora também de Baixa Grande, de fato existiria uma identidade com estas mulheres.

A referida identificação, pode ser verificada também em momentos de diálogos informais entre pesquisadora e informantes, uma experiência interessante e estranha pois realmente se fez necessário “vestir a camisa de cientista” e uma preocupação com a ética, isso porque a pesquisadora sendo “filha da cidade”, principalmente em lugares mais interioranos, é natural que seja vista sempre como “a menina de Baixa Grande”, por mais que tenha passado mais de sete anos fora da cidade, e tenha retornado como pesquisadora e mesmo havendo pouco tempo de convivência com as informantes.

Assim, pode-se considerar uma facilidade para a investigação o fato de as pessoas serem próximas, amigas de muitos anos, morar na mesma localidade, na qual a questão da confiança permitiu disponibilizar seu próprio espaço (casa) para a outra mesmo em sua ausência, e de confiar na pesquisadora - confiança essa que também pode ter sido construída na vida associativa dessas mulheres, pois os encontros possibilitam, acredito esse vínculo.

Vale destacar que apesar da diminuição do número de questões no roteiro de entrevista, ainda assim, a extensão do mesmo interferiu devido a realidade daquela informante que tinha uma questão central, a maternidade.

Aliás, a questão de ter filhos foi algo a ser considerado tanto na disponibilidade de dia e local de entrevista para algumas associadas, exemplo de outra associada, que era inviável fazer a entrevista em sua casa por conta dos filhos, e outra entrevistada que os filhos sob a responsabilidade da sua mãe interferiram na condução da entrevista tendo algumas pausas pela associada preocupada com o tempo de entrevista. Além disso, entre as informantes ainda teve um caso no qual, o decorrer da entrevista ela esteve preocupada com o filho doente o que interferiu no seu foco quanto as respostas. Por outro lado, em comparação com outra informante que foi agendada sua entrevista com maior facilidade, pois não ter filhos, logo possibilitando marcar em qualquer lugar (trabalhou ou casa), qualquer dia da semana.

Também a questão geracional e a escolaridade interferiram na entrevista. Por exemplo, lembrar de respostas e ter conhecimento de algumas ações da associação, pois devido a idade e a escolaridade da idosa limitava entendimento de algumas perguntas. Portanto, houve necessidade de a pesquisadora mudar a linguagem para o entendimento das questões.

Fez-se necessário o deslocamento da pesquisadora para as comunidades\ povoados para realizar as entrevistas, tais como: Ipoeira, Cancelas e Massaranduba em dias diferentes. Entretanto, vale destacar aqui que caronas com conhecidos das informantes ou mesmo da própria pesquisadora estão entre as facilidades vividas no decorrer da investigação, considerado como positivo para diminuição de custos de passagens e de um modo geral da própria investigação.

Os horários das entrevistas foram geralmente pelas manhãs, a partir das oito horas pelo fato de ter geralmente apenas transporte pela manhã para zona rural e para a cidade, já os retornos geralmente foram ao meio-dia.

As associadas variaram suas posturas nos momentos de entrevistas: algumas tímidas, outras mais extrovertidas, falantes ou sérias.

Outras questões tais como: em alguns momentos, barulhos, pausas por muitos motivos como banheiro, água, paradas de gravação. O convite para as entrevistas também gera uma observação aqui, alguns convites se deram pessoalmente sempre que possível, e outras vezes através de ligações. Por sua vez, a maioria das informantes eram zona rural, o que envolveu deslocamento. para gravar a entrevista. No momento da negociação, no qual

explica-se o objetivo da pesquisa e busca-se a autorização geral e para a gravação, provocou receios em algumas informantes, por interpretarem que seriam expostas de alguma forma, mas, quando explicado os motivos, facilitava-se a interação na coleta de informações. Portanto, assegurei que seu anonimato seria preservado e que eu apenas teria acesso às gravações, e todas as associadas aceitaram as gravações.

Dessa forma, uma jovem pesquisadora sentiu in loco as dificuldades que se discutem em aulas de metodologia da pesquisa.

Portanto, apesar das questões citadas, as entrevistas cumpriram seu objetivo em termos de captar as informações da realidade das associadas.

Após o término da coleta de dados através das entrevistas, foi possível fotografar a sede da minifábrica da AMBG e a comunidade de Km 4. Neste caso, a única dificuldade foi a marcação dessa ida, necessitando conciliar horário junto com uma associada.

Quanto a observação na Feira de Agricultura Familiar realizada 01 de abril de 2022, ainda não estava concluída a coleta com as entrevistas e também não estava no planejamento da pesquisa, contudo, recolhendo da importância da proposta do evento e a Feira ter contado com a organização também da AMBG, foi observada. A Feira da Agricultura Familiar teve como proposta reunir agricultores\agricultoras, organizações, associações, que oferecem e fortalecem os produtos da agricultura familiar, produtos agroecológicos, saudáveis sem agrotóxico, além de valorização da cultura local à exemplo do samba de roda, e do artesanato.

Assim no evento supracitado, estiveram presentes associações, organizações, entidades, agricultores, criadores de galinhas e coelhos. Na Feira houve venda de polpas de frutas, doces, frutas, hortaliças, artesanato, biscoitos doces, exposições de incentivo à cultura local e à leitura e exposição de ferro à vapor, radiola, câmera fotográfica, disco de vinil, antigos e também foi exposto a mão de pilão de madeira. Além da AMBG, a Federação das Associações, Associação de Apicultores, Associação comunitária de Santa Cecília, de Umbuzeiro, Lagoa Queimada, entre outros esteve presente, também houve apresentação musical.

Houve no momento de Abertura, discursos do Vice Prefeito, Secretária da Agricultura, Secretária de Educação, Presidente do Sindicato, a representante

do Instituto Agrovida que atua na extensão rural no município de Baixa Grande e em cidades vizinhas e do representante do Cáritas de Ruy Barbosa. Além disso, houve um discurso de uma representante da AMBG, que relatou a iniciativa da associação de trabalhar com polpas de frutas devido ao desperdício das frutas no município, assim que pudesse levar para as mesas das pessoas e também para merenda um suco, uma alimentação de qualidade, e que estava representando não só Associação mas todos\todas agricultores e agricultoras, presentes que faziam parte da Feira, pois segundo a representante não era apenas um empreendimento de economia popular solidária, mas eram agricultoras que produziam na roça.

Na Feira, a AMBG colocou seus produtos, montando uma barraca além da existência de uma Barraca de Vendas que é fixa durante a semana em frente ao Mercado de Carne de Baixa Grande, nas barracas tinha: temperos, frutas, doces, salgados, geladinho, polpas de frutas, biscoitos entre outros. As associadas estavam em uma “correria” pela organização da Feira, e tinha a barraca de artesanato que era mais distante das outras, onde apresentou bolsas, vestidos, pano de prato com pintura, jogo de banheiro entre outros, são trabalhados com croché e pintura.

Diante de toda essa experiência, o campo é um confronto ao/a pesquisador/a, assim na prática fez essa pesquisadora compreender melhor que o tempo do campo é diferente do nosso, ou seja, apesar de ter um cronograma, um roteiro, ainda assim acontecemos imprevistos e adversidade. De tal modo, é preciso estar em constante avaliação para saber se o que é proposto realmente cabe executar naquela realidade das informantes para que não venha prejudicá-las e ou incomodá-las.

Ficou o compromisso de retorno a AMBG para apresentar os resultados dessa investigação.

CAPÍTULO 3 - ASSOCIAÇÃO DE MULHERES BAIXAGRANDENSE (AMBG)

3.1 Baixa Grande, um lugar no mundo

Baixa Grande foi então fundada pelo Coronel da Guarda Nacional, Manoel Ribeiro Soares, por volta do ano de 1860 a 1861. Por intermédio do fundador, e demais famílias, no ano de 1872 pela Lei Provincial nº 1.195, o arraial de Baixa Grande foi emancipado e desmembrado do município de Santana do Camisão, (atual Ipirá). Baixa Grande é então elevada à vila pela Lei provincial nº 2.502 de 17 de julho de 1885, foi extinto por Lei Estadual nº 640, de 12 de maio de 1906, sendo anexado ao município Capivari. Restaurado por Lei Estadual nº 806, de 28 de julho 1910, o município foi extinto mais uma vez em 1931, passando o território para Monte Alegre (hoje Mairi). Finalmente emancipou-se politicamente em 1993.

Tem como Território de Identidade Bacia do Jacuípe (Baixa Grande, Capela do Alto Alegre, Capim Grosso, Gavião, Ipirá, Mairi, Nova Fátima, Pé de Serra, Pintadas, Quixabeira, Riachão do Jacuípe, São José do Jacuípe, Serra Preta, Várzea da Roça e Várzea do Poço).

O município faz divisa com os municípios de Mairi, Pintadas, Ipirá, Macajuba e Mundo Novo. Hoje, com uma área total de 946,6 km², Baixa Grande fica distante 252 Km de Salvador, capital do Estado da Bahia, no Piemonte da Chapada Diamantina e centro leste;

A rodovia BA-052 e a rodovia BR-407, é a principal via de acesso ao município, que não possui aeroporto.

A cidade caracteriza-se pelo clima semiárido e subúmido seco, apresenta cerca de 21.403 habitantes de acordo com último censo do IBGE em 2017.

3.2 Um pouco da história da ABMG

As motivações para o surgimento da Associação de Mulheres, inicialmente estão ligadas a própria realidade econômica do município de Baixa Grande, predominantemente rural. Assim, a população pautada na agricultura familiar e produção diversificada, buscou através da Associação meios para melhorar a produção e escoamento dela.

Ainda, atividades que se destacam no município é a bovinocultura de corte e leite, ovinos, o plantio de feijão e mandioca, e por fim destaca-se a apicultura. Entretanto devido ao modelo de exploração adotado para a criação de gado provoca degradação através do desmatamento, queimadas, práticas inadequadas e uso agrotóxicos. Sendo assim, este modelo resulta a concentração de terras e provoca o êxodo da juventude.

De tal modo, é neste contexto que surge à organização das mulheres refletindo sobre uma nova consciência ambiental e buscando a autonomia familiar, desenvolvendo atividades produtivas orgânica diversificadas, agregando valor as frutas nativas e aproveitando melhor a produção dos pomares.

A organização do Grupo de Mulheres de Baixa Grande surgiu a partir da comemoração de 08 de março (dia internacional da mulher) no ano de 2006, com o nome "NASCENTE". Tendo como objetivo uma organização própria baseada na economia solidária desenvolvendo o aproveitamento das frutas nativas e exóticas para geração de renda e preservação do meio ambiente. Durante um ano o grupo trabalhou o processo de formação como convivência com o semiárido, clima, gênero e beneficiamento de frutas, polpas, geléias, doces e derivados de frutas em geral. Após o processo de formação o grupo foi contemplado com um projeto básico para o beneficiamento de frutas pelo grupo de Solidariedade da Província Salvatorianas. A partir daí o grupo começou a produzir polpas, geléias, doces de frutas nativas da região e/ou cultivadas pelos agricultores familiares do município de Baixa Grande e a comercialização para CONAB – Programa de Aquisição de Alimentos - Doação Simultânea, comércio local no varejo (lanchonetes) e consumidor final, Programa Nacional da Merenda Escolar – PNAE e feiras de Economia Solidária Municipal, Regional e Estadual. (AMBG, PROJETO UNIÃO, s\d).

Em seu projeto inicial, as associadas possuíam equipamentos como liquidificador, seladora, freezer, fogão, mesa e utensílios em geral para um funcionamento básico, mas apesar da organização na produção a infraestrutura era insuficiente para gerar uma renda dezoito (18) famílias,

contendo trinta e quatro (34) mulheres, trinta e cinco (35) homens, 31 adultos, vinte e oito (28) jovens, dez (10) crianças, nível médio de escolaridade fundamental em dez (10) comunidades: Santa Cecília, Maçaranduba, Santa Bárbara, Lagoa Queimada, Km 04, Ipoeira, Umbuzeiro, Casa Vicente, Lajedinho.

Diante disso, o Projeto União tinha como objetivo melhorar a qualidade de vida e aumentar a renda das famílias dessas mulheres:

Organizar o grupo de mulheres com um local adequado para fabricação de polpas e geléias de frutas, para adquirir mais consciência de trabalho coletivo e ecológico em vista a geração de renda com princípios na economia solidária. (AMBG, PROJETO UNIÃO s/d).

Destaca-se alguns objetivos específicos do Projeto União desenvolvido pelas mulheres caracterizando o perfil da AMBG:

1. Conquistar autonomia do grupo de mulheres através da metodologia associativa e/ou cooperativista, buscando criar uma identidade própria;
2. Adquirir uma Infraestrutura adequada e capaz de dar sustentabilidade do grupo de mulheres;
3. Capacitar o grupo de mulheres para melhorar o trabalho coletivo (gestão, legislação, comercialização, manejo – manipulação de alimentos, associativismo e cooperativismo);
4. Agregar valor à produção adquirindo autonomia financeira através da venda dos produtos baseando nos princípios da economia solidária
- 5 Incentivar a implantação e manutenção de pomares agroecológicos, obtendo matéria prima para o beneficiamento. (AMBG, PROJETO UNIÃO s/d).

Ainda para se contar a história da Associação, se recorreu a análise de sua Ata 1- outubro de 2012 que se refere a Fundação da Associação de Mulheres Baixagrandense (AMBG) na sede do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Baixa Grande.

A primeira ata se refere à uma Assembleia que teve como principal pauta a formalização da ABMG, ou seja, oficialmente sua fundação.

Assim, a ABMG foi fundada com dezenove (19) associadas, sendo destas: treze (13) casadas, seis (6) solteiras, dezesseis (16) lavradoras, duas

(2) aposentadas, uma (1) funcionária pública e todas com naturalidade brasileira.

Em sua formalização a maioria das associadas são da zona rural das seguintes comunidades Km 4, Lagoa Queimada, Massaranduba, Morro de Mulungu, Ipoeira, Santa Cecília, das seguintes fazendas Santa Cecília, São Pedro, Capim Branco, Paraíba, Boa Sorte. Sendo quatro (4) associadas do km 4 e quatro (4) associadas de Massaranduba, além de uma (1) associada da sede de Baixa Grande bairro Alto do Guinho.

Na presente ata, apesar da afirmação que aconteceu a discussão do Estatuto da Associação, nada foi colocado em ata dessa discussão.

Houve ainda a Eleição da 1ª Gestão da Associação com: Coordenadora, Vice coordenadora, 1ª Secretária, 2ª Secretária, 1ª Tesoureira, 2ª Tesoureira e composição do Conselho Fiscal. Estava presente um presidente do mês a o qual na ata não foi colocado sua identidade, mas suponho que há possibilidade de ter sido um homem.

A Associação será exclusivamente de mulheres, ainda que o presidente da mesa nessa Assembleia fosse um homem, talvez o presidente da Federação das Associações, o que gerou a necessária investigação futura para saber se essa descoberta tem relevância para a pesquisa até porque pode ser que ele seja da Confederação da Associação.

O Presidente da mesa da Assembleia, declarou então, constituída a Associação de Mulheres Baixagrاندense com administração e sede na rua Ana Nery S\N bairro Salgadinho Baixa Grande, Bahia, amparado pelo Código Civil brasileiro com o objetivo de cuidar dos interesses das mulheres visando o crescimento social cultural e econômico deliberou por unanimidade das mulheres um valor de R\$ 2,00 para cada associada para o primeiro exercício social. Por fim uma das associadas encerra a ata.

De tal modo, a análise desta primeira ata, algumas questões se destacam: (i) não foi colocado o que fez realmente surgir a associação; (ii) a ausência das identificações das falas, quais motivos/importância da sua criação; (iii) há ausência da discussão do Estatuto, uma vez que consta apenas a citação que houve a discussão e, por fim, sua votação; (iv) fala-se que a Associação visa o crescimento social, cultural e econômica das mulheres, mas nesta ata não consta como será na prática essa proposta, mecanismo ou

projeto para atingir os seguintes objetivos para as mulheres; (v) outra questão é na ata não consta a discussão do valor da associação e a contribuição mensal e se houve também essa discussão; (vi) no que se refere a 1ª composição da gestão, na ata não consta porquê de ter sido aquelas mulheres para a primeira Gestão/Direção, entrando em detalhes do processo de escolha (se houve eleição no sentido da chapas por exemplo e como as associadas se colocaram para essa eleição se já tinha uma chapa formada antes ou a escolha foi no momento da reunião).

Quanto ao Estatuto da Associação de Mulheres de Baixa Grande, houve mudanças feitas no Estatuto original, por exemplo no “2ª artigo acrescentou dois novos itens sobre Finanças, o atual 3ª artigo passou ser o 5ª artigo, o 20ª foi especificado sobre processo eleitoral”.

Enfim, sobre a Reforma Estatutária, em outubro de 2019 juntamente com a eleição houve a reforma estatutária em uma Assembleia Geral Ordinária reúne as associadas da AMBG conforme o edital datado 18 de setembro 2019. Em uma observação direta, pode-se constatar que a presidente da Comissão eleitoral constatou o quórum estabelecido, prosseguiu a ordem do dia solicitou da Secretária a leitura do edital da convocação. Após a presidente colocou sobre as alterações feitas no estatuto e esclareceu as dúvidas foi colocado em votação e foi aprovado por unanimidade a Reforma estatutária. Nesta assembleia não é explícito as alterações feitas pela AMBG.

Enfim, ao entrevistar as informantes, algumas falas se destacam sobre esse momento inicial da Associação e como as associadas assumiram o protagonismo antes da formalização:

- eu estava bem depressiva quando eu fui convidada para um evento de mulher no sindicato [rural, era] comemoração do dia internacional da mulher, eu vim pro sindicato, teve muita gente, muita mulher ... muito bom, quando a diretoria do sindicato, a secretaria da mulher ...fez um convite para que essas mulheres reunisse para que pudesse levantar a autoestima pra poder ser independente, e a conversa era mais levantar a autoestima e a mulher saber se proteger que a gente pudesse se reuni, ai juntou o sindicato com a igreja católica ai tinha um representante que era uma irmã Lurdes, me senti tocada naquele momento, ai depois eu vim para reunião, vieram uma boa quantidade de mulher a gente discutia sobre os nossos direitos e deveres, e discutia também sobre melhorar a renda familiar que a gente não tinha renda nenhuma por isso a gente se sentia com autoestima muito baixa. Daí nem todas meninas vigoraram na reunião, mas foi se afastando e ficou uma turma pequena, nessa turma pequena a gente sentiu muita necessidade de uma renda

porque só assim a gente poderia levantar essa autoestima. (Margarida Alves).

E ainda na fala de outra informante,

- A associação foi criada pra aproveitar as fruta da região, de época, e também pra as mulher puder sair de casa um pouco, pra se distrair, ai lá que a gente conversa, a gente trabalha lá nem tanto por dinheiro, é mais pra interagi uma com a outra. [...]. Assim, porque o pessoal queria pra abrir uma cooperativa, era uma cooperativa, mas só que como a gente era de classe baixa, a gente não ia querer fazer uma cooperativa, que era uma coisa muito alta, que gera muito custo, muitos valores, a gente optou pra ser uma associação que era mais fácil pra gente lidar (Maria Felipa de Oliveira).

E ainda,

- (...) eu não me informei dessa parte, mas eu acho que alguns órgão apoiaram elas, elas conseguiram alguns recurso próprio e lutar o bastante pra chegar até aqui hoje (Elizabeth Teixeira).

E,

- Assim, minha fia, eu num sei nem te expricar, né? mas que foi muito importante foi, né? Essa associação de mulher, foi importante tanto pra gente, ganhar o dinheiro, né? A gente tinha dificuldade, dificuldade, mas depois melhorou as coisa pra gente. (Sebastiana).

Tais falas, corroboram as teorias tratadas aqui, que afirmam que além das necessidades econômicas, o associativismo feminino envolve outras demandas relacionadas às questões próprias da condição feminina em cada contexto social.

As informantes, falaram ainda quanto aos desafios dessa fase:

- No início a gente ia comprar um terreno na rua, em Baixa Grande, ai ... as pessoa que a gente tinha contato, disse que na rua num podia, não poderia fazer, a gente com o recurso da gente mesmo do trabalho, do grupo de trabalho, a gente comprou um terreno na Massaranduba, ai desse terreno da Massaranduba, surgiu uma escola que estava fechada no Km4. Ai como a gente não tinha recurso de construir no terreno, a gente deixou o terreno lá, e corremos atrás da Escola que estava fechada, foi a onde a Prefeitura passou pra gente, pra Associação, ai com a ajuda dos parceiro a gente construiu, ampliou e começou a trabalhar lá. (Maria Felipa de Oliveira).

- Primeiramente, este terreno que compramos foi lá na Massaranduba, nós pensávamos de construir nossa unidade de polpa de fruta, entendeu? só que nós comprou este terreno, mas cadê o dinheiro para a construção? (...)f oi quando estava essa escola lá desativada, porque tinha falecido, o carro, teve um acidente, o carro pegou uma aluna na frente da escola, de um local muito perigoso (...)

que as famílias disse que não ia estudar naquele local, então a escola tava abandonada. Foi quando as meninas do km 4 deu essa luz a gente essa escola tá abandonada (...) aonde veio a iniciativa vamos falar com o Prefeito, ai nosso secretário na época, ele nos ajudou, não, vamos falar com o Vereador pra que ele faça o projeto. O Prefeito só aprova quando o vereador faz, se for só pedi, ele vai falar cadê o projeto? Né? Ai a gente falamos o vereador fez o projeto levou até a câmara municipal, foi aprovado em primeira instante depois foi até a mão do prefeito mas ai o prefeito já tava sabendo de tudo que tava acontecendo, e ele já tinha concordado, que ele só poderia assinar por último. Entendeu? Aí ele passou a posse do terreno, já com uma escola pra gente, ai ficou mais fácil da gente fazer a reforma (Margarida Alves).

Antes de finalmente se instalarem o prédio definitivo da escola, a ABMG funcionou temporariamente em outro prédio da Prefeitura:

- (...) só que a gente tinha que cortar este laço porque já tava parecendo que a gente era Prefeitura, que nem até hoje o pessoal pensa que a gente Prefeitura, é Sindicato e nós só teve o apoio, depois eles largaram a gente, num é que eles eram ruim, eles deu primeiro o anzol e nós foi pescar (...) Nós tinha a maior preocupação com isso, nós já tinha levantado a nossa autoestima, nós já era mulher independente, nós já enfrentava marido porque já tinha muita mulher que sofria de baixo de pé de marido, já enfrentava marido, ele dizia não vai, eu vou e ia, marido que sentava o dia todinho lá pra ver a gente trabalhar, é uma história, e ai... a gente não queria mais ser, essa pessoa que não ia ter mais essa liberdade, precisávamos sair dali... (Margarida Alves).

Assim, além do avanço sobre as questões políticas, como início da criação de uma identidade própria enquanto Associação, desde sempre questões de gênero estiveram imbricadas com a participação.

- A gente disse assim: a gente vai trabalhar de graça a partir de hoje vamos trabalhar de graça, todo dinheiro que entrar vamos fazer a reforma, nós vamos fazer aqui... Aí nós trabalhava, pagava carro do nosso bolso, do bolso do marido que nos num tinha. Nos ia trabalhar de a pé vários quilômetros, pra poder ir até lá, chegar até lá, e nós todo dinheiro que entrava eu busquei, muitas vendas fui pra Ruy Barbosa, fui pra Macajuba, [vender] polpa fora Baixa Grande e busquei essas vendas tava entrando com recurso, ai esse recurso era destinado todo na reforma, ai a gente fez aquela reforma toda, daquele jeito que você chegou lá e viu, que ainda falta algumas coisas, não dizendo que era uma agroindústria, mas era um local que quando chegava várias visitantes, voltava aplaudindo a gente por a nossa coragem de mulheres guerreira por conseguir sem ajuda de política nenhum, entendeu? Isso foi em 2011, em 2012 em 12 de junho nós fizemos a inauguração, grande inauguração do espaço, aonde convidamos a Prefeitura por ela nos dá o título do terreno pra gente, convidamos as associações as organizações, comunitária, a comunidade em geral, e foi assim um evento muito bom, os enfeites foi tudo típico de São João pedimos que o pessoal do CRAS nos

ajudasse com a ornamentação e foi... ai aquele espaço dali da frente foi uma grande festa, mas tudo nossas conquista, como te disse a gente recebemos dessa forma e lutamos daí, deixa eu te dizer esse período que a gente ficou sem receber, construir lá até hoje a gente nunca recebeu, nós assinava , a gente nunca ficou sem assinar, a gente assinava nossos dias, trabalhado só que a gente recebia porque o dinheiro que vinha pra ser recebido, entre nós, a gente colocava na construção do espaço. (Margarida Alves).

Enfim, essa fala denota aquilo que Oliveira, Dias e Melo (2019) descortinaram em seus estudos aqui já referidos: que a inserção no grupo\associação proporciona uma mudança de perspectiva acerca do seu papel na sociedade e que as mulheres passam a vislumbrar melhores condições para a sua vida, bem como, a ocupação de espaços de decisão, passam a questionar esse lugar que impuseram, e pensar que as mulheres podem ocupar os mais diversos os espaços.

.3.3 Da sua Gente: sobre as Associadas

Das cerca de trinta e seis (36) associadas, pesa uma limitação sobre a caracterização do perfil: as fichas das associadas não possuem informações detalhadas como por exemplo, sobre: raça, idade, escolaridade, ocupação etc.

De tal forma, as informações aqui colocadas partem das observações da pesquisadora no decorrer da investigação e complementadas com dados colhidos nas entrevistas.

Assim, sobre a escolaridade das associadas, foi possível observar *in loco* pelas entrevistas, a existência de vários níveis de escolaridade entre as mulheres:

-Foi té... naquele tempo chamava a quarta, né? não sei hoje em dia como é que fala, né? (Sebastiana).

-Nível Superior completo (Antonieta de Barros).

-Ensino Médio completo (Elizabeth Teixeira).

As associadas são majoritariamente afrodescendentes, negras. Com a idade diversificada, variando entre vinte (20) e sessenta (60) e poucos anos. A

maioria é casada, algumas solteiras e a maioria possuem filhos, ou seja, o desafio da maternidade é algo que permeia a vida dessas mulheres.

As associadas são agricultoras, mas também compõem o corpo da AMBG funcionárias públicas, vendedoras, chefes de família\donas de casa, secretárias, artesãs, estudante universitária e aposentadas. Atualmente duas trabalham na minifábrica uma associada por morar em Km 4 facilita o acesso ao trabalho da Sede da AMBG, e a associada mora em Ipoeira demandando deslocamento por transporte escolar autorizado pela Secretaria de Educação ou com transporte dos seus parentes. Enquanto outra associada trabalha nas vendas da Barraca da AMBG em frente ao mercado, outra responsável pela barraca localizada na Feira Livre de Baixa Grande.

- Eu trabaio, assim trabaivava na roça, agora diminuir mais o trabaio, só fico assim dando comida a porco, a galinha, essas coisas, né? e cudchando da casa (Sebastiana).

- Sim. Sou agricultora, mãe, lavradora lá da roça, sou empreendedora, apesar que falei que estou um pouco distanciada, mas eu continuo sendo empreendimento, né? (Margarida Alves).

- Sim, na roça, em casa cuidando de bicho, da casa, de galinha, porco (Maria Felipa de Oliveira).

- ... além do artesanato, porque na associação eu faço parte do artesanato, faço também parte da escola, ensinar na escola. Na associação eu não tenho cargo, como falei eu só faço parte, né da associação, mas além da associação de lá de mulheres, tem a associação daqui também, que é da comunidade local, né, que também faço parte aí sou secretária. (...)Quando elas criaram o grupo da polpa, viu? Eu ensinava no José Ribeiro, assim eu pela Faculdade porque como se fosse um estágio, né? Mas, só que estágio remunerado, aí então quando tinha horário vago, aí quando tinha uma aula ou duas aula, eu ia para associação ajudar elas, mas eu já conhecia elas, minha tia também mora aqui que vai também, ela não tá indo direto porque tá tendo problema de coluna, então eu ia ajudar elas a gente ficava lá conversando, mas elas já sabia que eu fazia parte do artesanato, já tinha feito várias exposições, aí depois elas me convidaram pra... porque a associação delas não tinha uma brecha pra artesanato, aí elas quando fiz de novo, aí abriu a brecha pra artesanato e pra tempero, aí foi a onde a gente entrou (Antonieta de Barros).

Algumas mulheres moram próximo à sede da Associação localizada no Km 4, mas a maioria das associadas moram distante da associação que demandam transporte para sua ida. As mulheres moram entre os povoados\comunidades: Massaranduba, Ipoeira, Cancelas, Lagoa Queimada

etc., e algumas mulheres da sede do município. Sobre os povoados das entrevistadas apresenta-se algumas histórias interessantes envolvendo seus familiares.

Uma das entrevistadas, como uma das fundadoras e uma das primeiras moradoras do seu Povoado Massaranduba relatou sobre a história da sua família em relação à árvore. Dessa forma, ao fotografar uma das árvores, cujo o nome era Massaranduba, a entrevistada contou que a árvore é do tempo de seu avô, mais de cinquenta (50) anos, a original era muito alta, próximo da Igreja, cortou para passar a estrada, o povoado tem em média quarenta (40) anos.

Outro relato interessante foi da entrevistada moradora do povoado Cancelas, pois essa nomeação é devida que o avô da mesma confeccionava cancelas neste lugar. Além disso, recebendo outros nomes, a exemplo de Santa Bárbara 1, pois onde o avô morava havia uma capelinha, ele nomeou. Por fim, por este local também serrar madeira, a comunidade deu o nome de Serraria.

Outro aspecto denotado sobre as associadas foi a diversidade religiosa, para além das atas, a observação em campo e as entrevistas, possibilitaram perceber mulheres católicas e candomblecistas. Dentre as católicas algumas foram lideranças dentro da Igreja e participam ativamente dentro da associação. Sendo entre a totalidade de entrevistadas a unanimidade da religião católica:

-Católica. Eu venho de uma família tradicional lá da roça, era todo mundo católico então eu com 15 anos, eu já coordenava um grupo de jovens e fui catequista formei vários jovens, jovens de minha época, muito bom. Hoje tenho muitos frutos formados e até que eu era menor e os jovens era maior do que eu e eu sendo coordenadora deles depois passei coordenadora zonal dentro da igreja, trabalhei um tempo com jovem. Fui catequista também depois me distanciei um pouco depois que eu tive meus filhos, por conta que eu tive uma depressão aí fiquei distanciada, depois que me curei essa depressão depois do grupo de mulheres foram elas que foi minha base para a cura da depressão, ainda tenho recaída não mais depressiva, entendeu? Depois dessa cura eu não voltei mais para os grupos, porém só participo da igreja da comunidade e ajudo na liturgia, nos cantos. Eu era muito animada, fazia teatro, fazia tudo isso, mas hoje não sei, só me sinto mãe (Margarida Alves).

- Sou católica e atuo em minha comunidade, como coordenadora da minha comunidade, e faço parte da pastoral familiar, do grupo de mãe que oram pelos filhos (Joana Angélica de Jesus).

-Eu participo do grupo, como te falei, né? Que tem ... Grupo de educação física que tem na comunidade, tem associação comunitária de queimada nova, tem o grupo, né? Normal da igreja, tem três vezes na semana, e tem o grupo Craes volante que é do psicólogo que falei, atendimento geral (Antonieta de Barros).

De tal modo, essas mulheres também são mobilizadoras em suas comunidades à exemplo de Antonieta de Barros que mobilizou em torno da reforma da Igreja juntamente com a comunidade:

-Tá vendo essa igreja aqui, a igreja num gastou foi pouco dinheiro não, foi muntcho, só as portas e as janelas foi 10 mil, então assim antes era uma igrejazinha pequenininha, abafada, e a gente só falava e quando as pessoas que vinham aqui ficava até com medo de entrar tá precisando de uma igreja nova, tá precisando de uma igreja nova, e a gente sempre ficava assim, com medo de iniciar, e dá uma iniciativa, com medo de ter mais trabalho pra gente, mas depois a gente caiu na real, se a gente tem alguma coisa aqui, não é da gente, é do povo, é de todo mundo. A gente precisa que seja valorizado, a gente precisa começar, se a gente não tivesse derrubado igreja e começado outra a gente não teria chegado aqui, porque a gente sempre fica como é que a gente vai ter dinheiro pra isso, mas se a gente num busca como é que a gente vai ter, né? (...)(Antonieta de Barros).

Já sobre o aspecto da filiação partidária, algumas são filiadas ao Partido dos Trabalhadores (PT), outras optam pelo candidato deste partido para o voto, porém demonstra-se que suas ideologias políticas não interferem na atuação da Associação. Algumas mulheres são sindicalizadas, ocuparam cargos à exemplo de Secretaria de Mulheres, outras, porém, participaram de formações políticas.

-Não [sou filiada}, mas eu participo, lá também, por exemplo tem as feira do sindicato de agricultura familiar, não sei se você sabe, ou soube, o sindicato tem a cultura também no sindicato mesmo, né? Então já ensinei pelo sindicato também, é pintura, dessas coisas que pelo sindicato, tem muntchas feiras também pelo sindicato, a FETAG também que vem diretamente pelo sindicato, quando eles me procuraro foi individual, não foi pelo sindicato foi pelo grupo que a gente tinha aqui, e no sindicato a gente tem uma parceria boa, ajuda bastante, assim um com outro anda mão dadas (Antonieta de Barros).

Essas inserções e relacionamentos com outros atores, relatados pelas entrevistadas, só comprovam o caráter pedagógico da participação, tanto no caráter individual com também coletivo, como apresenta Santos (2013).

CAPÍTULO 4 - PARTICIPAÇÃO NA ASSOCIAÇÃO DE MULHERES BAIXAGRANDENSE (AMBG)

4.1 Estrutura, organização social-política e as principais vozes

Sobre as reuniões, uma gestora da gestão da AMBG comumente faz a abertura das reuniões, colocando as pautas.

As reuniões costumam ser breves, sem muitas discussões, não tendo praticamente discordâncias nas decisões, prevalecendo a unanimidade. Sendo assim, poucas associadas estão se colocando, geralmente as mesmas as que se colocam, sendo alguns integrantes da gestão que mais se colocam. Por outro lado, a análise levanta questões, pelo fato que pode ser o modo de redigir as atas não discorrendo e não identificando cada colocação ou posicionamento das demais associadas. Importante atentar que as poucas informações nas Atas parecem ser também uma estratégia:

-A gente é uma polêmica, a gente brigava em reunião e tudo, mas a gente brigava para crescer, quando a gente saia daqui ali, a gente já era tudo amiga, porque se a gente não lavasse a roupa suja, a gente aprendeu desde do nosso início que se a gente não lava roupa suja dentro da reunião a gente saia com a picuinha do lado de fora, “eu não gostei disso”, “eu não fiz isso”, “fulano é assim”, “cicrano é assim”, por isso que a gente deu certo até hoje porque a gente lavava roupa suja lá dentro. Nois brigava de falar mesmo uma na cara da outra, de chatear, mas quando chegava ali fora, não era mais associação, era amiga, (...) Só tinha confiança se fosse assim, é tanto que a gente criou um vínculo de confiança uma na outra, se um falasse mal da outra, “não fulano não faz assim,” porque a gente já tinha essa coisa, agora se a gente ficasse só ouvindo e guardando, talvez a gente tinha as desconfiança, entendeu? Nois não temos desconfiança, nós sabe e có e saltiado, quem é uma e quem é a outra (...) As pautas são bem discutida, entendeu? Mesmo aquelas que ficam em frente sempre é as que traz as demanda, a discussão, e mais as outras tem participação, entendeu? Só que as tomadas de decisões, é tomada todo mundo aqui, todo mundo junto, ninguém toma decisão sozinha, se caso tiver alguma decisão pra ser tomada, antes da reunião, a gente tem que colocar em grupo, a onde a gente discuti no grupo, entendeu? (Margarida Alves).

-Assim como tem a reunião de mês em mês pra pagar a mensalidade, 5 reais por mês, ai também tem por exemplo se surgiu algum problema, como surgiu tem pouco tempo a conta de energia, teve um problema lá que a conta de energia veio mil e tanto, ai então assim ai não espera o mês, a gente faz uma reunião extraordinária, pra conversar debater pra ver como vai fazer, o quanto dinheiro tem em caixa, como vai fazer pra pagar e como surgiu esse problema então assim as reuniões são assim, quando tem alguma coisa, algum problema, ou quando tem alguma coisa, um tema precisa ser debatido, ser falado, já tem as mensalidade de mês em mês, ou espera de mês e mês , quando não dá pra esperar faz uma reunião extraordinária (Antonieta de Barros).

-no início era muita discussão todo mundo queria algo, mas hoje eu sinto que a associação tá muito assim. Só confirma as coisas, por exemplo, não ta concorda, a diretoria chega coloca uma situação. Todo mundo concorda, não ta sendo muito debatido. Acho que deveria ter mais debate. (...) É como falei, né? existe discordância, tem hora que tem umas que não concorda, e depois tenta se fazer de outra forma até chegar, a um consenso, né? então todas as decisões nunca ninguém tomou, ninguém sozinho, sempre é feita uma reunião pra tomar uma decisão, à não ser quando é uma coisa simples lá de dentro da associação mesmo de um material que quebra, de uma coisa lá pra resolver, quem ta trabalhando mesmo resolve (...) mas, todas às vezes que tem que resolver um problema maior, aí sempre se for questão burocrática de documentação, sempre a presidente que tenta resolver, esses problema, mas ela leva pra reunião e a partir dali que tomou decisão que ela vem resolver em cartório (Joana Angélica de Jesus).

-Varia, né?, às vezes concorda, outras vezes não, e também eu não participo muito das reuniões, porque quando me associei foi bem na época da Pandemia, aí não tinha muita reunião, então num sei muntcho essa parte (Elizabeth Teixeira).

-É sempre a gente, o grupo da gente, às vezes as pessoas que vem fazer reunião com a gente até admira da gente, porque do tempo que a gente começou, a maioria dos grupo já desistiu, já terminou... e o da gente graças à Deus com pouca mulher assim mesmo, ainda tá até hoje se reunindo. Mas é isso, a gente concorda as coisa, uma fala as outras vai e concorda, porque se tiver muita discordância nada vai pra frente (Maria Felipa de Oliveira).

-Até que num tem muntcha, lá na associação da gente num tem muntcha discussão não, tem mais é todo mundo apoiando tá ali conversando, né? Concordando as coisa que vai fazer, nunca teve discordância não, até quando fui, né? Não sei agora, tem as que ta ainda firme, tô avexada pra ir nas reunião mas por enquanto ainda não fui não (Sebastiana).

Na dinâmica da AMBG. as eleições da gestão acontecem a cada três (3) anos. Para essas eleições, pela observação, não foi possível identificar o processo de articulação para a escolha das associadas para os cargos, articulação para construção da chapa. Já em 2013 especificamente houve uma chamada da gestão para que as associadas pudessem se candidatarem. Assim, há pouco remanejamento de associadas nos cargos, sendo que a maior parte destes anos, praticamente as mesmas associadas estão ocupando os principais cargos da gestão que exige maior atuação, havendo uma incorporação das novas associadas no Conselho Fiscal na eleição de 2016. De tal modo, já finalizando uma gestão em 2019, a então Coordenadora fez o

chamado para composição da chapa ressaltou a importância de as mulheres continuarem “unidas e organizadas”.

-A gente teve ao longo destes anos, o quê?...duas eleição? três eleição, durante 3 eleição, se reúne discuti, que é chapa única, a gente senta discuti, ver quem pode, quem tem possibilidade, não foi isso? A gente monta a chapa, depois vem (Margarida Alves).

- A gente pode ser primeiro segundo mandato se quiser, a mesma equipe, mas depois do primeiro e segundo mandato tem que mudar, igualmente prefeitura, tem que mudar. A diferença de prefeitura que não temos outro concorrente, é uma chapa única, entendeu? E já é quase votada antes do dia da eleição porque quando a gente vai formar essa chapa a gente já define junto com os sócios, assembleia dos sócios, quem vai ser e quem não vai ser, porque nossa assembleia, nossos sócios são poucos, se a gente tivesse no caso mais de 200 sócia, entendeu? Ai a gente poderia uma reunião da diretoria pra depois decidi na reunião, pra depois a gente levar até a assembleia, mas a gente somos poucas, a gente decidi entre nós, quem vai ser, quem não vai ser, que é que você acha, a gente discuti (Margarida Alves).

-Sempre é por votação, acho que quase todas associações são assim, é geralmente a gente pergunta, porque não é todo mundo que quer ser, presidente, não é todo mundo que quer ser secretária, porque tudo que envolve trabalho mais trabalho muntchas as vezes as mulheres recuam um pouco, né? ai então assim geralmente é por votação, por exemplo, assim fulano de tal deveria ser, depois pergunta, o povo diz, deveria ser, você aceita? Eu aceito, ai outra pessoa aceita, então vai pa votação, quem das duas ou das três, deveria ficar, não por votação dizer assim é fulano de tal, puxar pa de eleição, assim, num dá de ver o voto assim, descobrir quem votou em fulano e algumas vezes é candidato único, chapa única, infelizmente (Antonieta de Barros).

-Elas... é votam, sei lá... não sei responder isso. (Elizabeth Teixeira).

-Aí é difícil, na hora de compor a chapa, aí quando fala de ser a tesoureira, ou presidente, viixii... aí é difícil pra uma querer, viu? Porque quando fala de presidenta, pra receita federal já uma entidade, aí o negócio pega, viu? (Maria Felipa de Oliveira)

A AMBG obedece a uma organização dos cargos como consta no seu Estatuto, ou seja, a gestão que traz as pautas e que se encontra à frente das demandas. Por outro lado, foi possível observar que a Coordenadora A que geralmente estaria à frente, nos anos de sua gestão pouco se apresentou em reuniões e nas ações da AMBG. Já no segundo ano de gestão a Coordenadora A aparece com mais frequência atuando.

Em geral, as associadas E e F que ocuparam cargos como Tesoureira, Secretária e Vice Coordenação, acrescentando uma mudança a partir de 2016 que a Associada P assume a Coordenação. Já o Conselho Fiscal praticamente não se apresenta em ata praticamente fazendo seu papel.

-...sempre aquelas cinco, seis... sempre mais à frente. Não é porque a gente quer, é porque tem aquelas outras que são mais tímidas, que tá mais só na produção, e tem aquelas que não pode por conta de criança pequena que não pode sair, então não é muito porque a pessoa quer mas é a gente distribui se é a feira, lá na barraca, a gente tem a barraca da feira, antes a gente dividia, duas por feira, aí cada feira vinha duas pra ver, hoje nós temos a barraca uma permanente que fica todos os dias, entendeu? E feira de economia popular solidária que nem vamos ter em Baixa Grande, esse mês que entra, neste início de mês. A gente tem, tiramos a comissão pra poder ter a ajuda da preparação, entendeu? Pra sentar com outros grupos que tá envolvido pra preparar. É assim nós tira sempre uma comissão, entendeu? Pra isso, pra aquilo... Conselho X tá ajeitando os papel do Conselho, quem vai fazer parte do Conselho eu e X . Já é outras, mas quem tem que ajeitar é ela, então cabe cada um seu papel (Margarida Alves).

-A tesoureira fica mais nessa parte de buscar pessoas pra comprar, a secretária ela fica mais responsável pela documentação, né? de organizar, os conselhos são distribuídos, umas fazem parte do conselho de assistência social, outra de saúde, outra cultura, entendeu? São separado, não é a mesma pessoa, outras fica aqui na parte da divulgação como eu e outras que mora aqui na cidade e a presidente fica mais naquela parte assim de manter contato com as Ongs, com as entidades fora que nos apoia, de tá trazendo essas informações, e de ela fica mais naquela parte de gerir, de assinaturas, essa coisa, agora lá dentro... pra produção, as responsáveis mesmo são aquelas meninas da comunidade que é X , X, juntamente com a Tesoureira que é B, elas que fazem a questão da produção, mas é bem dividido, não é acarreta ninguém não (Joana Angélica de Jesus).

-Cada uma tem uma função, umas vai pra produção, outras vende no caso eu, outras vai pra reunião, outras é secretária, elas se distribui bastante (Elizabeth Teixeira).

De modo geral, foi possível observar que as principais vozes em reuniões são de integrantes da gestão. Sendo assim, não são todas as mulheres que aparecem atuando durante reuniões, já que nem todas assumiram gestão, mas vale ressaltar que esse é apenas um indicador de Participação e não sua totalidade.

Vale destacar por exemplo, a Associada E, que assume um papel central nas discussões em reuniões, na atuação e mobilização das associadas,

destaca-se por assumir todos estes anos cargos dentro da AMBG sendo 1ª Tesoureira em duas gestões seguidas e na terceira gestão assumindo a Vice Coordenação.

A Associada F esteve bastante envolvida na atuação da AMBG, assumiu o cargo de 2ª Tesoureira e na segunda gestão 1ª Secretária e na terceira gestão, seguiu sendo Vice-Secretária, observo uma grande atuação dessa associada envolvida nas causas da Associação.

Além disso, outra voz se destaca: a Associada P, que assumiu a Coordenação em 2016 que configura uma maior atuação, a associada já havia feito colocações pertinentes nas reuniões anteriores, no que tange a vida associativa, articulações com instituições e ação com a comunidade.

Ponderações das associadas sobre a gestão da AMBG ao longo dos dez anos:

- [Sobre as presidentes da AMBG] ...todas foram muito comprometidas, se preocupa, né? e todas as outras que passaram nunca teve nenhum problema de... nem problema com as associadas, questão de dificultar as coisas, como também não teve como se diz... nenhuma falcatrua, nenhuma coisa assim, nunca teve esses problema assim... sempre ocorreu tudo bem (Joana Angélica de Jesus).

-...eu nunca fui presidenta não mas eu já fui vice, mas assim, uma ajuda outra, porque quando diz assim a presidenta tem que ir, e a presidenta não pode ir, aí uma da gente vai representando, a gente nunca deixa aquela pessoa só, sempre a gente acompanha (Maria Felipa de Oliveira).

-É uma gestão comunicativa, entendeu, mesmo que a gente sabe que nem tudo é flores, que nem diz o baiano, nem tudo é que você do jeito que você quer, mas a gente se comunica, a gente pergunta, a gente se comunica, a gente tem um grupo, tanto que a gente se comunica ele grupo da associação, quanto a gente se comunica na reunião, entendeu? A gente tenta entender as coisas, e a gestão tá sendo assim, nada o gestor, a gestora da associação faz sozinha, tudo tem a decisão do grupo, (Margarida Alves)

Outra questão importante é sobre a comunicação na AMBG, pois em uma reunião específica há uma cobrança da parte da gestão em participar de formações, pois estaria havendo uma sobrecarga para algumas associadas. Assim uma das associadas se coloca que talvez as associadas não estariam

sendo informadas da ação. Portanto, essa passagem abre questões como tem sido a questão da comunicação entre a gestão da AMBG e as associadas.

-Antes de falar das reuniões você sabe que a gente um grupo no whatsapp só de mulher associadas, ai no grupo também já conversa bastante, eu acredito que antes da pandemia não usava muntcho o grupo de whasapp e depois da pandemia, usa muntcho o grupo, por exemplo tem grupo de igreja, grupo de whatsapp, que antes pra falar de uma reunião era mais difícil, como reunião é por mês, mas tem vez que desmarcar, sabia pela boca de fulano, se não mandava uma mensagem solta e no grupo, fica melhor a comunicação, porque muntchas vezes o até o que falou na reunião, se ter alguma pessoa que não foi na reunião, vai passar, e muitas vezes vai conversar mais fácil porque não foi na reunião, teve isso, isso que whatsapp é uma das maneira mais fácil que tá sendo de comunicação pra isso, viu? E nas reuniões é muntcho tá presencial, pra tá nesse encontro, conversar com as mulheres, de participar, de ri, falar dos problema, e também como a gente consegue resolver (Antonieta de Barros).

-O celular, né, não o meu, pra quando dá certo (sorriu) pra quando certo atender mas os outro tudo é pelo celular (Sebastiana).

Sobre o diálogo entre as associadas, a gestão em uma das reuniões propõe a reflexão de como as mulheres estariam se sentindo na associação. Assim, demonstra que a gestão tem procurado saber das associadas a concepção a respeito da AMBG, mas as associadas não entraram em detalhes para expor sobre o assunto.

Dessa forma, os gestores da AMBG colocam em algumas reuniões uma variável importante que é união das mulheres, falando da importância das mulheres associadas se conectarem- sendo isso fundamental para existência da Associação.

Além dessa união entre as próprias associadas, em outra ocasião propõe-se uma reflexão da necessidade da participação de homens e mulheres para a transformação da sociedade, pois se não participarem continuariam “homens e mulheres velhos”. Assim a categoria Participação tem sido tocada pela AMBG, provocando a reflexão tanto da participação quanto organização ou participando em outros espaços da sociedade civil.

Aqui vale o registro em ata da fala de uma associada: “Realização de trabalho em grupo” e a “valorização da união coletiva”, segundo a mesma são importantes “para dá continuidade ao grupo”, pois para além de participar, ressalta de que forma, ou seja, com união e trabalho coletivo.

De tal modo, no decorrer destes anos, observa-se reiteradas chamadas da Gestão para que as demais associadas participem das ações da AMBG. Foi esse o caso de a chamada para as associadas participarem das reuniões do Projeto Bahia. Quando além da coordenação, outra associada que compõe a gestão pede a colaboração das associadas para que essa aliança do Projeto Bahia pudesse acontecer era necessário a “parceria e cooperação de todas”. Por outro lado, apesar de que estes chamados são importantes, as associadas permanecem em silêncio, não havendo colocação das associadas.

Em contraponto a união, percebe-se igualmente na história da AMBG, o fenômeno do afastamento de associadas. Quanto ao afastamento de associadas, a AMBG buscou soluções, principalmente a partir de uma avaliação durante um evento do Samba Cultural na comunidade da Lagoa Queimada.

A partir daí, a AMBG tomou a iniciativa de fazer um convite impresso e/ou ligar para associadas afastadas, procurando essas mulheres, com o intuito de junto a elas descobrir os motivos da não participação na organização. Sendo assim, a AMBG através de um plano estratégico coordenada pelo representante da CPT (Comissão Pastoral da Terra) na sede da federação, a gestão salienta: *“o que mais chamou a sua atenção foram as estratégias de resgatar as associadas que estão afastadas, a importância de conhecer os problemas de cada uma e tentar ajudar e não só cobrar”*.

As informantes também abordaram nas entrevistas sobre o afastamento das associadas, os motivos para o afastamento das associadas e sobre trazer novas associadas,

-Teve mudança, porque enquanto a gente tava empolgada com aquela turma grande, e tudo as coisas evoluindo dando certo, teve aquela caída, então a mudança nem foi tanto assim positiva, mas um pouco negativa, dentro da associação. A gente tentou reconquistar, fazemos eventos, convidando, temos um grande evento que nos une mais, cada vez mais, tem mais força, que é a confraternização do final do ano, com toda a associação, que vai filho e marido e tudo, mas a gente não conseguiu reconquistar, e tudo, mas a gente não conseguiu reconquistar (...) a gente fazia reunião justamente para mostrar o que era associação, pra poder trazer novas associadas, é tanto que te falei, que estávamos no processo de estudo para buscar novas associadas, a gente tem que trabalhar assim pra buscar esses que desistiro, a gente sabe que não vai ser fácil, porque a gente já sabe, né? qual foi o objetivo, é um pouco mais complicado, que a gente num temos o que oferecer, porque a pessoa... e a gente sabe o que eles querem, mas a gente vai tentar, eu tô pedindo a Deus, que

me dê força, retomada, tem hora que a gente desanima. a gente fizemos reunião, ai tudo muda“ah a gente vai querer, vai querer...” na mesma hora se afastava do nada...(Margarida Alves).

-... quando a gente fala de buscar novas, existe algumas que não aceitam entrar gente nova, ai tô preocupada com isso como vai ser essa associação no futuro, porque é uma da minha preocupação, é essa aí, porque tinha que entrar mais associadas novas, pra continuar o trabalho, porque eu tô sentindo um pouco de desânimo, nessa parte de produção, num tá assim a todo vapor como era antes, na questão da mini fábrica, agora cá na questão da associação, também teria que ter mais pessoas novas pra atuar na associação, até porque vai chegar uma hora, até porque vai chegar uma hora que vai precisar de diretores, e os que já foram não vão querer ir, iai agora não ter mais pessoas nova pra assumir...num é? (Joana Angélica de Jesus).

-A gente faz a reunião e convida, todas... a gente tenta fazer reunião, chamar todas, pra chegar lá e conversar, só que a maioria não vai, aí não tem como a gente tá conversando fora da reunião porque o certo, que é associação, tem que ir pra reunião, se é associada, né? (Maria Felipa de Oliveira).

Sobre os motivos do afastamento, as entrevistas avaliam que,

-O que elas visava era o lucro, como não foi todas, uma equipe que visava o lucro como o lucro não foi suficiente, que era o esperado, ficou um tempos depois deu uma afastada, afastou... mas já teve outras que teve afastamento por saúde, e outra por... outras coisas, né? Como emprego, saiu foi trabalhar com gestor, tudo isso...por cada uma teve uma coisa... (Margarida Alves).

-Sim, muitas desistiro porque num é uma luta fácil, né? Desistiro foro tomar outro rumo e não quer mais participar. Essas parte no cargo ... se elas não participa muito na reunião, elas sai tem que passar pra outra produção, isso aí é escolha, só se fizer uma coisa muito grave (Elizabeth Teixeira).

-Eu agora num posso nem responder isso, porque eu mermo num tô mais, mas no tempo no começo, eu tava junto mas agora não, não vou menti, agora apenas sê sóça, mas eu não tenho mais essa participação de me envolver, com as coisa não. Tem sido bem, né? Só que agora tô afastada assim, né? Porque pra mim foi a coisa melhor que teve foi a associação. Agora este tempo to meia afastada, mas quando passar essa emergência dessa doença, ai torno começar me reuni com elas. Agora trabai não, viu? No trabai, num trabai mar não...Afastada devido a doença e o que eu sinto também que eu não posso trabalhar com elas... Eu sinto problema de coluna (Sebastiana).

Menina, to no mais ou meno. Meu filho principalmente, assim por causa que , por exemplo, viu? Eu tenho dificuldade de deixar duas criança com uma pessoa só, ai só tem minha mãe, meus irmão mora

tudo fora, meu irmão mora tudo em São Paulo, só uma que mora em Remanso na Bahia, mas daqui pra lá é um dia, porque passa em Pernambuco pra chegar na Bahia de novo, depois de Juazeiro Petrolina mas duzentos e cinquenta quilômetros. Ai é difícil (Antonieta de Barros).

Sendo assim, as falas remetem às dificuldades para participação na AMBG, o que demarca a realidade social de mulheres no meio rural, apresentando problemas de saúde, maternidade, idade, trabalho, etc. Assim, confirma o que Ávila (*apud* Schefler, 2003 p. 15) apresenta sobre as mulheres rurais em espaços de poder, a tensão do “tempo de agir do sujeito político”, pois a falta de tempo, devido a dupla jornada, funciona como bloqueio para a participação política.

Além disso, outra questão sobre a carência da participação das mulheres seria a necessidade de um retorno financeiro imediato e uma possível ausência de perspectiva associativa. Sendo assim, um desafio para AMBG, pois ela tem finalidade social com princípios de economia solidária, ou seja, o retorno financeiro da AMBG é à longo prazo. A desmotivação dessas mulheres em pertencer à associação remete, talvez, à uma sociedade capitalista, que precariza o trabalho, à necessidade de um meio de sobrevivência no campo, refletindo o que Schefler analisa sobre realidade das mulheres no campo brasileiro com a crescente penetração do campo na agricultura, restrições à terra, às condições de produção, de mercados, etc., que reforçam as desigualdades sociais.

Assim, as informantes identificam impedimentos concretos de participação das ações da associação,

-Eu acho que não vem nada na minha cabeça não... mas que já teve, teve... de mim impedi já, mas eu não sei te dizer mais a qual não... mas que já teve, já teve, só não vou citar (Margarida Alves).

-Só no caso como tem reuniões na parte da manhã, eu não participo porque estou nas vendas, aí a maioria das reunião não vou. Só isso (Elizabeth Teixeira).

- O trabalho, eu trabalho em outro setor, que às vezes impede de participar... (Joana Angélica Alves).

-Eu agora num posso nem responder isso, porque eu mermo num tô mais, mas no tempo no começo, eu tava junto mas agora não, não vou menti, agora apenas sê sóça, mas eu não tenho mais essa participação de me envolver, com as coisa não. Só foi mesmo agora mô mal dessa pandemia a gente se afastou, né? Já tem mais de dois anos. Por causa dessa pandemia, num fui mais de reunião, né, ai só fiquei den di casa, até a fêra da agora que era pa ta junto, eu numi, né? Passei rápido, mas num fui mesmo falar junto com as menina e é assim (Sebastiana).

Portanto, vale o destaque de como a AMBG buscou soluções inclusive foi verificado a iniciativa de parceira com outra Organização para tentar aumentar o número de associadas afastadas, conhecendo a realidade das mulheres para entender os reais motivos do afastamento.

A questão da participação das associadas é também evidenciada pelo Conselho de Assistência Social, pois o Conselho “cobrou” as associadas que foram indicadas como titular e suplente no Conselho e não puderam participar. Além disso, o Projeto Cáritas pontuou em uma visita na Associação, quando duas integrantes da AMBG se colocaram. Por fim, a CESOL (Centro Público Economia Solidária) também coloca a respeito da Participação das associadas aos espaços que são oferecidos, e também evidencio que são geralmente as “principais vozes” que estão mais em contato com esta instituição.

Quanto as demandas/pautas, ao longo destes dez (10) anos, desde o início foram pautas importantes como a compra do terreno, reforma do prédio para mini fábrica e a partir de 2015, demonstra que a AMBG começou a participar de outros espaços da sociedade civil através de eventos, conselhos, feiras, formações, oficinas, atuação social e relações com outras entidades e órgãos públicos. Como exemplos dessa mudança, associadas que executaram papéis importantes como as associadas T e D assumiram a Secretaria de Mulheres do Sindicato Rural, a, outras associadas J15 e N16 assumiram como delegadas o Conselho Municipal da Juventude e outras associadas participou do Conselho de Assistência Social, a associada S ficou na responsabilidade das vendas da AMBG, recebendo uma taxa pelo seu trabalho, e associada T esteve no cargo também da Presidência da Federação Associação. Ainda assim, de cerca de 36 (trinta e seis) associadas, dezenove (19) participaram destes espaços ao longo de todos estes anos, e ainda assim geralmente estão

acompanhadas de uma associada que compõe a gestão, apesar de ser um apoio importante, pode evidenciar uma insegurança das demais em atuar.

Sobre as Reuniões em seu Estatuto, versa em “*Art. 16ª A Diretoria reunir-se à mensalmente, registrando em atas as suas decisões.*” As reuniões têm alguns saltos dos meses, não tendo reuniões todos os meses do ano. Sendo assim, nas atas não explicam a ausência da reunião em alguns meses. Já as Assembleias: “*Art. 11ª. A Assembleia Geral Ordinária reunirá uma vez por ano para: I- apreciar o relatório anual da Diretoria;*”. Sendo assim, não constei nessas Assembleias apreciação de um relatório anual, consta pautas de participações em determinados espaços, eleições, prestação de contas e pautas organizacionais da AMBG e relações com outras organizações, mas em 2018 há uma mudança no valor da taxa indo para R\$. 5,00. Em 2010, 2011, 2012, 2013, 2014 e 2015 não consta nenhuma assembleia, já em 2016 houve duas assembleias gerais ordinárias e uma assembleia extraordinária, 2017 uma assembleia geral, 2018 cinco assembleias gerais, e 2019 houve quatro assembleias gerais.

Ainda sobre o Art. 16, na questão de Prestação de contas, o inciso “*I - discutir e deliberar sobre as contas e o balanço aprovados pelo Conselho Fiscal;*”

Dessa forma, as prestações de contas, de acordo com as atas, a maioria dos anos foram prestadas as contas, sendo a partir de 2011 que se inicia a prestação de contas, sendo que em 2010 foi a fundação da AMBG, e poucos anos não houveram prestações. Assim nas atas registra-se os valores com saldo e os gastos, porém nem sempre é exposto com detalhes, ou apenas cita sobre que a Tesoureira apresentou a prestação. Dessa forma, apesar de pouco o Conselho Fiscal ser citado dentre estes anos, consta em ata a aprovação das associadas das contas, ou então nenhuma colocação discordando da prestação. Já o inciso 3, “*III - deliberar sobre os programas finalísticos da Associação, bem como definir o plano de trabalho para o exercício do ano seguinte*” Sendo assim, não consta pelo menos em ata de assembleia a definição de um plano de trabalho, apenas uma citação de “plano estratégico” citado pela 1ª Tesoureira em ata, porém não consta ao longo destes anos uma ata de assembleia onde compete fazer este plano. Quanto ao “programa finalístico” da Associação também não constei em atas algo similar.

Por fim, sobre as Não vantagens, em seu Estatuto, a AMBG prevê que “*Art. 21ª As Diretoras, Conselheiras e Associadas prestarão serviços sem quaisquer ônus para Associação, sendo inteiramente vedado o recebimento de qualquer gratificação, bonificação ou vantagem.*” Pela análise dos registros, conversas informais não se tem notícias de que alguma associada tenha buscado benefícios pessoais ou políticos.

4.2 Parcerias e Relações com outros atores sociais: a aprendizagem na/da Participação na AMBG

Ganança (2006) coloca que os novos canais de participação política remetem justamente aos conselhos, conferências, etc., que a AMBG ao longo destes dez anos procurou participar. Como associação civil em seu Estatuto expressa-se a natureza da AMBG, no *Art. 1ª (...)* “*sem fins lucrativos ou político-partidários*”

De tal modo, faz-se importante um parêntese quanto ao diálogo com os políticos locais e estaduais, quando da análise das atas nada consta que evidencie nesta relação algo que fere o Estatuto. Ou seja, nenhuma associada demonstra “autopromoção” desta relação com os políticos. A relação que a AMBG estabelece é de alguém que pode solicitar algo para a infraestrutura da mini fábrica.

Outro ponto importante do Estatuto é este artigo sobre os Cargos públicos e políticos: *Art.6ª Ficam temporariamente impedidos de participar da Diretoria as associadas que venham se candidatar, sejam eleitas para os cargos políticos e aquelas que exerçam cargos ou funções públicas, ainda que em comissão, junto à administração pública direta ou indireta.* Dessa forma, nenhum momento as associadas assumiram cargos públicos quando ocupavam cargos da gestão da AMBG, as mulheres não assumiram cargo público ou político. Sobre o Papel da Diretoria: “*Art. 15ª Compete a Diretoria nos seguintes incisos: II- elaborar e executar o programa anual de atividades*”. Assim, talvez similar ao programa anual seria o plano estratégico. Em um destes anos a 1ª Tesoureira colocou sobre o planejamento estratégico da Associação a maioria das ações planejadas foram quase cumpridas e sugeriu

que fizessem um outro planejamento para traçar novas ações e prioridades no momento. Assim conto que a AMBG busca fazer planejamento para atingir seus objetivos, apesar de que em atas não pude constar este planejamento anterior das associadas. Sobre o inciso “*III- elaborar e apresentar, à Assembleia Geral, o relatório anual*” Neste inciso III não pude constar em atas os relatórios anuais, ainda que não fica claro o que seria este relatório. No inciso 4, “*IV- relacionar-se com instituições públicas e privadas para mútua colaboração em atividades de interesse comum;*” Dessa forma, observo ao longo destes anos, essa relação com os órgãos públicos, muito presente é uma iniciativa da gestão, porém as relações em geral, observo que foram mais de assessoramento de que uma colaboração mútua entre as instituições. Quanto a instituição privada a AMBG concorre um projeto para compra dos equipamentos necessários para o funcionamento da mini fábrica.

No que tange a relação com Órgãos públicos e entidades, o Estatuto prevê em artigo “*VII- celebrar convênios, contratos e acordos com organismos governamentais e não governamentais, nacionais, internacionais, visando consecução de seus objetivos sociais, etc.;*”

Quanto ao diálogo com o poder local e estadual, ao longo destes anos, a AMBG manteve diálogos tanto com políticos da esfera municipal quanto estadual. Inicialmente em 2012 há um planejamento de dialogar com o prefeito sobre a construção da mini fábrica. Sendo assim, em 2014 houve a visita na mini fábrica do Prefeito (PT) de Baixa Grande, propondo-se a patrocinar os gastos para sua reforma. Além disso, a AMBG procura viabilizar um projeto da associação através de uma Vereadora sobre a possibilidade de intermediar junto a uma Deputada estadual, apesar da concordância das associadas dessa iniciativa da Associada A (Coordenadora), as mulheres não estavam confiantes que o projeto fosse a frente. Sendo assim, em 2016, houve eleições do município e um outro Prefeito (PMDB) em 2017, este prefeito visitou a sede da Associação em Km 4 e na construção da casa do tempero localizada no Povoado de Massaranduba, demonstrou interesse em ajudar nas reformas dessas unidades. Dessa forma, ressalto que não houve mais colocações a respeito dessas promessas. Deste modo, observa-se que a AMBG obteve mais proximidade com políticos do partido dos trabalhadores, até mesmo por conta

do caráter histórico que o PT tem de proximidade com a sociedade civil organizada e sempre ter se mostrado ao lado dos direitos sociais, principalmente da população do campo.

Vale ressaltar que essa proximidade e confiança deve-se ainda pelo fato de o Prefeito (PT) ter sido um dos diretores do Sindicato dos Trabalhadores das Rurais.

Enfim, conclui-se que as associadas indicam serem favoráveis a estabelecer este tipo de relação com o Prefeitura local para conseguir melhorar a infraestrutura da Associação, ainda que são ações pontuais, que não ferem o estatuto da AMBG.

-Sim, com Pedro Lima Neto [PT] que a gente conseguiu a unidade, foi uma foi direto, uma relação direta, a gente sentou e conversou, a gente conseguiu a unidade, e com Heraldo a gente não conseguiu nada envolvendo a unidade mas a gente vendia muito bem, a gente escoava nosso produto muito bem. Nós não temos problema com Prefeito, nenhuma Prefeitura, nós tá lá fazendo nosso papel. O que entrar a gente vai ter que acolher, nós somos Associação. Então desde então nós temos mulheres dentro da Associação, vários tipos de partido...porque nossa Associação é independente, não é uma Associação dependente de ninguém, nós não precisa dizer que a gente tem que votar em fulano de tal, porque aquele fulano de tal é da nossa associação, entendeu? Só que nós mostramos o que a gente alcança com aquele fulano de tal, com aquela fulana de tal, entendeu? O que a gente alcançou, mas nós deixa em aberto pra você refletir, no caso pra as mulheres refletir (Margarida Alves).

-Eu acho que foi bem porque no tempo da nossa associação quem era o prefeito foi Gilvan, depois veio Pedro [PT] e todo eles tava rente da nossa associação. Né? Pedro e Gilvan, foi no tempo que eu tava dentro da associação. Gilvan, eu não tenho o que dizer, uma que nós foi criado junto... então pra mim...Pra Associação Gilvan foi muito bom. É porque veio esse projeto, né? Vinha pra esse negócio da merenda, das iscolas e ele a frente apoiava, né?" Oh, fia, eu não tenho... Eu não gravo tudo quanta coisa, na hora tudo eu sei, mas depois sai da cabeça, mas foi trazido por agricultura familiar, né e aí eles dava apoio pra comprar as merenda pra iscola (Sebastiana).

A AMBG manteve relação com órgãos públicos, outras entidades com objetivos sociais similares aos da própria AMBG, a exemplo da CESOL, SETAF, UNISOL, Projeto Bahia produtiva. Sobre a Economia Solidária e Agricultura Familiar: “VI- agregar valor à produção adquirindo autonomia financeira através da venda dos produtos da agricultura familiar e outros baseando nos princípios da economia solidária;” Sendo assim, neste percurso

da AMBG procurou prezar por espaços para o fortalecimento da agricultura familiar e a economia solidária.

-Nós sempre tinha apoios, né? Nós tinha apoios da igreja, do pessoal da CPT, pessoal que trabalha com os grupos, também famílias carentes, este pessoal trabalha pela diocese de Ruy Barbosa, que é a igreja, tinha também apoio das Cáritas, é outra instituição que trabalha em prol das famílias carentes, de grupos em prol da economia popular solidária, e tinha também o pessoal CESOL, que é o Centro público de economia solidária, que é do governo mas a gente já fazia parte, já nos acompanhamos, tinha sindicato, a prefeitura, a igreja, e aqui a federação das associações, e a associação de apicultura. A gente nunca andamos só, entendeu? A gente somos uma associação, mas a gente somos unida, vinculada a vários grupos, a várias entidade, nós nunca andamos só, a gente tinha apoio desse povo, e ainda tem, né? a gente conta com o apoio deles, a gente tá aqui porque desse apoio (Margarida Alves).

Sobre atores interlocutores, atores parceiros: ao longo destes anos a AMBG teve relações com as diversas instituições e essas relações estavam em torno de angariar benefícios para a Associação e fortalecer outra organização de mulheres que estaria se constituindo. Enquanto em outra instituição já não fica claro o tipo de parceria que as associadas constituem. Assim não é possível constar que as relações com outros chegariam a constituir redes com essas organizações, mas que podem vir constituí-las futuramente.

Foram eles: (i) *Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR)*- as reuniões da Associação de Mulheres de Baixa Grande- BA se realizaram ao longo dos anos no espaço do STTR. Em projeto com o qual a AMBG concorre pelo SESI para obter o recurso para compra dos equipamentos, o referido Sindicato consta como parceiro. Além disso, não se tem sido explícito, como mais se caracteriza a parceria entre esse sindicato e a AMBG.

Em falas, as informantes enfatizam essa parceria histórica:

-a base da associação é o sindicato, porque desde quando a associação foi nascida, de lá, não dizendo que nois era sócia, porque tinha umas mulheres que é sócia, outras não é sócia, até hoje não são, e nascido por conta do espaço pra reunião, quando a gente precisava de uma ajuda, eles tavam sempre apoiando e até hoje nos apoia, quando precisa de qualquer, formação de evento, de qualquer formação, ou de fazer algum evento, eles está sempre ali apoiando, com o que puder, entendeu? Tanto na parte de organização, quanto na parte de alimentação e tudo, ele sempre nos ajuda, sindicato pra nós é a nossa base, é nosso, né? (Margarida Alves).

-Ele [sindicato] tem um papel fundamental, né? Que ele sempre... o acolhimento, o incentivo às trabalhadoras, acho que é um dos parceiros mais forte da associação, é o sindicato. Eu sinto, né? Desde quando eu trabalhava lá, que eu sair continua, que todas as vezes que a gente precisa de algo, o sindicato estará sempre na parceria. Então a fundação, entre este grupo de mulheres que foi 20 mulheres, que a gente tinha o grupo, aia veio a criação da associação, a ajuda foi o Cláudio da CPT, que deu todo suporte pra criar a associação, e parceria com o sindicato dos trabalhadores, e a federação das associações, ai criou a associação, e a partir dai a gente começou a participar de conselhos de outros órgãos, né? que a gente já teve essa participação, de indicação de nomes da associação, então isso foi importante, né? foi um passo a mais pra esse grupo de mulheres que era um grupo informal antes (Joana Angélica Alves).

ii) Serviço Social da Indústria (SESI)- a AMBG concorreu com um projeto junto ao Serviço Social da Indústria (SESI) para a compra dos equipamentos para estruturar a mini fábrica, houve a liberação do recurso conforme aqui supracitado no valor de 7500 reais, comprando 1 despoldadeira e 2 freezer e 1 seladeira e 3 isopores.; (iv) Escola Pública – A AMBG coloca-se sobre a “entrega de merendas nas escolas” nessa passagem é exposto de maneira vaga, pois não se explícita como seria essa relação com a Escola, fazendo-se supor que estaria vinculado ao fornecimento pela AMBG das polpas de frutas para sucos da merenda escolar, o que seria uma ação que contribuiria com a comunidade, pois as polpas são naturais e sem conservantes, reforçando assim a alimentação saudável. (v) Comissão Pastoral da Terra (CPT)- A relação com Pastoral da Terra foi algo relevante na aquisição do terreno da mini fábrica através de encontro no CTL. Em outro momento a CPT assumi um papel importante de construir um planejamento estratégico com a AMBG para aproximar associadas afastadas da associação.

Vale aqui lembrar que a Comissão Pastoral da Terra, nasceu vinculada à Igreja Católica no Encontro de Bispos Prelados na Amazônia realizada em Goiânia, fundada no período da Ditadura Militar, pois os trabalhadores rurais, peões, posseiros viviam condições horríveis de grande exploração submetidos a condições análogas de trabalho escravo e expulsos da terra. Assim, a CPT tem o papel de ser um suporte ao homem e mulher do campo, pauta sobre a reforma agrária, lutando contra o latifúndio, contra o capital e na luta dos

direitos humanos. Dessa forma, em comum com a AMBG, a CPT preza pela produção orgânica, a agroecologia, agricultura familiar, e abraça a questão de gênero e a libertação das mulheres camponesas. Portanto, compreende-se a partir da relação da AMBG sobre a aquisição do terreno para minifábrica a partir de quando a CPT se propõe a lutar pela necessidade da terra para o sustento das famílias camponesas.

Quanto a parceria com instituições financeiras, com órgãos públicos federais, estaduais e municipais, religiosas, associações civis e outras entidades: *Banco do Nordeste* – A AMBG abriu-se a possibilidade de ter relações com instituições financeiras, a associação buscou ter acesso ao crédito, tendo reunião com o representante do Banco do Nordeste, mas não é explícito como seria exatamente este acesso ao crédito pela AMBG. O Banco do Nordeste ressalta que apesar de como uma instituição financeira oferecer a concessão de crédito, ele tem a missão de oferecer outros serviços que possibilite o desenvolvimento do nordeste brasileiro, por este motivo, o Banco criou diversos instrumentos buscando contribuir para garantir a sustentabilidade dos empreendimentos financiados, associada à melhoria das condições de vida da população nordestina. Dessa forma, diante das características da instituição financeira compreende-se a relação da AMBG com o Banco Nordeste, já que a instituição financeira apresenta um caráter social e semelhante aos objetivos da Associação. Sendo assim, a instituição tem um papel importante como agente financeiro pelo *Programa Nacional da Agricultura Familiar (PRONAF)* que apoia a Agricultura Familiar e tendo como uma das suas diretrizes “o apoio à equidade de gênero com incentivo à participação das mulheres em empreendimentos rurais.” *Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social e Companhia Nacional de Abastecimento vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*: O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social é uma instituição estatal, um dos maiores bancos de desenvolvimento do mundo e principal instrumento do Governo Federal. Sendo que apoia empreendedores de todos os portes, expansão e na concretização de novos negócios tendo em vista a geração de empregos, renda e de inclusão social. Além disso, prega a responsabilidade social e ambiental, pois dispõe de mecanismos que vão desde da análise dos

impactos sociais e ambientais dos projetos apoiados financeiramente e o investimento que gerem benefícios diretos sobre a qualidade ambiental e a diminuição das desigualdades sociais e regionais no país. Já a “Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) é uma empresa pública com sede em Brasília, vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. A empresa está presente em todas as regiões brasileiras, com superintendências nos 26 estados e no Distrito Federal, além de 68 Unidades Armazenadoras (UA), como armazéns convencionais, graneleiros, etc., que são capazes de estocar diversos produtos agrícolas e garantir o suprimento alimentar da população, participa da formulação e execução de Políticas Públicas, contribuindo para a regularidade do abastecimento e formação de renda do produtor rural”, fortalecendo políticas públicas para a agricultura familiar. Dessa forma, as instituições BNDES e CONAB, geralmente fazem parceria de editais para o fortalecimento da agricultura para ser investido em cooperativas e associações. Neste caso, a AMBG interessasse em concorrer um edital BNDES-CONAB N° 002\2013 no valor de 70000 para cada entidade que for contemplada, entrando em contato com o técnico da CESOL de Pintadas para ajudar elaborar. Assim, as associadas buscam captar recursos através de editais para o seu benefício, mas compreende-se que a escolha de concorrer este edital da instituição atrelasse também aos valores sociais que ambas instituições se propõem. *Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente*: A Secretária deste órgão disponibiliza uma estagiária em engenharia do meio ambiente para fazer formações com a AMBG. Sendo assim, apesar de não ser explícito o tipo de formação, demonstra-se assim um interesse social da instituição em contribuir com a AMBG, e a mesma se mostra aberta para com essas formações. *Conselho Municipal da Juventude*: A AMBG procurou espaços deliberativos construindo propostas para garanti impactos sociais. A Secretária F da AMBG, incentiva as mulheres a participarem. A Coordenadora A salienta sobre a importância de as mulheres participar destes espaços. Portanto, para sua participação seria solicitado a indicação das associadas, cópia do Estatuto e o histórico da Associação, acompanhando com a ata dos nomes das associadas. Dessa forma, decidindo-se a associada J15 do Km 4 e como suplente a associada N16 para a composição do Conselho Municipal da Juventude. *Centro Público de Economia Solidária (CESOL) do Ministério do*

Trabalho, Emprego, Renda e Esporte: Sendo assim, Centros Públicos de Economia Solidária são espaços multifuncionais públicos, de caráter comunitário, que se destinam articular oportunidades de geração fortalecimento e promoção do trabalho baseado na economia solidária. Assim tendo a Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego (SENAES/MTE) e a Rede Brasileira de Gestores Públicos da Economia Solidária como seus principais difusores, a CESOL é mantida por meio da parceria entre o poder público e a sociedade civil oferecendo formação, assistência técnica, divulgação, comercialização, crédito, expressão cultural e articulação social e política do movimento de economia solidária, assim dando apoio a empreendimentos solidários como associações e cooperativas. De tal modo, os Centros estão divididos pelos territórios de identidade do estado da Bahia sendo que a AMBG recebe o assessoramento é de Pintadas localizada no território de identidade Bacia do Jacuípe assim como Baixa Grande. Diante disso, ao longo destes anos, principalmente a partir de 2014 a CESOL estaria acompanhando de forma assídua a AMBG, através de assessoramento técnico, formação, capacitação e melhorando na logística da produção de polpas e tempero. Sendo assim, destaca-se algumas ações feitas da CESOL com a participação da Associação de Mulheres, a exemplo do vestuário, pois auxilia a AMBG na compra de botas adequadas para trabalhar na produção, quanto a produção, solicita os caroços das frutas utilizadas para as polpas de frutas. Nessa passagem não foi especificado qual objetivo dessa solicitação. Além disso, o Projeto Rede, a AMBG participa dessa reunião em Pintadas em 2014 feita pela CESOL, apresentando este Projeto que atenderia 28 empreendimentos, desenvolvendo capacitações e oficinas, oferecendo 10 kits de equipamentos para derivados de leite e mandioca. A CESOL agendou uma visita a AMBG no Sindicato Rural. Sendo assim, através deste Projeto com uma Solenidade de entrega, a AMBG recebeu dois liquidificadores industriais, 1 seladora de tampas, 1 descascadora de alho, uma balança digital, sendo distribuídos entre o grupo de polpas de frutas e o grupo de tempero. Outra ação importante da CESOL é a disponibilização de um técnico para a capacitação e a associada E sugeriu o tema de “Gênero”. Assim, considerando que estaria formando um novo grupo de produção, a AMBG solicita o intercâmbio com outros grupos de tempero. Sobre as oficinas, realizadas no

Sindicato para as Associações, a AMBG pode esclarecer as dúvidas sobre emissão de certidão, prestação de contas. Sendo assim, as associadas da AMBG, aprovaram essa oficina, pois contribuiu para o avanço das associações, a AMBG solicitou formações e oficinas neste encontro com a CESOL. Outra oficina foi feita com o Grupo de tempero fazer o cadastro. Já a Secretaria de Trabalho Renda e Esporte do Estado da Bahia (SETRE), a qual coordena os Centros Públicos de Economia Solidária realiza a visita a AMBG em 12 de maio de 2016, porém não é exposto o motivo da visita. Houve a II Caravana do Centro Público de Economia Solidária, realizada em 1 e 2 de abril de 2016, os empreendimentos incluindo a AMBG são solicitados a colocar os produtos na feira, neste evento houve oficinas de artesanato. A AMBG avalia este evento com satisfação, pela sua organização, destacando as oficinas de artesanato e a sugestão de rótulo provisório do grupo de tempero. O evento considero muito importante para a visibilidade da Associação e de aprendizado para as associadas, como as próprias ressaltaram. Sobre a comercialização, em 22 de fevereiro de 2017 da CESOL na cidade de Pintadas-BA, os representantes da CESOL de Pintadas retomaram as atividades com a prioridade de trabalhar o tema da comercialização e com pretensão de atender quarenta e sete (47) empreendimentos. Por fim, houve um Seminário de Economia Solidária, a AMBG participa do seminário representando a CESOL.

Portanto, ao longo dos anos, as associadas demonstraram-se satisfeita com o trabalho de assessoramento, aprovando as oficinas, formações, a instituição tem assumido um papel importante para Associação trazendo benefícios, mostra que as oficinas da CESOL têm contribuído para o aprendizado das mulheres para o desenvolvimento dos grupos de produção da associação. Por outro lado, o diálogo com o Centro Público percebo que houve pouquíssimas falas das demais associadas a respeito da instituição, sendo assim estando mais em diálogo a 1ª Secretária F e a 1ª Tesoureira E com a instituição, assim limitando-se a análise sobre a relação da AMBG com a CESOL, o que requer uma maior investigação sobre o comprometimento com as ações desta ao longo destes anos. *UNISOL (Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários)*: a UNISOL Brasil é uma associação civil com fins não econômicos, de natureza democrática, seu fundamento tem como defesa dos interesses da classe trabalhadora, a melhoria das condições de vida e de

trabalho das pessoas, a eficiência econômica e o engajamento no processo de transformação da sociedade brasileira com base nos valores da democracia e da justiça social. (UNISOL, 2021) A entidade é representada nos 27 (vinte) estados nacionais, contempla diversos setores a exemplo de cooperativas sociais, agricultura familiar, apicultura, etc. Sendo assim a entidade representa os empreendimentos auto gestionários que tem como base de atuação os princípios da Economia Solidária e que são filiados a UNISOL Brasil. O papel dessa associação civil é organizar, representar e articular de forma ampla as cooperativas, associações e outros empreendimentos da economia solidária, resgatando e promovendo igualdade social e econômica, a dignidade humana e desenvolvimento sustentável. Ao longo destes anos, a UNISOL acompanhou fortemente a AMBG através de assessoramentos, capacitação e formação. Assim, houve algumas ações importantes a exemplo do projeto de Fortalecimento da Comercialização, que participaria a AMBG e outro empreendimento do município de Baixa Grande, este Projeto duraria 8 meses, tendo oficinas e capacitações. O técnico ressaltou que a escolha se deu pela indicação da CESOL-Pintadas, entidade a qual AMBG mantinha relações. Além disso, houve uma visita do técnico agropecuário em parceria com a UNISOL que acompanhou 10 empreendimentos dentre estas incluindo a AMBG e, tinha como objetivo que as entidades e grupos informais melhorasse a sua organização e comercialização. Outra ação importante foi a assessoria ao grupo de tempero e de polpas de frutas e a UNISOL ressaltou a importância da participação das associadas, participando da formação e prática com 8 encontros. Além disso, a UNISOL assessorou no que tange a organização, solicitando as contas e auxiliou na alteração do estatuto, pois associadas recorreram a UNISOL para auxiliar na reforma estatutária sendo que a AMBG compõe a Rede Jacuípe. A associação de mulheres participa do Encontro da UNISOL Brasil em Brasília, este encontro foi formado por diversos empreendimento feito por três encontros de mulheres, jovens e a coordenação, assim formando o projeto redes. A UNISOL informa sobre se cadastrar sobre o marco regulatório, mas não é evidenciado em ata o que seria este marco. Sobre o Congresso da UNISOL Brasil em São Paulo, as associadas N16 e associada F (Vice-secretária) participaram do Congresso, tendo como pautas as eleições, a posse da nova diretoria da UNISOL, sendo representada por uma Tesoureira da Bahia, discutiu sobre o Projeto Redes sobre a conclusão das suas atividades, sendo apresentada uma tabela com um montante de sessenta mil e

cento e sete (60.107,00) reais direcionado para a rede de Jacuípe para a realização das atividades escritas no projeto. As entidades que compõe a Rede Jacuípe são a Associação Mulheres Produtora Inovadora de Italegre, Associação Comunitária de Boa Hora, Associação de Apicultores e Associação de Mulheres Baixa Grandenses. Por fim, houve uma iniciativa da UNISOL trabalhar a imagem da organização, pois visita o local de vendas da AMBG, resolveu fazer atualizações da marca e do rótulo dos seus produtos depois enviaria para o e-mail da Associação. *Fundo das Nações Unidas para Infância - UNICEF* - A AMBG recebe o convite do Fórum Comunitário do Selo UNICEF, sendo escolhida uma associada como representante. Assim associada P explana sobre as ações da UNICEF, apresentando a UNICEF é uma iniciativa para estimular e reconhecer avanços reais e positivos na promoção, realização e garantia dos direitos da criança e adolescentes nos municípios do Semiárido e da Amazônia Legal brasileira. Sendo assim, mostra que existe interesse da parte da instituição pela atuação da AMBG e que este fórum possa abrir os horizontes para sua atuação na questão direitos da criança e do adolescente. No momento da pesquisa, a AMBG estava articulando novas parcerias como por exemplo a *Cooperativa das Lavradoras de Ruy Barbosa -BA*, pois uma associada torna-se sócia da cooperativa e a AMBG participa de uma reunião de um *Grupo de Mulheres em Mairi* que tem interesse de forma uma associação, não há detalhes desta reunião, mas mostra que a AMBG aparenta ser exemplo para este novo grupo, podendo passar a sua experiência de associada para este grupo, até mesmo a identificação pela questão de gênero. *Serviço Territorial de Apoio à Agricultura Familiar – SETAFs - SDR –BAHIATER*: a SETAF são unidades territoriais descentralizadas de representação da Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), tendo a finalidade de desconcentrar, descentralizar, articular e implementar programas, projetos, ações e políticas públicas voltadas para o desenvolvimento rural. A Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural (BAHIATER) possui uma base técnica em cada um dos 27 Territórios de Identidade da Bahia, funcionando dentro dos SETAFs. A BAHATER, órgão em regime especial de Administração Direta, da estrutura da Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), tem por finalidade promover a execução de políticas de desenvolvimento da assistência técnica e extensão rural, especialmente as que contribuam para a elevação da produção, da

produtividade e da qualidade dos produtos e serviços rurais, para a melhoria das condições de renda, da qualidade de vida e para a promoção social e o desenvolvimento sustentável no meio rural baiano.

Dessa forma, a AMBG participa da atividade em Capim Grosso com a equipe do Serviço Territorial de Apoio à Agricultura Familiar (SETAF), atividade explanou sobre a certificação dos produtos da agricultura familiar, e de agroecologia. Portanto, mostra a AMBG buscando um serviço público que possa contribuir para sua produção, pois através dessa certificação dos produtos garantindo a confiança da comunidade que a polpas de frutas vem de frutas provenientes da agricultura familiar pois faz cumprimento do que seu próprio estatuto se propõe. Sendo assim, o próprio estatuto se propõe Art. 1 inciso VI *“agregar valor à produção adquirindo autonomia financeira através da venda dos produtos da agricultura familiar (...)”*. Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR) - PROJETO BAHIA PRODUTIVA: A instituição tem a missão de promover o desenvolvimento regional por meio da inclusão sócio produtiva, o Governo da Bahia, através da Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional – CAR, vem se empenhando fortemente no combate à pobreza em comunidades rurais, priorizando o fortalecimento da agricultura familiar, economia solidária, comercialização, territorialização, segurança hídrica, convivência com a seca, e o gerenciamento sustentável do meio ambiente. Assim, a CAR busca apostar nas potencialidades regionais, associações e cooperativas que investem em atividades e produtos capazes de gerar efetivamente emprego e renda, e estimula o desenvolvimento de diversas cadeias produtivas, tais como a apicultura, caprinocultura, fruticultura etc. (CAR, 2021) O Projeto Bahia Produtiva é executado pela CAR empresa pública vinculada à SDR a partir de Acordo de Empréstimo firmado entre o Estado e o Banco Interamericano de reconstrução e Desenvolvimento (Banco Mundial). Por meio deste projeto são financiados subprojetos de inclusão socioprodutiva e de abastecimento de água e saneamento domiciliar, de interesse e necessidade das comunidades de baixa renda da Bahia. Sendo assim, alguns objetivos do Projeto Bahia Produtiva que dialogam com a AMBG que se propõe a melhorar a infraestrutura básica necessária para apoio à produção e a comercialização, promover a inclusão econômica e social de mulheres, jovens, povos indígenas, comunidades tradicionais e empreendedores da economia

solidária, fortalecer a capacidade das associações comunitárias\organizações de produtores para elaborar e implementar e geri os subprojetos. A AMBG concorreu editais de 2015 e 2016. Em 2015, para além de concorrer o edital, solidarizar-se a ajudar as associações que queiram a concorrer, também e uma das associadas participa de uma Oficina realizada no município de Feira de Santana para a elaboração do Edital. Por outro lado, apesar de toda dedicação da AMBG encontra-se alguns desafios, pois a associada P (Coordenadora) coloca a respeito da visita da CAR, a qual trabalha na possibilidade aprovação do projeto, mas é necessário “apoio político”. Ao colocar sobre apoio político não é evidenciando em ata, do que especificamente estaria colocando o apoio, pois levantaria a questão de que dependeria de políticos, tanto municipal ou estadual para ser viabilizado. Assim, outra questão que levanta é a velha forma de fazer política, para viabilizar um projeto em troca de apoiar algum político em eleições.

Assim em entrevistas, falas aqui supracitadas já refletem sobre o apoio político e essa é contundente:

-Todos nós precisamos. Desde quando a SESI, se a gente não tivesse o apoio de Dom André, que foi que faleceu, Dom André, pastor maior que é o bispo, ele mandou a carta lá pra SESI, pedindo ajuda pra que as mulheres da gente fosse conseguir. Dom André já faleceu ano passado, não sei... com isso a SESI ela teve mais um olhar, ao olhar nosso projeto. A gente tinha escrito tudo mas tu acha que se num tivesse uma cartinha junto pela uma pessoa mais responsável, ele tinha olhado nosso projeto? Tinha olhado não, fia. Ele olhou porque quando chegou nosso projeto com a carta de Dom André, é uma pessoa conhecida dentro da SESI. Eles não, a gente tem que atender o olhar pra este homem que mandou, aí vortou, a gente fez outro pedido das Cárita foi com Cleuza que era uma freira, que não mora mais no território, mas ela nos ajudou muito nessa parte, né? lai com a congregação, com isso com aquilo, conseguimos. E esse agora a gente teve que ter ajuda de deputado Neuza Cadore e Afonso Florence se não fosse eles que tivesse ido lá pra colocar nosso projeto, a gente não tinha, nós não tinha ganhado, e se a gente não tiver o apoio de quem tá lá dentro, nós não vai em lugar algum! Seja ele de que lado for, seja ele qual for, não to aqui fazendo politicagem, mas tem que ter, se não tiver você não ganha (Margarida Alves)

Já em 2016, a AMBG se propõe a concorrer o edital nº 01012018 da Bahia Produtiva, o qual tem como precedente a fruticultura. A AMBG se propõe concorrer com outras quatro organizações da mesma produção, formando uma aliança para ter mais possibilidade de ganhar, considero uma articulação

importante para AMBG. A organização participa de reuniões para estarem informadas do andamento do projeto, passa na 1ª etapa do Projeto, por fim passaram-se alguns meses sem colocar nada sobre o Projeto Bahia Produtiva, em novembro de 2019, o consultor do Projeto Bahia Produtiva visita a Associação para avaliar a estrutura, pois se o projeto seria viável, e informou sobre a capacitação em Várzea da Roça. Diante dos dados apresentados, não constei em ata o desenrolar final deste projeto, ou seja, se a Associação, conseguiu as outras etapas destes editais, se conseguiu executar o projeto.

Programa Nacional de Alimentação Escolar- PNAE e a Cooperativa Mista Agricultura Familiar: O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) oferece alimentação escolar e ações de educação alimentar e nutricional a estudantes de todas as etapas da educação básica pública. O governo federal repassa, a estados, municípios e escolas federais, valores financeiros de caráter suplementar efetuados em dez (10) parcelas mensais (de fevereiro a novembro) para a cobertura de duzentos (200) dias letivos, conforme o número de matriculados em cada rede de ensino. O PNAE é acompanhado e fiscalizado diretamente pela sociedade, por meio dos Conselhos de Alimentação Escolar (CAE), e pelo FNDE, pelo Tribunal de Contas da União (TCU), pela Controladoria Geral da União (CGU) e pelo Ministério Público. Sendo assim, PNAE é gerenciado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE, 2021) Dessa forma, as questões são levantadas sobre como funcionaria a relação da Associação de Mulheres Baixagrândense com a PNAE e seus objetivos com este Programa, a partir de colocações em atas, as quais não são explicativas a exemplo: “Entrega da merenda escolar”, em outra passagem seria à respeito do representante da Cooperativa Mista da Agricultura Familiar, que agendou uma reunião para a renovação do PNAE, que pretendia trabalhar com outros municípios e também em ata coloca à respeito de problemas com pagamento do PNAE em Ruy Barbosa. Diante disso, a compreensão de princípio em torno dessa relação da AMBG com o PNAE é partir de que existe a “Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009 que determina que no mínimo 30% do valor repassado a estados, municípios e Distrito Federal pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) deve ser utilizado na compra de gêneros alimentícios diretamente da agricultura familiar e do

empreendedor familiar rural ou de suas organizações, priorizando-se os assentamentos da reforma agrária, as comunidades tradicionais indígenas e as comunidades quilombolas. A aquisição dos produtos da Agricultura Familiar poderá ser realizada por meio da Chamada Pública” (FNDE, 2021) Dessa forma, diante do que foi apresentado em atas, nestes anos, as frutas que as mulheres utilizam para sua produção é proveniente da agricultura familiar. Por outro lado, ainda permanece uma não compreensão o que representa Cooperativa Mista da Agricultura Familiar e como se deu ou se dá a sua relação com a Associação de Mulheres de Baixa Grande. *Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf)*: O financiamento para custeio e investimentos em implantação, ampliação ou modernização da estrutura de produção, beneficiamento, industrialização e de serviços no estabelecimento rural ou em áreas comunitárias rurais próximas, visando à geração de renda e a melhora do uso da mão de obra familiar. (BNDES, 2021) O Pronaf é citado em ata pela AMBG, mas não é apresentado de forma nítida as motivações da procura pelo programa. *Cáritas (Projeto Cáritas)*: A Cáritas é a nível internacional é uma Confederação com mais de 187 organizações-membro, está presente em cinco (5) continentes, com sua sede em Roma, coordena políticas para corrigir as desigualdades defendendo um mundo justo e solidário. A Cáritas Brasileira, fundada em 12 de novembro de 1956, é um organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a sua originada da ação mobilizadora de Dom Helder Camara, Secretário-Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) Está organizada em uma rede com cento e oitenta e sete (187) entidades-membro disposta em doze (12) regionais e cinco (5) articulações. Regionais: Norte 2, Nordeste 2, Nordeste 3, Ceará, Maranhão, Piauí, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, e Rio Grande do Sul. As articulações são: Norte 1, Norte 3, Noroeste, Centro-Oeste e Rio de Janeiro. (Cáritas, 2021).

A organização realiza projetos em várias frentes de atuação. A Cáritas que tem uma rede de mais de quinze (15) mil agentes, valoriza e aposta em ações locais, comunitárias e territoriais, em relações solidárias na luta por direitos e na construção de um desenvolvimento local, solidário e sustentável. Sendo assim, algumas áreas de atuação que possibilita a compreensão da relação com a AMBG, a exemplo da sua *formação* que é uma ferramenta

importante para processos organizativo e de gestão com metodologia pela vivência de ação libertadora comprometida com a transformação social, sobre a *Economia Popular*, sendo uma articulação de campo, floresta e cidade na construção de alternativas que gerem processos coletivos e auto gerenciários visando a inclusão social de pessoas e famílias sendo afetadas pela pobreza, melhorando a qualidade de vida através de associações, cooperativas ou grupos informais, e outra atuação importante é sobre *equidade de gênero*, apesar dos avanços sociais, há ainda o histórico de violência física, abuso sexual e o feminicídio que as mulheres são vítimas, se compromete em denunciar todas as formas de violência contra mulheres e meninas, além de fortalecer os ambientes popular e eclesiais, refletindo sobre as mulheres de espaço de gestão e decisão. Deste modo, a Associação de Mulheres Baixagrandense envolveu-se em projetos da Cáritas Diocesana de Ruy Barbosa sendo a Regional Nordeste 3, Ruy Barbosa é uma cidade vizinha de Baixa Grande. Sendo assim, através do Projeto Cáritas, as associadas terá formações, capacitações, oficinas, recursos em dinheiro para avançar a sua organização. Sendo assim, inicialmente o Projeto Cáritas é aprovado inicialmente, sendo a Associação de Santa Cecília participando juntamente com a AMBG, este projeto ofereceria oficinas e capacitações, e através deste Projeto a AMBG solicitou equipamentos, a exemplo da despoldadeira que processa 300 kg por hora, a associação conseguiu uma mesa. Além disso, houve um *Encontro no CTL com a Cáritas Diocesana de Ruy Barbosa* e este encontro discutiu a escolha do equipamento de cada empreendimento que esteve participando do projeto, formação com tema Comércio Justo, Experiência de organizações para comercialização. Dessa forma, a AMBG solicitou uma ajuda financeira para o “Sabor do Jacuípe.”, assim a Cáritas promete conseguir este recurso, sendo este recurso foi através da Irmã Coordenadora da Caritas Diocesana de Ruy Barbosa-BA de uma articulação com outra Associação Franciscana de Instrução e Assistência (AFIA). Outro momento importante é sobre o incentivo do representante do Projeto Cáritas Diocesana de Ruy Barbosa, pois discorre sobre a importância da concorrência de editais e colocou sobre o edital aberto do Banco do Brasil e que a Cáritas pretendia participar da concorrência. O projeto estaria voltado para trabalhar com grupos de produção dos territórios da Bacia do Jacuípe e Piemonte do

Paraguaçu. A Cáritas buscou a acompanhar as associadas, assim faria uma visita ao local de produção, as associadas sendo uma que compõe a gestão seriam as responsáveis pela limpeza do local no dia e explicar sobre a AMBG, mas houve questionamentos pelo Cáritas, o fato de algumas dessas associadas não se colocarem durante estes encontros. Outra observação que o assessor traz era sobre a necessidade de ter relação cidade e campo que é importante a divulgação dos produtos.

Além disso, uma ação inovadora e cooperativa do Cáritas foi o *Fundo Rotativo Solidário* “é como uma poupança comunitária gerida coletivamente. Essa poupança é formada por meio da doação voluntária de recursos por cada membro participante do fundo ou ainda pode ser constituída a partir de ações e recursos externos destinados à comunidade.” (Fundo Rotativo Solidário Fortalecendo Comunidades, p.19, 2020). Segundo Oliveira (2006) a respeito dos Fundos Rotativos, que a partir do século XIX essas associações de crédito nem sempre partiram da iniciativa dos associados. Elas na maioria das vezes são financiadas por grupos filantrópicos, organizações não governamentais ou bancos que tem o objetivo de promover desenvolvimento das áreas pobres. Assim identifico esta colocação ao caso da AMBG que transparece que esta iniciativa parte da Cáritas, pois a AMBG procurou anteriormente financiamento através de uma instituição financeira a qual se encontrava indisponível. Dessa forma, encontrando no Fundo Rotativo do Cáritas uma forma de benefícios para a compra de equipamentos para a melhoria da infraestrutura da sua produção, pois o Fundo Rotativo ele tem um caráter cooperativo e que respeita a realidade da organização das mulheres. Sendo assim, essa iniciativa trouxe ganhos à Associação, a Cáritas promoveu uma reunião para discutir sobre Fundo Rotativo com a Associação, e a AMBG participou de formações que tange sobre o tema. Sendo assim, por meio do Fundo Rotativo foi possível adquirir a despoldadeira e uma mesa inox. Além disso o grupo de tempero foi beneficiada através do Fundo Rotativo do Cáritas e a associação retornaria uma parcela de cinquenta reais (R\$50,00). Assim, se observa que o projeto ao investi na associação, para que possam dar um retorno, formando assim uma relação de reciprocidade e fortalecendo a cooperação.

Por fim, houveram alguns encontros de articulação promovida pelo Cáritas, primeiramente o *Encontro dos Biomas do Caritas Regional Nordeste 3*

Bahia Sergipe, apesar da AMBG não entrar em detalhes sobre estes encontros, o Cáritas tem uma frente de atuação relacionado aos biomas assim apresentando essa frente de atuação pelos Biomas de forma predominante na promoção da convivência com o Semiárido, com o Cerrado e com a Amazônia, articulando e mobilizando atores locais para o fortalecimento do debate político, de entendimento sobre os direitos de se organizar de forma coletiva e auto gestor para os projetos de desenvolvimento e sustentabilidade. Assim um trabalho social com as famílias em preservação ao meio ambiente, mas também para o enfrentamento da vulnerabilidade social e violação de direitos. Portanto, demonstra que a Associação de Mulheres tem um envolvimento com causas ambientais. Outro evento importante é o Encontro do Semiárido e Resistência que foi realizada no CTL de Ruy Barbosa, neste espaço foram tiradas três propostas, sendo o Encontro de Mulheres no segundo semestre, Encontro de Jovens e Debate político. Sendo assim, mostra que a AMBG construindo ações com pautas que estão para além de gênero e a Feira Regional de Economia Solidária da Cáritas Diocesana Nordeste 3 em Salvador, a AMBG participa desta feira comercializando seus produtos, ressaltando que para além da divulgação da organização, também possibilitou participar de oficinas e espaços com troca de experiências.

Uma variável destacou-se na observação, a religiosidade das próprias associadas. As reuniões geralmente são iniciadas com orações ou salmos bíblicos. Além disso, a *Congregação Salvatoriana* vinculada a Igreja Católica - uma associada trouxe para a AMBG, sobre o recurso de vinte e três mil reais (R\$ 23.000,00) para ser aplicado em grupos informais ou associações, pois a Irmã entusiasmou-se com a história da AMBG. Outra aproximação foi a partir diálogo com o Padre da Paróquia de Baixa Grande, sobre ceder as associadas a cozinha do salão paroquial para a produção de tempero, inicialmente. Para além disso, na época estaria em formação os grupos de artesanato e outro grupo de molho de tomate apoiados pela Paróquia de Baixa Grande, o sindicato faria a formação para estes grupos e iria propor que as mulheres se filiassem a Associação de Mulheres, mas ainda estava em planejamento.

Mesmo, assim, não foi possível verificar nenhum controle de cunho religioso nas ações da AMBG, no máximo isso aponta o fato dentre as associadas, várias tem práticas religiosas de caráter cristão.

Quanto a relação com a comunidade e a sociedade, ela também se expressa através de alguns eventos: *Aniversário de Baixa Grande-Bahia*: participação da exposição de barracas artesanato e comidas típicas no aniversário da cidade Baixa Grande-BA. Sendo assim, essa participação é algo de extrema importância para a AMBG pois possibilita dá visibilidade a associação também valorizando sua produção. Além disso, também possibilita uma demonstração delas valorizarem a cultura baixa-grandense e sua história reforçando estando presente neste evento. *Feira de Pintadas – Bahia*: cidade vizinha à Baixa Grande-Bahia. *Feira da Economia Solidária e Agricultura familiar juntamente com a Feira do Mel*: Evento importante, o qual as associadas dividiram-se entre as oficinas e as barracas, e cada associada se responsabilizaria para trazer alguma comida. A participação nessas feiras faz cumprir o que propõe seu Estatuto: fortalecer a economia solidária, o bem-estar das trabalhadoras/trabalhadores sendo a renda de forma igualitária. Além disso possibilita que a AMBG tenha visibilidade para comunidade, ou seja, que o município saiba que a existência da associação, além da comunidade consumir seus produtos fortalecendo essa alimentação saudável e sustentável. *Torneio beneficente em parceria com Associação de Apicultores*: A AMBG organizou um torneio de Futebol amador beneficente realizado na Pecuária (Bairro de Baixa Grande) em apoio da Associação de Apicultores do município mostrando assim a AMBG se movimentando com outra Associação para fins em comum que beneficiem a comunidade. Sobre este evento não fica claro se as mulheres estariam ajudando a organizar ou seria as autoras deste evento, porém este evento mostra que as mulheres têm se envolvido em ações que beneficiem pessoas em vulnerabilidade social. Não se restringindo apenas as demandas que diz respeito a associação. *Atuação social com as crianças do Centro Referencial de Assistência Social*: a AMBG tem a iniciativa de levar a turma de crianças do CRAS para conhecer a sede e conhecer o trabalho desenvolvido. A ação da AMBG mostra algo muito importante sendo um diálogo com a comunidade. Dessa forma, apresenta as crianças principalmente o que é uma associação, o papel da mini fábrica na produção de polpas de frutas com qualidade e saudável, muitas vezes desconhecida por elas, revelando para o público infantil a importância da vida associativa. Além disso, da relação com o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) que acolhe pessoas,

desenvolvendo ações com pessoas em vulnerabilidade social. *III Semana de Cultura*: A AMBG recebe um convite da Coordenadora do Ponto de Cultura para este evento para expor seus produtos, a Associação aceita. A AMBG frequentemente se apresenta à disposição para participar destes eventos, pois além da visibilidade da sua produção, também fortalece o espaço cultural da comunidade. *Seminário de Economia Solidária em Salvador na Feira Baiana da Agricultura Familiar e Economia Solidária (FEBAFES)*: A participação das mulheres neste espaço mostra a valorização e o fortalecimento das mulheres à Economia Solidária. *Intercâmbio da Economia Solidária em Monte Santo*: A AMBG visita alguns empreendimentos da economia solidária, sendo a experiência de Monte Sabores de sua preferência. *Festival do Umbu Uauá*: participação das associadas na formação, mas não é especificado o teor do evento. Sobre essas relações:

Muito boa a gente teve crescimento através disso, também teve coisas a desejar, que nos pausou, nos cortou, não ajudou, no crescimento da associação, porque teve grupo, teve entidade, que foi muito boa a participação, nos ajudou tanto na formação de organização de produção, quanto em documentação, quanto em tudo isso, de comercialização. Já teve outros que exigia era querer de nós, entendeu? Iai como a gente não conseguiu dá aquilo que queria...aí ficou um pouco a desejar. (Margarida Alves)

-É sempre... eles apoia a gente, no caso o CESOL, o sindicato, a prefeitura, tudo apoia a gente. É as Cárita, as Cárita diocesana, também é parceira da gente. (Maria Felipa de Oliveira)

-O CESOL e associação buscam vários órgão como a Cárita, que tem sido agora, e também veio um monte de projetos e também teve parceria também algumas vezes tinha, né. Não sei agora né, porque começou as aulas agora, antes era com a prefeitura, de vender as polpa na merenda, na merenda escolar destinado um tanto, que a associação entregava, já adiantava bastante a associação, né? E também tem outros órgãos, que não tô lembrando agora, esqueci. Eu acho que só faz crescer a associação, né? Quanto mais a entidade a gente tiver, que ajude, que tá disposto a ajudar, a associação crescer. (Antonieta de Barros)

Por fim, a AMBG participou vários cursos e formações, tendo apoio técnico e científico destaca-se alguns *formação de gestores*: sendo uma formação e oficina para os/as presidentes, secretárias/rios e tesoureiras/os de associações do município. Neste caso mostra uma formação importante para as lideranças da AMBG, mas não foi evidenciado em ata a confirmação da

gestão, na formação, ou qual instituição estaria oferecendo a formação. Além disso, recorreu à DSOP: “A DSOP Educação Financeira é uma organização dedicada à disseminação da educação financeira no Brasil e no mundo, por meio da aplicação da Metodologia DSOP, criada pelo PhD. em Educação Financeira, educador e terapeuta financeiro, Reinaldo Domingos. Para atingir essa missão, a DSOP oferece uma série de produtos e serviços para pessoas, empresas e instituições de ensino, interessadas em ampliar e consolidar seus conhecimentos sobre Educação Financeira” (DSOP, 2022) A AMBG participa na formação de elaboração de projetos DSOP Brasil que aconteceu em Feira de Santana e a formação tem três (3) projetos elaborados. *SENAI*: A AMBG tem a pretensão de participar de um curso de Manipulação de alimentos. *Apoio científico*: A associada N16 informou sobre o curso que está fazendo na UFRB Educação do Campo e tendo a pretensão de fazer o Trabalho de Conclusão do Curso sobre a AMBG. Sendo assim, evidencia uma universitária na AMBG que tem interesse de pesquisar sobre a AMBG, porém ela não entra em detalhes e nem qual recorte de pesquisa, mas que pode vir contribuir com sua pesquisa para a Associação. *Apoio Técnico*: Um estudante em Educação do Campo com ênfase em Matemática da UFRB agradece as mulheres a ajuda no estágio obrigatório. Sendo assim, mostra que a AMBG está aberta para este tipo de trabalho mútuo da AMBG e estudante. Portanto, como colocado em “*XI-colaborar e dar apoio as iniciativas de cunho científico. técnico, cultural, esportivo e de interesse social*”: a Associação participou de eventos culturais, esportivos e sociais, os quais impactam na vida da comunidade, apoiando iniciativas científicas e possibilitando um estagiário, a exemplo também de aceitar essa e possibilitando a pesquisa científica a respeito da Associação dando bastante apoio com as informações necessárias para o trabalho de conclusão de curso.

Sobre as experiências de trocas, as informantes declararam ainda:

-Era uma empolgação, né? Porque tudo no início, pra nós era novo, aí a gente a cada dia, parecia que era uma coisa, que queria tanto aprender, que a gente deixou a gente se envolver pela essa oficina, e com isso teve muito intercâmbio, muito aprendizado, a gente visitou muitos empreendimento, muitas pessoas diferentes, conhecemos, e com isso buscamos muita experiência, então assim na realização, a gente sempre tinha o apoio aqui da FAB, também tinha o apoio do sindicato, lá da igreja. Aonde a gente reunia, ele nos ajudava também, com alimentação, e às vezes a entidade que vinha

dá as oficinas, também arcava com os custeio, e assim ia... (Margarida Alves).

-É se reunia todas as associadas no salãozinho que tem lá na associação e trazia o tema, elas escolhia quais queria, e eles dava, explicava, lá falando sobre e transmitindo, também tinha slide, vídeos para mostrar como... (Elizabeth Teixeira).

-Eles trazia a realidade do que deles fazia, no caso que faz lá, que trabalha, e pegava também o que a gente fazia aqui. A convivência da gente eles achava que era muito importante, aí eles falavam assim que era troca de experiência. Por que eles falavam a realidade deles e a gente falava da gente, e aí tinha aquelas trocas de conversa (Maria Felipa de Oliveira).

4.3 Impactos da atuação da AMBG

Das pautas defendidas, a mobilização em torno do terreno para a construção da mini fábrica e a sua infraestrutura para produção de polpas de frutas, garantindo uma renda para as mulheres associadas é o tema norteador em torno dos primeiros quatro (4) anos da Associação merece um especial destaque. Sendo assim, houve uma mudança de percurso do seu local não colocada em ata, para adquirir um prédio escolar, através da câmara legislativa, após conseguir, a AMBG se mobiliza em torno de conseguir recursos para a reforma do espaço, recorreu a rifas, bingos, atividades ou captando recursos através de editais em órgãos públicos ou privados, relações com políticos locais e doações de outras organizações.

A referida mobilização teve como mote a busca da autonomia financeira das associadas, possibilitando as mulheres uma condição melhor de vida, combatendo as desigualdades sociais as quais são vítimas. Portanto, desestruturando a divisão sexual do trabalho de dependência de seus maridos, estando estritas aos afazeres domésticos.

-Eu vejo sempre assim, as mulheres muitas vezes que num estuda, viu? Fica um pouco dependente do dinheiro do marido, aí tudo era o dinheiro do marido, aí muntchas vezes ela não acha que é capaz de fazer alguma coisa, né? Como eu já falei, às vezes a gente é capaz sim, basta a gente querer, é que muntchas às vezes a gente se acomoda no que o povo acha da gente, né? Mas a gente tem que lutar sim. Então o grupo de associação de mulheres, a gente já conversa muito às vezes é isso, a gente não pode ficar parada, aí motivou a gente a produzir e essa produção, a gente produz graças à Deus não é assim, tão valorizado como deveria, mas graças à Deus ajudou bastante (Antonieta de Barros).

-Pelo que eu... desde quando participo, foi porque tinha muitas mulheres que sofria depressão, outras é... sofria com como é que fala... violência doméstica, aí foi criada a associação para que elas tenha meio de renda e fosse independentes (Elizabeth Teixeira).

-Então acho que a comunidade ver assim, foi uma coisa nova no município, né? até então só tinha aquelas associações de comunidades, só pra organizar coisas nas comunidades, mas assim uma associação de beneficiamento nunca teve aqui, foi a primeira. Agora que vai surgindo outros novos grupos, mas foi a primeira associação, então foi um incentivo muito grande assim, pra poder hoje ter essas outras mulheres que acreditaram, que botam barraca que plantam, então tem outras associações, tem as de artesanato também, que é de Italegre que é associação de artesanato. Eu acho que foi um incentivo, foi muito importante tanto pra comunidade, tanto pra aquelas mulheres que participou desde do início (Joana Angélica de Jesus).

Para além da renda, nas falas das entrevistadas, outros motivos compõem o surgimento da AMBG, a exemplo da saúde mental. A depressão dessas mulheres evidencia como as associadas lidam com o problema de saúde mental.

Outra pauta e seus impactos, igualmente merece destaque: o nascimento de um novo grupo de tempero. Na AMBG, em uma reunião houveram várias discussões e sugestões de produção, decidindo pela criação de grupo de tempero. Neste processo houve algo que foi essencial para o nascimento do então denominado “Sabor da Jacuípe”, sendo o apoio da gestão 2013-2016 havendo uma organização coletiva, incentivo e solidariedade da gestão, às associadas. Dessa forma, o novo grupo compõe-se das mais novas associadas, constituída por uma Coordenação, Secretária e Tesoureira, mostrando assim, iniciativa dessas em querer participar e trabalhar na produção possibilitando o desenvolvimento da AMBG. Em dia 13 de novembro de 2016 a AMBG promoveu o primeiro mutirão para a construção da cozinha para o grupo de tempero. Nesse evento expressam-se então, a união, a solidariedade, o incentivo e a preocupação em buscar meios, a exemplo de recursos financeiros através de entidades, para que o grupo de tempero “Sabor do Jacuípe” fosse estruturado. Consequentemente, aponta para mais uma busca por independência financeira destas mulheres e o fortalecimento da própria Associação.

Nessa mesma linha da busca da autonomia financeira, a questão da comercialização dos produtos foi uma pauta de discussão enfatizada pela AMBG. Inicialmente as associadas mobilizaram-se em torno de opções de mercado, criando uma comissão responsável para a efetividade da ação: ampliar as possibilidades para as vendas de polpas de frutas. Portanto, uma das iniciativas importantes foi sugestão da Associada T (que na época era Presidente da Federação das Associações, a qual a AMBG é filiada) para a articulação com a Federação para comercialização dos produtos, sugestionando a sede da Federação, porém ainda seria decidido em Assembleia. Sendo assim, para o fortalecimento da comercialização, as associadas buscaram articulações com organizações, participação em feiras aos sábados no próprio município e nas cidades vizinhas, participação nos eventos, reuniões, oficinas, capacitações. Assim em uma reunião com outras organizações surge uma *Rede territorial de comercialização* – aqui é pertinente a utilização do termo Rede, apesar de não ser explicitado de como precisamente funcionaria essa Rede.

Desse modo, um marco importante para a AMBG foi a mobilização em torno da implantação da Barraca para comercialização dos seus produtos, assim havendo a proposta da venda parte de um terreno da Associação para a compra da barraca, sendo possível comprar uma barraca modelo Contêiner para a venda dos produtos durante a semana e não só aos sábados. A Barraca da Associação de Mulheres localiza-se em uma praça em frente do Mercado de Carne de Baixa Grande. Tal ação, configurou-se em um desafio vencido - uma conquista importante para AMBG, pois a partir daí estará mais dias na cidade dando visibilidade aos seus produtos.

Dessa forma, é importante ressaltar que ao longo destes anos, a forma de a Associação de Mulheres comercializar seus produtos está dentro dos princípios da Economia solidária e da Agricultura familiar. As mulheres têm participado de eventos deste teor e as organizações que assessoram também tem estes valores como base.

Por fim, outra ação sugerida pela Associada S, que apresenta uma proposta de aproveitar o óleo para a produção de sabão, caracteriza-se uma proposta que possibilita outro meio de renda para garantir o sustento das

mulheres, como também, uma ideia sustentável evitando o desperdício e a não poluição do meio ambiente.

Pela descrição dessas ações, se verifica que ao longo dos anos, a AMBG se mobilizou para resolver problemas financeiros, seja arrecadando dinheiro para registro do Estatuto (inúmeras vezes com muita criatividade como promovendo um sorteio de um carneiro ou um torneio de futebol na comunidade ou rifas ou bingos etc.) bem como, organizando e dividindo as tarefas mais contínuas e a longo prazo com e como outras via captação de recursos através de órgãos públicos ou privados.

Diante dessas mobilizações da AMBG, aqui volta-se à literatura específica quando conforme Sales (2007), no que tange à mulher rural e ao trabalho realizado, observa-se que apesar da intensa presença feminina nas atividades vinculadas a agricultura, não há uma valorização da sua participação. Portanto, eis aí o desafio: dar visibilidade à produção, comercializando para melhorar as condições de vida das próprias mulheres, já que segundo a mesma autora, mesmo atuando nas atividades rurais desde a infância, essas não têm o seu trabalho reconhecido, sendo esse reduzido apenas à condição de uma ajuda, além de permanecer invisível socialmente.

4.4 Das especificidades das questões e gênero na AMBG

Para análise do presente estudo, faz-se necessário elucidar o conceito sobre empoderamento feminino, inclusive por se apresentar em Atas e no Estatuto da Associação, movendo uma observação em torno da perspectiva das associadas através das entrevistas:

-Pra mim o empoderamento é a gente decidi que vai fazer e combinar e fazer (Maria Felipa de Oliveira)

-Num entendo...eu não sei não, falar logo a verdade... (sorriu) (Sebastiana)

-O empoderamento feminino eu acho interessante ... E alguns momento eu acho exagerado, entendeu? porque eu acho que você tem que continuar sendo mulher e acontece muitos casos que quando algumas mulheres ela ganha o empoderamento, não quer mais se relacionar com homens, e elas acham que não precisam mais de homens, e aí se tornar umas pessoas muito difícil. Inclusive a

gente tem alguns casos aqui em Baixa Grande, de pessoas que a gente não sabe o que é: se é homem, se é mulher, se é trans. Então eu discordo dessa parte, não é que eu seja preconceituosa, mas se você escolhe um gênero, você tem que ser aquele gênero, agora você ficar assim encima do muro... eu acho terrível, então acho que o eu empoderamento feminino quando criou, no primeiro momento que se criou, era questão de ela ter autonomia do seu próprio negócio, não ter que depender do homem, dela mesmo ter seus argumentos, seus critérios, mas não quer dizer que ela não possa ter um esposo ter filhos, e ter uma convivência normal, eu penso assim. Porque existe muitas mulheres que são assim, elas são casadas, aí mora na mesma casa, mas não dorme mais com o marido, não arruma outra mulher, não arruma outro homem e fica ali naquela casa como se fosse casada, mas ela não tem mais nada com aquele companheiro, não tem mais... só mora na mesma casa pra ser a aparência da sociedade, mas assim quando eu sento com elas pra conversar, eu tenho algumas, elas dizem que não sente mais nada pelo marido, mas não quer depreender daquilo. Eu acho terrível até na questão religiosa, eu acho assim um absurdo, entendeu? Porque eu acho assim se você é mulher e você tem um companheiro, você tem que ver com ele e dá exemplo pra sua família e seus filhos... E se você realmente não sente mais nada por ele, sente por outra mulher, você tem que assumir, e dá sentimento que seja essa outra mulher que sua companheira. Agora você fica não vai viver com a mulher, não vai viver com seu esposo, não procura outra pessoa, e fica essa pessoa assim... discordo essa é minha opinião própria. Não quer dizer que é da associação... Como eu... eu tenho encontrado essas dificuldade, no dia a dia com alguns movimentos. (Joana Angélica de Jesus)

-Nossa! Empoderamento feminino pra mim é tudo! Pra mim foi a minha escola é a minha vida. É o, sei lá, é o meu hoje, é o meu jeito de ver, eu abri os olhos, porque é o que nem falei lá atrás, se eu não tivesse tido, essa oportunidade, eu não sei se seria mais ninguém aqui, aí daí do pequenininho, foi o que se tornou o grande, eu não tenho nada, eu só participo da associação, mas eu sou empoderada a partir da associação, entendeu? Graças à Deus, é só tenho que agradecer. Porque o empoderamento feminino não é você ganhar dinheiro, não é você ser dona de fábrica, nem dona disso, nem daquilo, mas você saber abri os olhos, e dizer eu sou mulher, eu tenho meu direito, meus deveres, sou capaz, e sou capaz de fazer, e eu sou aquilo que eu sou, e você se respeitar, se aceitar, e você viver, cada dia, cada minuto, de acordo que você se sente bem, aí você ver a empoderada, entendeu? Porque não é o que o outro acha, mas é o que você acha, é o que você é. Aí você se empoderou porquê...enquanto você viver, “será o que tô fazendo é certo?” “será que é isso? Será que é aquilo... aí você tá mais pra os outros, e você tá entre o será...Você ainda não é empoderada, ainda você tá em processo, mas no momento que você diz, assim é isso! Aí você já se empoderou. Entendeu? Então pra mim... empoderamento feminino, não foi só dizer assim “eu me associei”. Eu consegui trabalhar, eu trusse uma renda mais pra dentro de casa, entendeu? Não, eu me empoderei no momento que eu abri meus olhos, e disse hoje eu aceito sou eu, eu não tô nem aí pra o que outro diz, porque eu sou mulher, eu posso lutar, entendeu? Eu tenho força! Aí é onde me senti empoderada! Hoje ninguém me pisa. Eu vou se eu quiser, eu faço se eu quiser, entendeu? Às vezes, tem coisa toda regra tem exceção, tem coisa mais que a lei, a gente precisa fazer, mesmo que a gente precisa fazer mesmo que a gente não queira. precisa fazer, mas nem

tudo porque antigamente, a gente era mandado que nem um cachorrinho na corrente, hoje a corrente é quebrada, entendeu? Eu não tenho mais vergonha, de chegar e falar, e chegar e dizer... Eu sou empoderada, eu trabalhei pra isso, e que eu acho, que a nossa associação de mulheres, tem pouquíssima mulher empoderada. Pouquíssima! Nós temos empoderamento, mas bem pouquíssimo, ainda tem aquela acorrentada, ainda tem aquela que não tem coragem de abri a boca pra falar, “porque eu não sei o que vou falar” fale o que seu coração sente. (Margarida Alves)

-Não, assim, né... não que eu saiba a resposta do significado, mas assim como você falou que tá entre aspas que... Pode pular? (Antonieta de Barros)

As falas das entrevistadas mostram que existem diferentes concepções sobre o conceito. Entre elas, concepções similares ao conceito de empoderamento feminino de Stromquist (*apud* Sardenberg 2009 p. 6) sobre as quatro dimensões: cognitiva, psicológica, política e a econômica para as mulheres atuarem em seu próprio benefício. Por outro lado, algumas associadas revelam o desconhecimento do conceito, e entre as entrevistadas expõe valores morais e uma visão religiosa a respeito das questões de gênero.

Em seu Estatuto, já se encontram alusões as questões de gênero importante a saber: no Art. 1^ª – *cuidar dos interesses comuns das mulheres, visando o crescimento social, cultural e econômico das mulheres*”, II- *adquirir a infraestrutura capaz de dá sustentabilidade as mulheres*. Nos incisos: “IV – *promover e estimular ações que empoderem as mulheres*; II – *promover a valorização das mulheres do município e combater as desigualdades às quais estão submetidas*; X-*estimular as ações de combate à violência contra as mulheres*;“

Ao longo da história da AMBG, observa-se que as mulheres associadas assumiram protagonismo à frente das suas demandas e nas tomadas de decisões, ou seja, fato que estar ocorrendo desde de 2014, diferente dos anos iniciais que existia ainda uma presença masculina nas mobilizações.

A AMBG demonstrou ser exclusivamente de mulheres, pelo menos o que registram as atas, apesar de inicialmente apresentar um homem na Assembleia coloca a respeito de um presidente, o sujeito apenas foi de caráter de formalização da associação, talvez o presidente da Federação das associações, mas não foi uma voz determinante nas ações destas mulheres e demonstra ter sido sua única participação.

Como exemplos, em suas ações, a AMBG discutiu, planejou e se mobilizou em torno da mini fábrica e o grupo de tempero para garanti a renda necessária visando a independência financeira das mulheres associadas

Por outro lado, nos anos iniciais da AMBG, no processo de mobilização em torno do terreno observa-se uma participação masculina. Sendo assim, o homem X indicou as mulheres que precisavam construir um abaixo assinado e o terreno seria no Prodecor. Entretanto, as mulheres se opõem diante desta colocação sendo que prejudicaria as mulheres na questão do deslocamento para o trabalho.

Diante disso, destaca-se que as mulheres não se influenciaram diante dessa figura masculina, já que essa representação carrega simbolicamente um poder dominante na sociedade, reafirmando assim autonomia para se opor em um momento que a decisão seria prejudicial para a vida das associadas. Mesmo assim, o Sujeito X esteve envolvido em todo processo de mobilização em torno do terreno, principalmente em um evento decisivo de visitação do terreno, consta que a Associada F (2ª Tesoureira) esteve presente também, tendo a aprovação de todas as associadas.

Dando continuidade, o Sujeito X participou de outras reuniões ajudando em demandas da associação, a exemplo do questionário de pessoa física e jurídica para abertura da conta da Associação, em outra ocasião em uma confraternização de fim de ano da AMBG em sua casa. Ao analisar a presença do Sujeito X nas reuniões, constatou-se algo questionável: no momento da avaliação da atuação da AMBG, em uma abertura de reunião, ele tece críticas à AMBG, de modo que age de forma impositiva. Nesta ocasião, o registro em Ata deixa transparecer que as mulheres não colocaram suas opiniões, não se posicionaram diante da posição desse homem, pois pode caracterizar um silenciamento dessa figura masculina.

Contudo, vale ressaltar que ao longo dos dez (10) anos essa participação masculina se restringe aos anos iniciais apenas. Nos anos consecutivos não é mais evidenciado sua presença, até então esta relação revela que apesar da Associação ser exclusivamente de mulheres, as mesmas não rejeitam a participação masculina, mas só como auxiliares nas demandas e sugestões.

-Não, no momento não tem nenhum homem porque assim no início nós tínhamos dois diretores do sindicato, que era Valdir e Orlando, um era secretário de agricultura do sindicato outro era secretário de formação. Então eles participava de reuniões com a gente quando tinha formação, eles ajudava no início da criação da associação mas hoje Valdir já faleceu e Orlando não participa mais. Então a gente só tem... único apoio que a gente tem de homem é de Cláudio da CPT que ele continua dando este suporte a gente quando precisa, de uma formação, de conquistar algum equipamento pra associação, ele sempre tá dando a força (Joana Angélica de Jesus).

-Lá a Associação é praticamente só mulher, aí no caso, homem só pra levar, pegar um frete, pra fruta, ou leva polpa pra algum lugar, é num tem nenhuma mulher que é motorista, aí a gente depende só mais disso... aí sempre a gente depende. Agora pra trabalhar mesmo, é só a mulher. E também as Cáritas a gente tem ajuda das Cáritas que lá trabalha homens, que a gente tem ajuda Gabriel no momento atual (Maria Felipa de Oliveira).

-Gente...Eu vejo alguns home ajudando, tem o marido de E que carrega... que carrega as pessoa quando precisa ir pro lugar, carrega o material, vejo outras pessoas também o marido de outras mulheres que ajuda, ajuda também a pintar lá, a limpar o lugar, mas ter home na associação eu num lembro não. Eu vejo assim que eles valorizam os trabalhos das mulheres e vejo também que eles querem ajudar também, a crescer, né? Então assim não sou todos os homens que pensa igual assim, mas tem uns que valoriza sim e ver ali também a mulher,, né batalhando pra aquilo, pra ajudar a família e acredito que eles gostam. Agora a associação ganhou o carro, né? Que antes dependia do carro de outras pessoa, dusotro e agora com carro próprio agora melhor (Antonieta de Barros).

-Nós temos a participação de homens sim. A associação é uma Associação de mulheres, mas nós temos sim, mas porque nós temos, porque na limpeza da área, a gente precisa, a gente paga, mas a gente precisa de homem, pra pegar as caixa pesada a gente às vezes precisa de homem, entendeu? Na produção, várias coisas que a gente faz, a gente precisa de homem, então a gente coloca esse homem quem, nossos filho, nossos marido, mas coloca, então a gente direto ou indireto, nós temos a participação de homem sim, entendeu? Dentro da associação. Direta ou indiretamente ele já participa, ele que faz a entrega da polpa, é eles que faz, ele que faz a entrega da fruta, é eles que faz, direta ou indiretamente ele já participa, limpeza do local, entendeu? Eles quem traz nos que nem o meu mesmo que me traz pra reunião, então ele tá envolvido, de qualquer forma, quando a gente faz as festa da associação, é família, aí nós vai levar filhos e marido, então eles estão envolvido com nós, de qualquer forma, só não tá sócio da associação (Margarida Alves).

Ou seja, mesmo o Sujeito X estando presente, as associadas protagonizaram na atuação. Esse protagonismo começa a intensificar ao longo

dos anos, envolvidas nas demandas, tomando decisões, dialogando com instituições, entidades em outros projetos que se seguiram.

Outro ponto importante a ser ressaltado é a solidariedade entre as mulheres, pois elas se opuseram à colocação sobre a localização para a construção da minifábrica do terreno ser no Prodecor, mostra um ato de solidariedade entre elas, pois houve uma preocupação com o deslocamento das mulheres para o trabalho, levando-se em conta que, majoritariamente, as mulheres são da zona rural. Sendo assim, o Prodecor é um bairro de Baixa Grande, não localizado no Centro da Cidade, que fica no contorno da cidade, saindo para Mairi-BA. Dessa forma, para as mulheres dificultaria o acesso à minifábrica, sendo que poderia tornar a jornada mais exaustiva de trabalho, pois é importante considerar que muitas delas são mães, donas de casa e, obviamente, trabalhadoras rurais.

É necessário destacar a 1ª Tesoureira E, ela é a voz que mais tem se destacado nas Atas e apesar de ela estar em um cargo da associação e que exige uma postura de tomar iniciativa, foi observado que tal atitude pode significar ir além, pois pode constituir uma autonomia enquanto mulher e liderança, algo muito importante para fortalecer a associação e influenciar as associadas ter esta postura mais participativa. Sendo assim, apesar da ressalva de que nem todas as mulheres colocam suas opiniões nas reuniões ou estarem à frente das demandas, ainda assim, quem está assumindo as responsabilidades e se mobilizando são as mulheres associadas.

Contudo, enquanto nas Atas as abordagens de assuntos/questões de gênero ainda foram poucas, bem como, são ausentes assuntos tais como, violência contra mulher, por outro lado, estão presentes, segundo as informantes nas entrevistas:

- Os assuntos é sobre violência doméstica, estupro com as adolescentes, sobre o que mais... e como tem sido feito é em palestras, é reuniões, sempre (Elizabeth Teixeira).

-Sempre a gente teve, a mulher deu uma palestra pra gente falando de mulher que o marido bate, que é espancada, até verbalmente mesmo, sempre elas passa pra gente. A gente tem palestra sobre isso (Maria Felipa de Oliveira).

-Sim, a gente já fizemos várias reuniões em comunidade, falando sobre o direito e os deveres das mulheres, sobre gêneros, né, sobre essas coisas, e autoestima, tudo isso, a gente já fizemos principalmente a gente conta com o apoio da secretária de mulher do sindicato, porque a associação em si própria, ela ainda não encontra essa força, pra fazer sozinha pra caminhar sozinha, mas isso essas decisões de ajudar as mulheres, tá no planejamento da Associação, então tudo que depender de ajuda de mostrar seus direitos e tudo a gente tá lá...(Margarida Alves)

- Sim, essa questão do direito sempre foi dito, né? que o homem tem seu direito e a mulher tem seu direito acho que qualquer associação, , já foi pra aquelas mulheres que já tinha esse medo de ir, de procurar o seu espaço, o seu lugar, e aí já foi discutido este lugar este autoconhecimento de si, de seu valor como mulher. Inclusive essas mulheres que fizeram parte da associação, eram mulheres tímidas assim, submissas, muitas vezes e mudaram, né, a forma de pensar. Eu nesse caso sempre fui uma mulher liberal, já participava de movimentos, então quando arrumei meu companheiro, ele já me conheceu assim, eu nunca tive nenhuma dificuldade quanto espaço (Joana Angélica de Jesus).

-Sim, inclusive, teve duas oficina recente com Flávia Pália que foi discutido sobre isso... Mais ou menos... ela falou da importância da mulher na sociedade, em questão salários de homens e mulheres, da mulher sempre baixo, a pele da mulher negra, as mulheres brancas tem mais espaço do que as negras...e sim. (Elizabeth Teixeira)

-As menina sempre discutia isso, né? pois sempre tem que ter homens e mulher (sorriu) em todo lugar e as mulher sempre tá mais de frente que os homi (Sebastiana).

Das ações específicas, vale o destaque ao 8 de Março - Dia Internacional da Mulher, que é uma data que costuma ser lembrada pela Associação e celebrar essa data mostra que há identificação enquanto mulher que luta pela sua autonomia e reivindica seus direitos. De tal modo, em um evento do 8 de Março, as associadas combinaram vestir uma farda da AMBG que possibilita visibilidade da Associação às outras mulheres. Além disso, em outro evento do dia 8 de março promovido pela Secretária das Mulheres do STTR, a associada D da AMBG e outras associadas participaram da comemoração no povoado do Tabuleiro. Portanto, a presença das mulheres como associadas da AMBG, neste evento dentro de uma comunidade pode possibilitar a abertura de diálogos com mulheres de outras comunidades.

-...a gente da associação, a gente num vê um evento de mulher como elogio, mas sim como conquista, como busca de um novo mundo porque nós da associação, a gente mudou através do dia internacional da mulher, e nesse dia, tava celebrando foi o que?

Foi a luta das mulher? Ou celebrando conquistazinha de mulher? Não! Foi a conquista que muitas morreram pra poder chegar até ali, e muitos manda é uma flor “Feliz pelo seu dia, num sei o que, num sei o que” Aí a gente fala assim: Gente do céu quem não tem o conhecimento dessas coisas tá de baixo do pé do homi e dizendo “obrigado pelo meu dia da mulher. Entendeu? A gente primeiro tem que saber o que a gente tá vivendo, pra depois a gente celebrar! Eu tenho assim no meu coisa do whatsapp: “É preciso entender para atender porque se eu não te entendo como é que te atendo. A gente primeiro temos que entender, eu tô sendo bem valorizada pelos homens pra depois eu dizer muito obrigada, por a gente não tá sendo, então a gente mudou, a associação mudou em si, eu tô dizendo a gente mudou, a gente associação, entendeu? Nós mudamos através de conhecimentos, e a gente quer só pra nós, não, a gente quer buscar mais pessoas, entendeu? (Margarida Alves)

E ainda sobre a atuação política da AMBG, junto as mulheres da comunidade, a associação já planejou uma atividade com mulheres das comunidades para explanar como podem se associar, sendo a primeira ação junto as mulheres da comunidade de Cancelas. Denota-se como a AMBG tem interesse pela realidade das mulheres, procurando cumprir o que consta em seu Estatuto de que tange ao “crescimento econômico e social” das mulheres do município. A associação mostra engajada com as mulheres para trazê-las para a vida associativa.

-Não, na verdade é um pouco fechada, lá só discuti a questão das associadas mais mesmo, não tem outro espaço pra outras mulheres, que não são sócias, fazer parte, das nossas reuniões, das formações quando tem, só as mulheres mesmo as associadas mesmo. O grupo de beneficiamento de polpa, tinha um grupo que tinha as formações e começou a trabalhar, aí depois abriu espaço para outro grupo que chegou novo do grupo de tempero, aí esse pessoal também se associou, e começou as formação junto, mas outras mulheres que não são sócias não participa (Joana Angélica de Jesus).

-Então a gente já fizemos muitos eventos, é Km 4 com as mulheres de lá, em Italegre, ai assim, aqui em baixo na Catinga, e por ai tá... e todos os eventos que tem sobre mulher, sempre tem uma representatividade da associação, entendeu? Falando sobre as mulheres, por mais que fala pouco, que às vezes ... sempre quem representa falando dos direitos das mulheres e sempre coloca eu, (sorriu) e eu sou tímida, eu falo muito com você, mas quando eu chego em público, dá assim aquela coisa, entendeu? Eu ainda tenho. (Margarida Alves).

-É sempre promove feiras, pra incentivar as mulher, vender alguma coisa, já tem a barraca da associação mesmo não tando produzindo pra ver se leva alguma coisa pra barraca, pra ver se fortalece, infelizmente, nem todo mundo quer. (Maria Felipa de Oliveira).

Também, o Dia das Mães é uma data que as associadas da AMBG dão especial importância. A 2ª Secretária em uma reunião leu uma mensagem sobre mãe e filhos. Assim, entre as associadas existem mães motivando a reflexão na AMBG sobre a maternidade de suas associadas.

No que tange a formação sobre gênero, devido a relação com a CESOL de Pintadas, a instituição ofereceu uma capacitação para AMBG na qual foi disponibilizando um técnico e a Associada E (1ª Tesoureira) na ocasião sugeriu o tema gênero. Assim, efetivamente em 2016, AMBG recebeu uma capacitação cujo o tema fosse “Empoderamento Feminino” sendo assim a associada E (Vice Coordenadora) informou as demais associadas sobre como foi sua participação da formação do SICOOB de Baixa Grande com o tema, sendo de 4 etapas e a apresentação da associação foi feita em uma etapa.

Por outro lado, esta ação representou o que seu próprio Estatuto da AMBG se propõe no Art. 1ª inciso IV se propõe: “promover e estimular ações que valorizem e empoderem as mulheres.”

Um fato importante ocorreu em 2015, quando a AMBG buscou crescer a organização integrando mulheres que pudessem fortalecer a organização. Assim a Associada E (1ª Tesoureira) colocou sobre a importância da filiação de novas mulheres. Como estratégia escolhida, cada associada iria convidar duas ou três mulheres para se associar e o resultado dessa mobilização foi a associação de doze (12) mulheres, todas elas das comunidades rurais em torno do município de Baixa Grande. Dessas novas associadas, pelo menos duas irão compor os cargos para a organização do grupo de tempero em novembro de 2015. Vale ressaltar que uma nova associada F15 expõe que se associou na AMBG por conta do interesse de fortalecer a luta das mulheres. Dessa forma, demonstra que a associada entrou com essa perspectiva de gênero, ou seja, ver o espaço da AMBG como um lugar de emancipação das mulheres e deseja mudança na realidade de opressão enfrentada.

Sobre os eventos, no que tange a construção de propostas para mulheres, a AMBG participou da *Conferência Inter territorial de Juventude Rural em Feira de Santana*. A associada F (1ª Secretária) ressaltou em reunião pré-evento, a importância de se participar destes espaços e que era necessário a participação das associadas e sugerindo que colocassem seus

nomes como delegadas de várias conferências, contribuindo para a melhoria e construção de propostas para as mulheres. Deste modo, demonstrando que a integrante buscava incentivar as demais associadas a construir propostas para as mulheres na sociedade que ultrapassam a Associação. Sendo assim, estes espaços da sociedade civil possibilitam uma troca de experiência com outras mulheres.

Como exemplo, há o *GT Mulheres do Território*: sobre este Grupo de Trabalho, que a AMBG participou, como uma articulação de mulheres de Baixa Grande ou uma articulação das mulheres da Bacia do Jacuípe, sendo assim as mulheres do território de identidade.

Refletindo sobre essas trocas, as informantes declaram:

-Várias vezes, eu acho que nem precisa a pessoa ir muntcho longe ou ver Brasil longe, então a gente ver mais também em Baixa Grande e onde a gente mora porque isso não sei o que é, já tá na cabeça dos homi, um meio que já veio desde do tempo da Bíblia, muntcho, muntcho muntcho anos e ficou com isso até hoje na cabeça dos homi, então é uma coisa que quando a criança nasce, já tem aquele como se fosse o ensinamento aquela divisão, quando vai na Escola também, a Escola assim assim, já tem que tratar com igualdade, mas não é o que a gente ver, né? Pode falar sobre a divisão que você ver...Desde quando a gente chega e diz assim "Esse brinquedo é só de menino, esse brinquedo é só de menina" a gente já ver uma divisão" Aí a criança já vai sentir "Oxen, porque essa criança é só de menino e esse é só de menina" A gente já tem aquela divisão na cabeça e assim a gente ver na sociedade, o jeito que muntchas vezes o jeito de falar com as criança, de preender as criança, " ah não isso aqui é só de mulé" só essas coisa já vai, discriminação diminuindo (Antonieta de Barros).

-A gente já fizemos muitas oficinas sobre isso, porque na cabeça das nossas mulheres, como eu mesma já falei, ela achava que primeiramente tinha que cuidar do marido, dos filhos pra depois cuidar de si própria, e isso foi uma grande discussão, dentro da associação sim, que o marido tem o mesmo direito que ela tem de fazer todo trabalho que ela faz pra que se tornasse igual, porque a gente bem mais trabalha bem mais que eles, e não ter essa igualdade, nem no recebimento do dinheiro, nem e nem nada. Vou dizer logo assim, nem nada, primeiramente o homem e nois depois, e aí pra isso discutimo sim, várias oficinas, várias reunião, falando sobre essa desigualdade, que agente trabalhava que a gente recebia bem menos de que o marido, que a gente continuava trabalhando, porque quando chegava em casa, a gente ia ter que cuidar de filho, cuidar de casa, cuidar de almoço, de roupa, disso, daquilo, e enquanto ele trabalhava lá e chegava em casa, sentava. Isso foi muito discutido, teve algumas famílias dentro da associação que mudou, que o marido já ia pra cozinha, fazia comida, tem gente que ainda faz, sabe? Cuidava dos filho, mas teve muito da associação que não mudou (Margarida Alves).

-Só esse meio assim de convivência de homens, a homem e mulher não pode tá junto que já pensa outras coisa, hoje já vejo que não é assim que homi e mulher pode trabalhar junto sem maldade, sem outras intenções (Elizabeth Teixeira).

Assim, verifica-se ainda que as associadas já refletem sobre como a divisão sexual do trabalho condiciona as situações das mulheres na sociedade e como a existência e a participação na AMBG impactam essas situações:

-Eu vejo assim as mulheres continuam na batalha, né, na valorização do espaço feminino porque é como falei, o espaço feminino não é valorizado como deveria, então assim quando a gente ver como vi ontem numa reportagem, aqui no Brasil só existe doze mulheres prefeita, então quantos zomis é prefeito aqui no Brasil assim, que tem o cargo, né, e pouquíssima mulher, porque né.. como passou ontem, eles esquecero de colocar pra mulher, aquele 120 dia do porque a mulher tem que ficar em casa, porque da amamentação do filho, da criança, eles esquecero de fazer isso porque as leis, porque as leis a maioria quem faz é o zome, então esqueceu que prefeito, mulher do (no) governo também precisa também desse período de amamentação da criança. Porque as leis são os homens que tão criando, então dá o espaço pra eles, as leis se a mulher se a mulher fosse fazer, eu acredito se a mulher fosse participar mais das leis, da constituição brasileira, eu acredito que as leis seria diferente, seria as leis mais de igualdade pra todos, porque fala sempre na constituição, igualdade pra todos, né isso que acontece, né? (Antonieta de Barros).

-Eu acho que as associada foi melhor das que num tem... Eu , no meu pensar pra gente que foi associada foi melhor, que a gente num tinha nosso dinheiro, aí nois passou ter nosso dinheiro, todo mundo foi construindo alguma uma coisa que tinha vontade, né... e asoutra acho que num teve solução nenhuma sobre isso não (Sebastiana).

Somada a influência direta na condição material da associada, outros impactos nas diversas áreas das vidas das associadas foram relatados:

-Muntcha alegria, minhas amiga, né? O que mudou foi isso, né? Tem gente que não conhecia passei a conhecer então pra mim foi muito bom isso aí. Eu falar a verdade, eu gostei muntcho porque eu tinha um probemazinho de depressão e depois que entrei na associação de mulher eu fiquei, posso dizer sã, né? Porque eu encontrei aquele grupo, né? de mulher, i aí a gente foi desenvolvendo trabalho, desenvolvendo também minha mente, né? E pra mim foi muntcho bom a associação (Sebastiana).

-Sim, eu acho que a associação ajudou a gente bastante, porque assim, às vezes, assim a gente não participava de reuniões, aí a gente na associação participa de reunião, a gente viaja, e antes a gente não tinha isso, eu mesmo era difícil viajar assim, viagem assim

de associação. Pra mim foi bom porque além de a gente produzir a polpa, eu mesma faço o doce de leite toda semana, e levo pra barraca, pra mim já é uma ajuda, já é um pouquinho, né? (Maria Felipa de Oliveira).

-Um incentivo, oportunidade e isso, a forma de pensar, né, oportunidades que antes não tinha, começa aparecer, né? Conhecimento, então aprendi muita coisa. A gente aprende coisas novas, como a produção de polpas mesmo, ensina bastante, tem oficinas que a gente faz aprende, como produzir um produto e o custo ser pequeno, não ter muito prejuízo, essas (Elizabeth Teixeira).

-Eu acho que sim porque quando a gente se torna assim associada, a gente, assim, a gente ver o mundo de forma diferente, no mundo que somos capazes, como já falei, então na Associação, valoriza a mulher como tem essas reuniões, quando tem essas palestra então ajuda na cabeça da mulher, muitas vezes a gente fica em casa retraída sem ver que todas quando faz uma coisa, é bela, né, por exemplo, na arte viu? Eu nunca digo... eu já ensinei em vários lugares, em várias localidades, até lá no Km 4 também, pintura, então quando eles faz pintura, eu nunca digo na sim tá errado, porque eu não acredito que nenhuma arte é errada, né? Cada um ver de acordo a cabeça a maneira de fazer, Por exemplo fizer um contorno que não é perfeito como eu gostaria que fosse, né, mas como ele fez na cabeça tá ok, tá certo, só que a gente pode se aperfeiçoar mas nunca tá errado, né? Por que fez e quando a gente ver, que vejo assim...é uma senhora de setenta e setenta e oito ano fazendo isso é uma vitória, e eu vejo assim que muntchas senhora tá ali por exemplo de Santa Cecília de vários lugares perto de Baixa Grande, que elas mudaro a vida dela através de artesanato, ela diz assim, elas ficavam em casa e como elas já tinha essa idade, elas pensava que não era capaz de fazer algo que mudifica-se a vida delas e o jeito delas de ser. Ai então assim sempre elas só faziam as coisas de casa eu quando chegava na pintura, eu num vou conseguir ai colocava na cabeça delas que elas iam conseguir sim, bastava elas acreditar nelas, que elas ia conseguir, ai elas fazia, e com isso pegaro gosto, né? E muntchas que tava na depressão, saiu da depressão e até hoje assim me agradece, umas liga pra mim, dizer manda a foto, "Ah eu fiz isso, aqui diferente, aí que queria lhe mostrar. Aí tem uma senhora lá de Baixa Grande, 75 ano, ai ela faz o trabalho dela e manda pra mim, mas ela teve ruim, sabe de depressão mesmo, perdeu peso, ficou magrinha, ela entrou no artesanato e quando ela entrou no artesanato, quando ela pegou gosto, e quando ela entrou no artesanato transformou a vida dela, ela pegou gosto e ela faz artesanato direto, direto mesmo, isso é uma vitória... né? (Antonieta de Barros).

-Sim, é na verdade, como te falei, ser sócia de uma associação, você fazer parte de um conjunto pra você trabalhar no coletivo, né? Então a ideia de aumentar a questão do desenvolvimento, na questão de você ter seu próprio dinheiro, de você ter seu autoestima elevada, né? então pra mim só ajudou. A associação sempre dá essa segurança, né? Você faz parte da associação onde e é de mulheres, onde todo mundo tem sua renda,

então como já te falei, eu sempre fui essa pessoa que tinha esse pensamento, né, de cobrar meus direitos, de ir pra luta, desde dos 13 anos, que eu estou na lutas, sindicato, as mulheres, igreja, como um todo, então só me ajudou a crescer, mais ainda, né? você ter mais um empoderamento maior ainda, né? A partir das discussões que a gente teve na associação (Joana Angélica de Jesus).

As informantes ainda expressam o efeito ampliado da existência da AMBG:

-Eu acho que sim, a gente deixou vínculo em várias comunidade, quando a gente foi construir a casa do tempero, nós fomos pra uma comunidade que eu nem conheço, fazer um evento, onde elas nos apoiaram, as pessoas da comunidade mais próxima que organizaram, as mulheres que era vinculada associação foi quem organizaram e convidou a associação, nós como associação todas fomos, marido, filho, com uma turma muito grande, nós convidamos a prefeitura, e nós fizemos um torneio, um torneio de badoque, eu nem sabia o que era isso, nós fizemos foi muita gente, foi muito apoiado, com a gente conseguiu, os prêmio, até um carneiro, pra poder fazer a nossa rifa do dia a gente conseguiu, a gente conseguiu fazer leilão, trouxe um bom dinheiro dessa comunidade, sem a gente conhecer, só que a gente ficou tão bem conhecido dentro da comunidade...E toda comunidade, e todas as mulheres se empenharam, pra poder tá ali junto, pra poder fazer, e esse dia foi um dia muito especial muito bom, esse foi um evento muito produtivo, entendeu? (Margarida Alves).

- As frutas que iam perder a gente aproveita, no caso a gente pode vender passar pra associação, a gente já ganha um dinheirinho das fruta, a gente tem uma contribuição, quando sobra pra gente e também levar um alimento saudável pra as criança (Maria Felipa de Oliveira).

-Olha a associação da gente tem trazido vários benefícios para as mulheres que não são associadas, porque no período que eu era que eu trabalhava na associação, e acredito que até hoje, eu pagava direta ou indiretamente a não sei quantas mulheres mensal, pelas frutas que elas colhiam e trazia para associação, elas estava sendo da associação, direta ou indiretamente e, ela tava sendo associação, ela só não era sócia, mas ela catava umbu, e trazia até nós, ela catava acerola, catava cajá, e eu tinha aquela lista de produtora, tinha homem também, sabe? Mas mais era feminina! Oooxe chegava me encher de orgulho e dizer que a mulher tá lá aproveitando suas fruta do quintal, e trazendo. Então mudava sim... Tinha mulher que dizia "Graças à Deus" quando eu dizia essa semana não tem como te pagar. Ela dizia não importa, o importante que eu tenho meu dinheiro, isso me enchia de orgulho. Entendeu? Então com certeza mudou muito a vida. Eu tenho uma vizinha que ela sócia da associação, que já tá velha, tem 60 anos...aí ela trabalhou muito com a gente, ela dizia assim, que a associação pra ela, é como se fosse uma mãe, porque quem tirou ela do buraco, foi a associação, e eu morria de ri, quando ela dizia assim "eu vou fazer pra mim um sobradinho, lá no sobradinho eu vou colocar polpa, geleia, e bolachinha de goma" e vai botar como? Vou botar uma plaquinha polpa, geleia e bolachinha de goma. E eu dizia: E se eu povo bater lá pra comprar, não é comprar é conseguir com esse dinheiro. Eu morria de ri eu achava tão

impossível, tão impossível, eu dizia nunca vai conseguir, e ela não conseguiu porque ela adoeceu, ela teve que sair da produção, ela aposentou, ela conseguiu fazer a casinha dela com a aposentadoria dela, mas muitas mulheres conseguiu realizar sonho com isso mesmo com a polpa de fruta... geleia [risos] e a bolachinha de goma. Eu tô dizendo é uma história! Ai quando eu lembro das conversa dela, eu ri... né gente? teve um bocado que conseguiu, teve muita que conseguiu pra nossa casa, as vossa casa, o que era nossas casa pra hoje, podemos dizer que temos casa, antigamente a gente tinha lá uma casinha de qualquer jeito depois disso fomos aprendendo a buscar nossos direito, depois da associação, a gente não sabia o que era um PNAE um PAAE, ai a gente sabia vender pro PNAE e o PAAE... A gente implantou quasemente estes projeto, ai o prefeito pegou a brecha da gente, pegou o nosso... como é que diz aproveitou pra ser o dono do implante das coisa, mas quem buscou essas coisas foi a associação da mulheres, nós não temos nome, é o nome do prefeito, entendeu? Porque na época dele, a implantada dentro da prefeitura que é que leva? A fama? Não é prefeito? Foi implantada através do prefeito, mas através da gente do nosso conhecimento, do nosso buscar, entendeu? O PNAE e PAAE, implantou dentro de Baixa Grande porque foi as primeira vendedora foi a gente da associação de mulheres, a gente vendia o que, vendia polpa mas a gente vendia a nossa farinha, o nosso feijão, o nosso milho, nosso coentro coentro, nossa cebolinha (Margarida Alves) .

Em conclusão, as associadas expressam os desafios atuais e para o futuro da AMBG,

-A associação hoje não tá boa, num tá boa assim, pa tá boa é difícil, mas hoje a maior dificuldade que tá associação, foi a questão da pandemia, que parou as aulas, que a gente vendia as polpa pa escola e parou, a gente vai ver agora se vai ter uma retomada agora, porque tá tudo parado (Maria Felipa de Oliveira).

-Eu vejo um pouco parada, desanimada, o que era entendeu? Porque do projeto que a gente tá em mão, pra receber, uma unidade, câmara fria, com carro, com tudo que a gente tem direito, eu não tô vendo essa empolgação, toda, era tá mais empolgado, eu até temo, às vezes, sozinha, chegar um dia da associação, sei lá...mas tenho medo de uma dia a associação desanimar, entendeu? Porque ela já teve bem mais animada sem nada, que hoje que ela tem tudo, mas é por isso que elas têm que buscar novas mulheres, porque eu acho que as mulheres nossa já tem uma coisa, e acaba conhecendo tudo, e deixando um pouco a desejar (Margarida Alves).

-Eu vejo mei caidazinha porque dessa pandemia, mas se num fosse isso ela tava bem de pé (Sebastiana).

-Então como falei a nível de associação, eu acho que deveria ter uma abertura pra novos sócios, pra poder fortalecer mais a questão de aumentar o grupo, porque sinto que alguns estão afastado, e eu tô achando muito poucas pessoas pra poder assumir, tanto a parte de papelada burocrática, quanto a parte, como também os trabalhos, tá ficando muito restrito, pessoas mesmo, recursos humanos. Muito pouco sócio pra poder, tô achando muito pouco porque como te falei tem algumas que tão sócia, mas é mesmo que

não tivesse, que não tá ativa. Um espaço no momento bom, né? Acho que no momento bom, onde é um lugar que você discuti, que você onde ver algo, sei lá, tem de uma forma de pensar diferente, tem mais de uma pessoa, cada uma vai dá sua ideia, então o espaço de associação, é muito bom. Agora o que tô achando é que falta pessoas, mais pessoas, eu volto a mesma tecla, porque sem pessoas, a associação não vai adiante, né? vai chegar uma hora que a pessoa que tá lá, vai cansar, e aí... Pra mim o desafio é esse encontrar mulheres pra ampliar, e o outro a questão de... e o desafio é fazer alguma ação diretamente da associação, as ações geralmente é feita, mas cada associada do seu lugar, não é feita assim uma ação da associação. Acho que a associação, tinha que fazer, né? Uma ação dela mesmo, como o sindicato desenvolve, vamos dizer, um campeonato rural, um sei que lá, uma coisa assim, a associação não desenvolve, pra mim seria um desafio, e o outro desafio seria a questão das vendas dos produtos, mesmo que eu ainda acho pouco, porque pra mim se tivesse mais vendagem, elas teriam mais incentivo pra produzir, então, às vezes, foi perdendo o incentivo de produzir, porque não tinha o espaço de escoar o produto. Todo o órgão, toda entidade que vem ajudar a gente diz que vai ajudar nessa parte, começa e depois acaba não fazendo diretamente, entendeu? (Joana Angélica de Jesus).

-O desafio da associação é todos os dias, todo o dia a gente tem um desafio, o desafio da gente sair de casa, deixa os filho e os marido pra ser estar, pra gente consegui fazer, arrumar, ajeitar, manter, carregar... já é um desafio, desafio a cada dia que a gente passa, escoar nosso produto, da gente conquistar os nosso espaço porque é tudo desafio e dá gente manter a associação mesmo com toda essa dificuldade que a gente enfrenta é outro desafio... e de deslocamento pra chegar até a unidade é um desafio grande, e também o maior desafio é consegui, novas pessoas que tenha o mesmo empenho que a gente possa dá continuidade a história (Margarida Alves).

E então, “Minha vida mudou!”

-A associação é exemplo de tudo de mudança na minha vida, antes eu tinha grupo de jovem, de criança, eu trabalhava com religião, eu sempre fui elétrica, entendeu? Assim como eu sou conversadeira... mainha dizia que era conversadeira, eu sempre fui fácil de fazer amizade, porém era muito tímida, eu aprendia com facilidade, eu passava com facilidade, o que eu aprendia, só que a timidez acabava comigo, eu não conseguia, só conseguia mal cantar, porque eu sempre cantei, cantava em igreja, em evento, nisso naquilo, mas livrando disso, eu não fazia mais nada porque a timidez não me deixava, aí eu fui perdendo, os pouquinhos, perdi um pouquinho com esses grupo, depois desses grupo, eu estacionei, eu casei, eu estacionei, acabou, pra me fazer uma apresentação na escola, ave maria! Faltava o coração sair junto, porque na hora que eu ia falar, o coração saia junto. Menina, o que me salvou foi a associação, associação... foi a que deu mais salto na vida, e que ta me dando até hoje. Entendeu? Porque hoje eu não tenho medo de me expressar do jeito que eu sei, porque não tenho direito de falar bonito, nem dever de falar bonito, pra ninguém eu tenho que falar eu sei, entendeu? Então pra mim é um salto, porque antigamente ficava com medo de errar, e os povo me criticar, hoje que me critique, eu to lá ligando, quem me critica, que paga minhas contas sou eu.

Entendeu? Quem luta por minha vida sou eu! Na hora que preciso ninguém vai lá me ver. Então que me critique! Que essa crítica eu pego pra eu crescer, tanta gente que me critica, eu volto fico ali me observando e cresço encima daquilo, entendeu? Se for construtiva eu cresço, se for destrutiva, ai que eu vou observar mais, entendeu? Hoje a associação fez com que eu desse uma volta por cima, de várias coisas, não tenho medo de enfrentar hoje quase nada, eu não tenho medo de enfrentar hoje nem minha vida, e nem a sociedade. Nós tem medo porque tem coisas que são maiores que nós, falar verdade. Eu mesmo quanto ao racismo, eu ainda tenho medo, ao machismo eu ainda tenho medo, hoje tem várias mulheres morrendo por conta disso (Margarida Alves).

De tal modo, através das entrevistas, surgiram aqui e ali, falas que mostram que será uma questão de tempo para eclodirem cada vez mais o necessário enfrentamento de algumas questões de gênero.

Observa-se nas falas das entrevistadas, como nos registros das Atas que citam assuntos como o empoderamento político das mulheres nos espaços públicos, através de participação em eventos apresentados neste relatório.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relatório ora apresentado, trouxe o percurso e os resultados da investigação que aborda a Associação de Mulheres de Baixa Grande-BA (AMBG), mais nomeadamente que analisa como se dá sua atuação social e política no município de Baixa Grande-BA no período de 2010 a 2019.

Para tanto, buscou-se identificar a estrutura e organização da AMBG; as ações de articulação da associação com outros atores sociais e compreender a atuação da associação dentro da perspectiva de gênero.

Pautou-se em conceitos tais como: associativismo (Putnam,1970, 2006; Luchman,2000); ação coletiva institucionalizada associativa - o associativismo no Brasil (Ganança,2006; Avritzer,1997; Martins,2019); Sales (2007); associativismo e participação feminina rural no Brasil (Serrano,2014; Heredia e Cintrão, 2006; Bruno,2011 e Melo, et al, 2014) dentre outros/as; sobre empoderamento (Sardenberg, 2009; dentre outras).

Como principais resultados, a investigação verificou que quanto à questão da Participação, nos dez (10) anos da AMBG, se deu de forma concisa, salientando-se que as associadas se dispersam em diversas formas de Participação que não apenas em assembleias/reuniões, caracterizando por

participação em feiras, na produção, nas vendas, na organização de eventos, Participação em Formações etc., tudo isso considerando a realidade dessas mulheres - marcada pela maternidade e pela divisão sexual do trabalho. Assim, na maioria dos anos de sua existência, não houve enfrentamento intensivo dos motivos para a baixa participação e apenas nos anos mais recentes a AMBG instituiu estratégias para aumento do número de associadas e conseqüente amadurecimento e fortalecimento da Participação na e pela AMBG. De tal modo, a investigação identificou ainda o caráter pedagógico da participação e das ações desenvolvidas pela AMBG.

Assim, na maioria dos anos de sua existência, não houve um enfrentamento intensivo das questões de gênero o que leva a pensar que os motivos para tanto são as demandas da própria AMBG em relação ao número de associadas. Além disso, o enfrentamento de forma como se apresenta pela AMBG, pode se relacionar aos valores, aprendizados adquiridos na educação familiar que reproduzem os papéis hierárquicos de gênero, pois às mulheres “são reservados os cuidados domésticos”.

Quanto à baixa participação, apenas nos anos mais recentes a AMBG instituiu estratégias para aumento do número de associadas e conseqüente amadurecimento e fortalecimento da Participação na e pela AMBG. De tal modo, a investigação aponta ainda o caráter pedagógico da participação e das ações desenvolvidas pela AMBG.

Entretanto, vale ressaltar que o desafio da Participação na AMBG, segue um quadro nacional para realidade do associativismo, bem como o associativismo rural. Um associativismo voltado para o desenvolvimento ou facilitação de atividades produtivas e, se isso aplicou-se historicamente ao associativismo protagonizado por mulheres rurais, o desafio colocado para o associativismo protagonizado por mulheres tornou-se no contexto capitalista e patriarcal brasileiro um desafio específico e super dimensionado.

Além disso, a Associação caracteriza-se como um espaço que possibilitou as mulheres para além de um vínculo organizacional, uma vez que propicia relações de amizade, confiança e fortalecimento entre as associadas.

Dos anos estudados, os temas/questões de gênero, teve uma abordagem ainda pequena pelas associadas em registro em Atas e quando entrevistadas, as elas em geral não abordaram com profundidade os temas, apenas uma

associada abordou de fato com mais detalhes analisando a sua própria vida. Mas, é muito importante ressaltar que nessa parte da entrevista na qual existiam questões sobre a posição dela enquanto mulher e as mudanças em sua vida, família etc., a informante diz que foi após se associar a AMBG, que percebeu um problema privado que vivenciava.

Por outro lado, as entrevistadas expuseram sua percepção sobre a desigualdade de gênero existente na sociedade e família, mostrando as ações que a AMBG desenvolveu em conjunto com outras mulheres.

Aborda-se aqui então, o caráter pedagógico da Participação ao qual estão sujeitas as associadas da AMBG. Isso expressa-se por exemplo na observação da diferença entre os anos iniciais da Associação, quando se verifica a presença masculina ajudando nas decisões e na construção das demandas e os dias atuais quando se constata uma maior autonomia dessas mulheres onde essa presença masculina desapareceu praticamente. As associadas assumiram um maior protagonismo na sua atuação desde os anos iniciais antes da formalização da AMBG, ainda que haja um grupo pequeno de associadas se mobilizando em torno das pautas. O mesmo caráter pedagógico viabiliza-se através dos diálogos estabelecidas com esses inúmeros atores: organismos, outras organizações e com políticos locais. Mesmo que ainda não seja possível mensurar o grau de amadurecimento com certeza no futuro as ações da AMBG inevitavelmente expressaram o amadurecimento desse processo.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. Etnografia da prática escolar. Campinas: Papirus, 1995.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith & GEWANDSZNAJDER, Fernando. O Método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning Ltda, 1999.

AVELAR, Lúcia. A relação Estado/Sociedade, a participação política e os atores. In: MARTINS, Martinez Santos. Associativismo e Participação Política: uma análise das Associações Comunitárias Rurais de Feira de Santana-Bahia. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial - Mestrado Profissional, Universidade do Estado de Feira de Santana, 2019

AVRITZER, Leonardo. Um novo desenho institucional para o novo associativismo. *Lua Nova*, Revista de Cultura e Política, São Paulo. n. 39, 1997, p. 148-174

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARTLIWALA, S. "The meaning of women's empowerment: new concepts from action" In SARDENBERG, M. B. Cecília. Conceituando "Empoderamento" na Perspectiva Feminista. 2006 12 f. Artigo – NEIM/UFBA, Bahia, 2006. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf> Acesso em fevereiro de 2021.

BRUNO, Regina et al. Organização produtiva das mulheres assentadas da reforma agrária. In: BUTTO, Andrea et al. Autonomia e Cidadania: Políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2011. p. 55-86.

BRANDÃO, Tatiana Frey Biehl; BORGES, Janice Rodrigues Placeres. Mulheres Empoderadas – Uma Experiência de Gestão no Sertão Nordeste. 2016. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento rural) – Universidade Federal de São Carlos, 2016. p. 27-29 Disponível em <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/7896/DissTFBB.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso 20 de fevereiro de 2022

FARAH, Marta Ferreira Santos. Gênero e políticas públicas. Estudos feministas in OLIVEIRA, Vanderleia Alves de; DIAS, Acácia Batista e OLIVEIRA, Ildes Ferreira de Oliveira. A organização de mulheres rurais através de grupos de produção no município de Heliópolis/BA In MACHADO, Marcos William Kaspchak (org). Impactos das tecnologias nas ciências humanas e sociais aplicadas 5. Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcgiclfndmkaj/https://www.atenaeditora.com.br/wp-content/uploads/2019/03/Impactos-das-Tecnologias-nas-Ci%C3%AAsncias-Humanas-e-Sociais-Aplicadas-5.pdf>. Acesso em março de 2021.

GANANÇA, Alexandre Ciconello. Associativismo no Brasil: características e limites para a construção de uma nova institucionalidade democrática participativa. 2006. 144 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em <https://repositorio.unb.br/handle/10482/6650?mode=full>, Acesso maio de 2021

YIN, Robert K. Estudo de Caso: Planejamento e Métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de; CINTRÃO, Rosângela Pezza. Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro. Revista Nera, Presidente Prudente, n. 8, jun. 2006 p.1-28.

KABERR, Kabeer. "Resources, Agency, Achievements: Reflections on the measurement of women's empowerment." IN SARDENBERG, M. B. Cecília. Conceituando "Empoderamento" na Perspectiva Feminista. 2006 12 f. Artigo – NEIM/UFBA, Bahia, 2006. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf> Acesso em fevereiro de 2021

LÜCHMANN, L. H. H. Abordagens teóricas sobre o associativismo e seus efeitos democráticos. Revista Brasileira de Ciências Sociais. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 29 N° 85.,2012

LISBOA, Teresa Kleba. O Empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais. Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder, Florianópolis, ago. 2008.

MARTINS, Martinez Santos. Associativismo e Participação Política: uma análise das Associações Comunitárias Rurais de Feira de Santana-Bahia. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial - Mestrado Profissional, Universidade do Estado de Feira de Santana, 2019

MÉLO, Anastácia Brandão de; MORAES, Lorena Lima de; COSTA, Michelly Aragão Guimarães. Grupo de Mulheres Rurais "REICLARTE": a fuga do cotidiano. In: REDOR, 18., 2014, Recife. Anais.... Recife, 2014.

MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. 23a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

OLIVEIRA, Vanderleia Alves de; DIAS, Acácia Batista e OLIVEIRA, Ildes Ferreira de Oliveira. A organização de mulheres rurais através de grupos de produção no município de Heliópolis/BA In MACHADO, Marcos William Kaspchak (org). Impactos das tecnologias nas ciências humanas e sociais aplicadas 5. Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnibpcjpcglclefindmkaj/https://www.atenaeditora.com.br/wp-content/uploads/2019/03/Impactos-das-Tecnologias-nas-Ci%C3%AAscias-Humanas-e-Sociais-Aplicadas-5.pdf>. Acesso em março de 2021.

PIZZORNO, Alessandro. Introducción al estudio de la participación política. In: KAPLAN; PIZZORNO, Alessandro; CASTELLS. Participación y Cambio Social en la problemática contemporânea. Buenos Aires: Siap-Planteos, 1975

PUTNAM, Robert D. Comunidade e Democracia: a experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2008.

ROCHA, Décio e DEUSDARA, Bruno. Análise do Discurso e Análise do Conteúdo: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. Alea, Rio de Janeiro, v.7, n.2. p. 305-322, Dec. 2005.

SALES, Celecina de Maria Veras. Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos. Revistas Estudos Femininos, Florianópolis, v. 15, n. 2, ago. 2007. p. 437-443

SANTOS, Cleide Magali dos. Movimentos e a Dimensões Pedagógica da Participação Política num Contexto de Institucionalização da Participação. In: BRAGA, Hilda Maris de C.; NUNES, Eduardo José F.; MENEZES, Maria Lúcia P. (Org.). Territórios de vida. Territórios de luta: habitação, segurança alimentar, sustentabilidade e lazer na vida do trabalhador. 1ed. Feira de Santana: UEFS Editora, 2013, v., p. 39-67. Disponível em https://www.academia.edu/6259253/Movimentos_Sociais_e_a_Dimens%C3%A3o_Pedag%C3%B3gica_da_Participa%C3%A7%C3%A3o. Acesso fevereiro 2021

SARDENBERG, M. B. Cecília. Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista. 2006 12 f. Artigo – NEIM/UFBA, Bahia, 2006. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf> Acesso em fevereiro de 2021

SCHEFLER, M. L. N. Gênero, autonomia econômica e empoderamento, o real ao aparente: sistematização de processos de investigação-ação e/ou de intervenção social. Revista Feminismos, Salvador, v. 1, n. 3, p. 1-20, set./dez. 2013

SERRANO, Julia Scaglioni. Mulheres da Borborema construindo a agroecologia e a igualdade de gênero. Bananeiras: UFPB, 2014, p. 138.

SILVEIRA, Ricardo de Jesus. O legado dos movimentos sociais dos anos 70-80. In MARTINS, Martinez Santos. Associativismo e Participação Política: uma análise das Associações Comunitárias Rurais de Feira de Santana-Bahia. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial - Mestrado Profissional, Universidade do Estado de Feira de Santana, 2019

SOUZA, Eduardo Nogueira dos Santos. Associação de Moradores, Espaço Político e Democracia. CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, VII, 2014, Vitória -ES. Anais. s\d

OLIVEIRA, Maria do Socorro de Lima. Cooperação entre camponeses: um estudo a partir dos fundos rotativos solidários. 2006. 180f. (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande - Paraíba - Brasil, 2006. Disponível em: [Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFCG: Cooperação entre camponeses: um estudo a partir dos fundos rotativos solidários](#). Acesso em: 13 de março de 2021

STROMQUIST, Nelly P. "Education as a means for empowering women" In SARDENBERG, M. B. Cecília. Conceituando "Empoderamento" na Perspectiva Feminista. 2006. 12 f. Artigo – NEIM/UFBA, Bahia, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf> Acesso em fevereiro de 2021

TRIVINOS, A.N.S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

CARITAS, Fundo Rotativo Solidário Fortalecendo Comunidades, p. 19, 2020. ESTATUTO da Associação de Mulheres Baixagrandense (AMBG), ano 2011 AMBG, PROJETO UNIÃO, s\n

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE ASSOCIAÇÃO E INDUSTRIAL BRASILIENSE. Associação vs cooperativa. Disponível: <https://www.aciabrasiliense.com.br/pagina-inicial> Acesso em: 20 de março de 2018

BANCO DO NORDESTE. Sobre o Banco. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/sobre-o-bnb> Acesso: 24 de fevereiro de 2021

BANCO DO NORDESTE. Sobre a agricultura familiar. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/agricultura-familiar> Acesso: 24 de fevereiro de 2021

BANCO DO NORDESTE. Missão e Valores. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/missao-visao-e-valores>. Acesso: 24 de fevereiro de 2021

BANCO DO NORDESTE. Forma de atuação. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/sobre-o-banco/forma-de-atuacao> Acesso: 24 de fevereiro de 2021

CÁRITAS BRASILEIRA ORGANISMO DA CNBB. História. Disponível em: <https://caritas.org.br/historia>. Acesso: 25 de fevereiro de 2021

CÁRITAS BRASILEIRA ORGANISMO DA CNBB. Regionais. Disponível em: <https://caritas.org.br/regionais> Acesso: 25 de fevereiro de 2021

CÁRITAS BRASILEIRA ORGANISMO DA CNBB. Economia Popular Solidária. Disponível em: <https://caritas.org.br/area-de-atuacao/2> Acesso: 25 de fevereiro de 2021

CÁRITAS BRASILEIRA ORGANISMO DA CNBB. Formação. Disponível em <https://caritas.org.br/area-de-atuacao/3> Acesso: 25 de fevereiro de 2021

CÁRITAS BRASILEIRA ORGANISMO DA CNBB. Mulheres e Equidade de gênero. Disponível em: <https://caritas.org.br/area-de-atuacao/7> Acesso: 25 de fevereiro de 2021

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA CPT. Histórico. Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/sobre-nos/historico> Acesso em: 21 de fevereiro de 2021

CONAB. A Conab. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/institucional> Acesso: 22 de fevereiro de 2021

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL. A Car. Disponível em: <http://www.car.ba.gov.br/node/234> Acesso: 10 de março de 2021

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL. Bahia Produtiva. Disponível em: <http://www.car.ba.gov.br/projetos/bahia-produtiva> Acesso: 10 de março de 2021

DESENVOLVIMENTO RURAL- SDR. Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural BAHIATER. Disponível em: <http://www.sdr.ba.gov.br/index.php/bahiater> Acesso: 21 de fevereiro de 2021

DESENVOLVIMENTO RURAL- SDR. Serviço Territorial de Apoio à Agricultura Familiar. Disponível em: <http://www.sdr.ba.gov.br/home> Acesso: 21 de fevereiro de 2021

DSOP. DSOP. Disponível em: <https://www.dsop.com.br/blog/sesamo>. Acesso 20 de fevereiro de que ano 2020

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DE EDUCAÇÃO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Programa Nacional de Alimentação Escolar PNAE Histórico. Disponível em: <https://www.fnede.gov.br/index.php/programas/pnae/pnae-sobre-o-programa/pnae-historico> Acesso em: 10 de março de 2021

O BANCO NACIONAL DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL BNDES. Quem somos. Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/quem-somos#:~:text=Fundado%20em%201952%2C%20o%20Banco,os%20segmentos%20da%20economia%20brasileira>. Acesso: 22 de fevereiro de 2021

O BANCO NACIONAL DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL BNDES. Responsabilidade social e ambiental. Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/quem-somos/responsabilidade-social-e-ambiental>. Acesso: 22 de fevereiro de 2021

O BANCO NACIONAL DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL BNDES. Pronaf- Programa Nacional da Agricultura Familiar. Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/financiamento/produto/pronaf>. Acesso: 10 de março de 2021

SECRETARIA DO TRABALHO, EMPREGO, RENDA E ESPORTE. Centros Públicos da Economia Solidária. Disponível em: <http://www.setre.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=218>. Acesso: 22 de fevereiro de 2021

UNISOL BRASIL CENTRAL DE COOPERATIVAS E EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS. Quem somos. Quem representamos. Missão e Valores Disponível em: <http://portal.unisolbrasil.org.br/quem-somos/> Acesso: 24 de fevereiro de 2021

APÊNDICES

REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Foto 1- Sede da Associação de Mulheres Baixagrândense - BA



Fonte: Autoria própria

Figura 2 - Barraca da Associação de Mulheres Baixagrândense - Bahia
Localizada em frente do Mercado Municipal de Baixa Grande



Fonte: Autoria própria

Figura 3 - AMBG na Feira da Agricultura Familiar-Saberes e Sabores



Fonte: Autoria própria



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA- UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CAMPUS I- DEDCI
COLEGIADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistada na pesquisa de campo referente a pesquisa intitulada Participação: um Estudo de Caso da Associação de Mulheres Baixagrاندense (AMBG)- Bahia, desenvolvida por Ramille Silva Bastos. Fui informada, ainda, de que a pesquisa é orientada pela Profa. Dra. Cleide Magáli Santos, a quem poderei consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail cmsantos@uneb.br. Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informada dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é conhecer e discutir a Participação: um Estudo de Caso da Associação de Mulheres Baixagrاندense (AMBG)- Bahia. Fui também esclarecida de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos. Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semiestruturada [a ser gravada ou não a partir da assinatura desta autorização]. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e/ou sua orientadora. Fui ainda informada de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Salvador, maio/junho de 2021

Assinatura do pesquisador: _____

Assinatura da participante: _____

Assinatura da participante: _____

Assinatura da participante: _____

Assinatura da participante: _____

Assinatura da participante: _____

Assinatura da participante: _____

Assinatura da participante: _____

Assinatura da participante: _____

Assinatura da participante: _____



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA- UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CAMPUS I- DEDCI
COLEGIADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

PESQUISA: Participação: um Estudo de Caso da Associação de Mulheres Baixagrاندense – Bahia (AMBG)

POR: Ramille Silva Bastos

ORIENT. Profa. Dra. Cleide Magáli dos Santos

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA INFORMANTES DA AMBG

IDENTIFICAÇÃO

- ✓ Nome
- ✓ Idade
- ✓ Estado civil
- ✓ Escolaridade (estudou até que série?)
- ✓ Teve/Tem filhos (as)?
- ✓ Você desenvolve outra atividade além da sua atuação na associação?
- ✓ Qual sua comunidade\ povoado?
- ✓ Hoje muito tem se discutido sobre a identidade racial. Pode falar sobre? Como você se ver?
- ✓ Cargo na Associação
- ✓ Anos de associada
- ✓ Religião (se possui ou não alguma fé, ou crença)

A. Sobre o surgimento da AMBG

1. Sobre a Associação, pode falar sobre as motivações\motivos para sua criação?
2. O que você sabe sobre a implantação ou a fundação da AMBG? Como foi?
3. Sobre a conquista do terreno para mini fábrica, você sabe como foi para consegui-lo?
4. Saberá falar sobre como foi a decisão entre as associadas para adquirir\compra do terreno?
5. Quanto a escolha do terreno, houve algum motivo para decidi ou não por um local?

6. Pode falar como é\foi a escolha das mulheres para executar os trabalhos na mini fábrica?

B. Questões de Gênero

1. Atualmente muito tem se discutido sobre as mulheres nos espaços de decisão? A associação tem pensado sobre?
2. Ao longo destes anos, vocês discutiram o lugar que homens e mulheres ocupam na sociedade?
3. Sobre a igualdade social de homens e mulheres a AMBG discutiu\discutido sobre?
4. A associação foi importante\contribuiu para você tomar as próprias decisões diante da vida, família, na própria associação e entre outros espaços que você participa? Se sim, pode falar sobre e trazer exemplos?
5. A Associação tem pensado sobre a participação das mulheres associadas e não associadas na sociedade nos espaços de poder? Se sim, como tem feito?
6. Sobre a participação de homens, há na associação? Como ver essa participação?
7. Se tornar uma associada mudou algo na convivência com a família na sua casa? Se sim, pode falar sobre, trazer exemplos...?
8. Pode falar se tornar uma associada mudou na sua relação com marido\companheiro\o\ namorado\o? Se sim, pode citar exemplos?
9. Você poderia falar como o seu marido\companheiro\o, namorado\o (caso tiver) ver sua participação na AMBG?
10. Quanto a relação com homens em geral, você percebeu alguma mudança, após a ser associada, na forma de lidar com eles? Se sim, pode trazer exemplos?
11. A associação tem dialogado sobre os problemas sociais que as mulheres enfrentam por serem mulheres? Se sim, quais problemas vocês percebem que elas enfrentam?

12. Sobre a atuação da AMBG que diz respeita às mulheres associadas, tem feito iniciativas?
13. A AMBG tem se envolvido em espaços para o fortalecimento da luta das mulheres? Se sim, qual foi este espaço e como foi para você?
14. Através deste espaço foi possível você perceber algum problema que você enfrentava\enfrenta por ser mulher? Se sim, poderia falar sobre o problema?
15. Poderia falar sobre se a associação buscou dialogar com outros grupos/outras organizações de mulheres?
16. Quais assuntos vocês trabalham com as mulheres da comunidade\povoado? E como tem sido feita?
17. Se associar trouxe bem-estar\autoestima para você? Pode falar como foi?
18. Poderia falar sobre o chamado “Empoderamento Feminino”, se sim, o que é para você?
19. Como você vê os temas debatidos hoje sobre a luta das mulheres e seus problemas enfrentados?

C. Participação

20. Poderia falar como vê as reuniões? Apresenta muitas discordâncias, concordâncias, poucas discussões ou muitas?
21. Como decidem abertura das reuniões, quem traz as pautas, como se dá?
22. Poderia falar sobre as associadas que mais se colocam em reuniões ou está à frente das ações?
23. Como você vê a participação das associadas para se discutir as pautas e na tomada de decisões?
24. Como distribui as responsabilidades para atuar pela AMBG, a exemplo participar de negociações, espaços como eventos, conselhos, feiras... diálogos com outros grupos\organizações\instituições...?
25. Vocês costumam planejar as ações da AMBG? Como funciona?

- 26.. Você se envolve nas ações construídas pela AMBG. Se sim, como?
27. Ao longo destes anos, houve algo que impediu de você participar de alguma ação da Associação. Se sim, qual?
- 28.. Como se dá a decisão das associadas para compor a chapa na eleição?
29. Qual sua opinião sobre as gestões da Associação ao longo destes 10 anos?
30. Sobre o afastamento das associadas da organização? Tem havido? Se sim, saberia me dizer por quais motivos houve o afastamento?
31. A AMBG buscou soluções para trazer estas associadas e novas associadas?
32. Houve mudanças após as providências tomadas para solucionar estes problemas?
33. Quais meios de comunicação são usados para as discussões e avisos de reuniões, decisões, ações sobre as pautas da AMBG?
34. Quanto a relação entre você e as associadas dentro da associação. Como ver?
35. Poderia falar sobre sua participação na Associação? Como tem sido?
36. Você se considera atuando ou afastada na AMBG? Pode falar sobre os motivos?
37. Você é filiada em algum partido?
38. Além da AMBG, você participa de outro grupo ou instituição?

D. Sobre a relação com as entidades e instituições

39. Poderia falar sobre se a Associação buscou relações com entidades\instituições\grupo\organização?
40. Você poderia falar sobre como foram as parceiras ao longo do tempo que você está associada?... (Escolas, entidades religiosas, cooperativas, associações...); Órgãos da

Prefeitura?(secretarias, conselhos...), órgãos do Estado?(participação em algum programa federal...)

41. Qual a sua opinião das entidades em geral que a AMBG manteve relação?
42. Poderia falar sobre o papel do Sindicato Rural de Baixa Grande na AMBG?
43. Você é sindicalizada?
44. Poderia falar sobre se houve algum problema ou conflito com alguma instituição\grupo\entidade? Você pode falar sobre sem citar a entidade\instituição caso preferir...
45. Poderia falar sobre como eram feitas as formações e oficinas das entidades as quais se relacionaram, trazer exemplos...?
46. Você considera que nessas relações houveram trocas de experiências entre a Associação e a entidade\grupo\instituição? Pode trazer exemplo?

E. Políticos local e estadual

47. Ao longo destes anos a AMBG teve diálogos com políticos locais e estaduais (prefeitos ou vereadores)? Como foi a relação com os políticos locais e estaduais?
48. Em 2012 teve eleições para prefeito sendo um candidato Pedro Lima Neto (PT) que ganhou a eleição. Em 2016 tivemos outra eleição tendo mudança na gestão para o candidato Heraldo Miranda (PMDB). Houve diálogo da Associação com os dois? Se sim, poderia falar como foram as relações com os dois prefeitos e se houve diferença entre os dois gestores?

F. O HOJE

49. Gostaria de saber como você ver a AMBG hoje?
50. O que mudou em sua vida depois de se associar?
51. Poderia falar sobre de como você ver o espaço da Associação para as mulheres?

52. Quais benefícios da Associação para a vida das mulheres associadas e mulheres da comunidade?
53. Qual a visão da comunidade que você acha que ela tem da AMBG ao longo destes anos e atualmente?
54. Quais ações tem feito pela comunidade?
55. Tem se discutido ou atuado em prol das desigualdades sociais? Quais?
56. Desafios? Falta alguma coisa para você na AMBG?